



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Márcia Scarpari De Giacomo

**ESCOLA NORMAL DE PIRACICABA (1913-1945):
PATRIMÔNIO ESTÉTICO-CULTURAL**

A large, light blue decorative graphic in the bottom half of the page, consisting of a series of overlapping, curved lines that create a pattern of irregular, organic shapes, resembling a stylized globe or a network of connections.

Rio Claro
2016

**ESCOLA NORMAL DE PIRACICABA (1913-1945):
PATRIMÔNIO ESTÉTICO-CULTURAL**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilena A. Jorge Guedes de Camargo.

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio
Claro, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Educação.

Rio Claro
2016

370.9 Giacomo, Marcia Scarpari de
G429e Escola Normal de Piracicaba (1913-1945) : patrimônio
estético-cultural / Marcia Scarpari de Giacomo. - Rio Claro,
2016
176 f. : il., fots.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Marilena Aparecida Jorge Guedes de
Camargo
1. Educação - história. 2. Instituição educacional. 3.
Cultura. 4. Estética. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: ESCOLA NORMAL DE PIRACICABA (1913-1945): PATRIMÔNIO ESTÉTICO-CULTURAL.

AUTORA: MÁRCIA SCARPARI DE GIACOMO

ORIENTADORA: MARILENA AP J GUEDES CAMARGO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARILENA AP J GUEDES CAMARGO
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro

Prof. Dr. JOAO PEDRO PEZZATO
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro

Prof. Dr. EDIVALDO JOSÉ BORTOLETO
Programa de Pós-graduação em Educação / Área de Ciências Humanas e Jurídicas / Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ

Rio Claro, 06 de setembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me abonou energia e benefícios para concluir esse trabalho.

Agradeço à minha família nuclear: Evandro, Gabriela e Igor, grandes incentivadores para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Em especial ao meu marido Evandro, solícito em todas as horas - porto seguro perante as dificuldades encontradas durante o percurso.

À minha orientadora, Professora Doutora Marilena A. Jorge Guedes Camargo, por sua amizade, apoio e contribuição neste trabalho.

A todo o corpo-docente do Programa da Pós-Graduação em Educação, com os quais adquiri muitos conhecimentos teóricos presentes neste trabalho.

Aos professores da banca, Professores Doutores Edivaldo José Bortoleto e João Pedro Pezzato, pelo aporte por meio de conselhos, sugestões e incentivos, ao longo da realização desse estudo.

Ao coordenador do Curso de Pós-Graduação em Educação, Professor Doutor César Donizete Pereira Leite, pela amizade, disponibilidade e significativas contribuições.

Agradeço às novas amigas concretizadas ao longo desta etapa de vida: Cecília, Natanael, Sueli, Filipe, Thelicia e Nijima. De modo especial agradeço à amiga Cecília Kerches, pela disponibilidade, pelo apoio e esclarecimentos dedicados a mim, no decorrer de minha caminhada acadêmica.

Muito obrigada aos participantes das entrevistas, por concederem um pouco de seu tempo e narrarem parte de suas histórias de vida, as quais trouxeram importantes subsídios para esse trabalho.

Enfim, agradeço a todos com quem me relacionei ao longo dessa jornada, que direta e indiretamente auxiliaram para a conclusão deste trabalho.

"Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis".

Italo Calvino (1990, p.138)

RESUMO

Esta dissertação trata da temática da investigação histórica educacional brasileira, circunscrita à cidade de Piracicaba, na abordagem de elementos relativos ao período de edificação e da história das fases iniciais da primeira Escola Normal de ensino público e laico deste centro urbano. Por meio de fontes advindas do acervo da Escola Normal de Piracicaba (atual Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba), de estudos bibliográficos relacionados ao tema e de entrevistas realizadas com antigos alunos da instituição referida, este trabalho se propôs, sob a adoção do método qualitativo, focar questões pertinentes à cultura estética, desenvolvida e ambientada nesta instituição, no período entre 1913 e 1945. Apresenta o escopo de investigar, registrar e descrever o que concerne à concepção desta cultura nesse espaço/tempo – tanto a que emoldurou o edifício da Escola Normal de Piracicaba, quanto a que foi desenvolvida por educadores que lecionaram nessa instituição escolar, no período que compreende, no âmbito político nacional, a Primeira República e o Estado Novo. Este trabalho implica também refletir sobre o extravasamento dessa cultura do microcosmo escolar para o macrocosmo urbano, ou seja, evidenciar a divulgação da estética produzida por antigos professores e alunos formados na instituição para o universo da cidade de Piracicaba.

Palavras-chave: Instituição: educacional e escolar. Escola Normal. Cultura. Estética.

ABSTRACT

This dissertation concerns the historic research of Brazilian education, circumscribed in the city of Piracicaba, addressing elements of the early stages of the first Normal School of public and laic education. Through sources of the Escola Normal de Piracicaba (nowadays known as “Escola Estadual Sud Menucci de Piracicaba”), referring to bibliographical studies related to the subject and interviews with former students of the institution, this study proposes, through the adoption of the qualitative method, to focus on issues relevant for the aesthetic culture, developed in this institution, during the period between 1913 and 1945. Proposing to assess, rescue and report what concerns the conception of this culture in this space/time - the one that framed the building of the Normal School of Piracicaba, as well as the one developed by educators who have taught in this institution in the period comprising the national political context of the First Republic and the “New State”. The objective of this work is to reflect about the spillover of this school microcosm culture for urban macrocosm, that is, to highlight the disclosure of aesthetics produced by former teachers and graduates from the institution, to the universe of the city of Piracicaba.

Key Words: Institution: educational and scholar. Normal School, Culture, Aesthetic.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1: Livro-ponto da Escola Normal de Piracicaba	26
FOTO 2: Empresa Elétrica de Piracicaba.....	46
FOTO 3: Rua do comércio (atual R. Gov. Pedro de Toledo).....	49
FOTO 4: Escola Complementar de Piracicaba.....	50
FOTO 5: 1ª Turma de Professores do 1º Grupo Escolar de Piracicaba.....	52
FOTO 6: Representantes do PRP em Piracicaba.....	58
FOTO 7: Fundação da Escola Normal de Piracicaba.....	59
FOTO 8: Escola Normal de Piracicaba.	61
FOTO 9: Entrada Principal da Escola	62
FOTO 10: Pintura neoclássica na parede direita do Saguão	63
FOTO 11: Pintura neoclássica na parede esquerda do Saguão.	64
FOTO 12: Placa 1 - em uma das paredes do Saguão.	64
FOTO 13: Placa 2 – em uma das paredes do Saguão.....	65
FOTO 14: Sala de Música - Frente.	66
FOTO 15: Sala de Música – Fundos.	66
FOTO 16: Pintura de Diogo A. Feijó.	67
FOTO 17: Pintura Ventre Livre	67
FOTO 18: Pintura Proclamação da República.	68
FOTO 19: Vista Parcial do Salão Nobre.	68
FOTO 20: Pintura mural da parede lateral da escada.....	69
FOTO 21: Escadaria do lado esquerdo.....	69
FOTO 22: Sala de aula.	70
FOTO 23: Corredor de um dos blocos da Escola.....	71
FOTO 24: Painel de fotos de professorandos de 1923.....	71
FOTO 25: Vista parcial da Biblioteca.	72
FOTO 26: Honorato Faustino de Oliveira.....	73

FOTO 27: Docentes na Entrada Principal da Escola – década de 1920.....	75
FOTO 28: Quadro de fotografias de alguns docentes.	77
FOTO 29: Professor e Maestro Lázaro R. Lozano.....	79
FOTO 30: Professor Lázaro Lozano e Família.	79
FOTO 31: Capa de Livro de Lázaro R. Lozano.	80
FOTO 32: Conjunto Orquestral do Maestro Fabiano Lozano.....	81
FOTO 33: Orfeão da Escola Normal.....	82
FOTO 34: Orfeão Piracicabano em frente ao Teatro Santo Estevão.	84
FOTO 35: Autorretrato do Professor Manoel R. Lourenço.	85
FOTO 36: Professor e Maestro Benedicto Dutra Teixeira.	86
FOTO 37: Erotides de Campos quando estudava na Escola Normal.	88
FOTO 38: Flauta de Erotides de Campos.....	88
FOTO 39: Caderno de Química do Prof ^o . Erotides de Campos.	89
FOTO 40: Caderno de Composições do Prof ^o Erotides de Campos.	91
FOTO 41: Professor Elias de Mello Ayres.....	92
FOTO 42: Poncho de brim do Prof ^o . Elias de Mello Ayres.	93
FOTO 43: Lavadeiras no Rio – 1918 – Alípio Dutra.	97
FOTO 44: Casa do Caboclo – 1919 – Alípio Dutra.....	97
FOTO 45: Charge sobre o estado da Arte em Piracicaba – 1917.....	98
FOTO 46: “Auto Retrato” Antonio de Pádua Dutra.	99
FOTO 47: Barcos Ancorados -1927.....	100
FOTO 48: Natureza Morta – 1924 – João Dutra.	101
FOTO 49: Manual de Campanha Constitucionalista.....	101
FOTO 50: Casa do Povoador.	103
FOTO 51: Retrato de Sud Mennucci.....	104
FOTO 52: Os irmãos Dutra com o escultor João Baotista Ferri.	104
FOTO 53: Prof ^o Honorato Faustino e Prof ^o Lourenço Filho.....	105
FOTO 54: Professor Thales Castanho de Andrade.	107
FOTO 55: Capas de Livros do Prof ^o . Thales C. de Andrade.	108
FOTO 56: Prof ^o Thales C. de Andrade, entre docentes da década de 1920.....	110

FOTO 57: Hélio Almeida Manfrinato – década de 1940.	114
FOTO 58: Geraldo Claret Mello Ayres.	128
FOTO 59: Jandyra Silveira Leite com Orfeão de Normalista.	142
FOTO 60: João de Oliveira Bueno Filho.	149
FOTO 61: Maria Ignez Trevisan em desfile cívico.	157

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 A Pesquisa: objetivos e justificativa	20
1.2 Procedimentos metodológicos	24
1.2.1 Notas sobre as entrevistas	28
1.3 Estrutura do trabalho	31
2 CONTEXTO HISTÓRICO E O SISTEMA EDUCACIONAL	32
2.1 O Ideário Republicano	32
2.2 A Era Vargas e o cenário educacional	40
3 UM OLHAR SOBRE PIRACICABA	43
3.1 Piracicaba e sua primeira escola secundária laica e pública	43
3.2 A nova sede da Escola Normal de Piracicaba	55
3.3 A Arquitetura da nova sede e suas dimensões	60
3.3.1 Saguão Principal	62
3.3.2 Sala de Música (Anfiteatro)	65
3.3.3 Salão Nobre	66
3.3.4 As escadarias	69
3.3.5 Salas de aula	70
3.3.6 Os corredores	71
3.3.7 A Biblioteca	72
4 O CORPO DOCENTE	73
4.1 A Música	78
4.2 A Pintura	95
4.3 A Literatura	105
5 VOZES: EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO	112
5.1 Sr. Hélio Almeida Manfrinato	114
5.1.1 Análise da entrevista: a memória se desdobra e surgem novos atores	122
5.2 Sr. Geraldo Claret de Mello Ayres	127
5.2.1 Análise da entrevista: conversa informal	137

5.3 Sra. Jandira Silveira Ramos	142
5.3.1 Análise da entrevista: um tempo muito bom	146
5.4 Sr. João de Oliveira Bueno filho	149
5.4.1 Análise da entrevista: retrospectiva pontuada de emoções	154
5.5 Sra. Maria Ignez Trevisan	157
5.5.1 Análise da entrevista: torrente pouco linear das lembranças.....	161
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...	175
APÊNDICE B –ROTEIRO DE ENTREVISTA	176

1 INTRODUÇÃO

Captar o conteúdo essencial que repousa na forma: não será essa a tarefa da pesquisa histórica?

Hohan Huizinga

No tempo em que ingressei no primeiro colegial (hoje primeiro ano do Ensino Médio) da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba, não poderia conceber que a experiência pela qual passava ou, ‘a experiência que me atravessava’, segundo Larrosa (2009), poderia culminar no atual interesse pela antiga escola em que estudei no florescer da adolescência. De certa forma, o projeto de pesquisa que culminou nesta dissertação de Mestrado tem relação, entre outras coisas, com um incômodo sentido na época, ao percorrer, por inúmeras vezes os longos e fracamente iluminados corredores desta instituição centenária.

Diante da maturidade e consciência adquiridas com o passar dos anos, mencionar tal “incômodo” traz, de certa forma, constrangimento, contudo considero pertinente desvelar a contradição do olhar de uma época a outra mesmo porque, de lá para cá, não só ocorreram transformações em mim e na minha compreensão das coisas, – o que naturalmente se espera com o passar do tempo – como também houve significativa mudança no próprio aspecto da instituição que, com grande satisfação, tomo como objeto de estudo.

De fato, a tomada de senso reflexivo a esse respeito veio aos poucos e se fortaleceu após um hiato no decorrer da minha formação estudantil, pois, depois da conclusão do que hoje se denomina Ensino Médio, deixei de estudar por algum tempo. Tempo em que me dediquei à experiência do trabalho, do casamento e do cuidado com meus dois filhos.

Foi quando retornei aos estudos e optei pelo curso de graduação em Pedagogia que meus pensamentos e ideias tomaram novas direções. Nessa nova vivência, adentrei um novo mundo de conhecimentos, passando a respirar a atmosfera da cultura pedagógica desde a *paidéia* grega até apreender as teorias educacionais mais contemporâneas. Neste percurso, um novo olhar com relação ao universo educativo foi sendo construído a partir das reflexões compartilhadas com meus professores e colegas na compreensão de seus avanços, dilemas, paradoxos e na conscientização de que muito ainda há por fazer neste campo.

O contato com a concepção sócio-histórico-cultural de Lev Vygotsky (1999) me despertou para compreensão do quanto a interação social e a inserção na cultura são importantes para o desenvolvimento do indivíduo, bem como a relevância da experiência estética que, incorporada ao cotidiano como forma de fruição, contemplação e criação, pode

promover inestimáveis acréscimos ao desenvolvimento da cognição e da sensibilidade humanas.

Fizeram diferença em meu modo de conceber as inteligências cognitiva e afetiva, as reflexões de Frederich Schiller (1993) no apontamento da relevância do cultivo do repertório artístico para a existência humana na promoção do equilíbrio entre a razão e a sensibilidade, bem como o paralelismo e a inter-relação que o mesmo estabelece entre a estética e a ética.

A teoria dialógica e dialética para a formação da consciência crítica e de protagonismo do sujeito, concepção defendida por Paulo Freire (1992), repercutiu na minha formação como pedagoga quanto à importância da valorização e fortalecimento do universo cultural-artístico popular que, estando em articulação com a forma de cultura erudita, abre ao homem novas dimensões de percepções políticas, sociais e culturais e novas leituras de mundo.

A filosofia da complexidade de Edgar Morin (2011) trouxe preciosas contribuições para a apreensão do pensamento em conjunto, na sensibilização quanto à riqueza da pluralidade humana. Deslocou-me para a perspectiva de uma educação transdisciplinar, que não só valoriza a estética do belo porque belo, mas como via de acesso às novas dimensões de estar e construir no/o mundo, mesmo o entendo como instável e incerto.

O âmbito da estética, nas suas diversas modalidades – nas áreas arquitetônica, poética, literária, musical ou de representações plásticas e cênicas – desde que eu me recordo, constituiu um interesse constante na minha existência. Neste sentido, valorizo a educação escolar que me abriu as portas para este universo – ainda que, muitas vezes, pelo viés instrumental –, o que me possibilitou entrar em contato com diversas produções humanas neste campo.

Nesta perspectiva, a Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba, desde muito cedo, me despertou esta sensibilidade estética. Sempre me impressionei com sua imponência: a beleza e a arquitetura de seu edifício fizeram parte do meu imaginário desde a infância já que, localizada no perímetro central, estava em meu itinerário rotineiro – passava em frente a esse edifício escolar para acessar a área comercial da cidade. Já em idade escolar, cheguei a divisar sua superioridade quanto à estrutura e o espaço, em comparação ao edifício de arquitetura mais contemporânea da escola em que estudava.

O interesse por esta instituição aumentava face aos relatos de antigos estudantes da escola, meus conhecidos: aguçavam minha curiosidade, contando que todas as paredes da escola continham pinturas, verdadeiras obras de arte e que muitos dos professores que ali lecionaram foram grandes divulgadores da cultura estética na cidade.

Desta forma, passou a me acompanhar a proposição de que esta seria a próxima escola em que eu iria estudar: optei, de antemão, pelo seu conceituado curso de Magistério, do período vespertino. O fato é que, quando conclui o ginásial (o atual ensino fundamental II), aos dezesseis anos, devido a uma séria doença que acometeu minha mãe e aos cuidados que esta inspirava me transferi, nesta escola, para o curso colegial noturno, fato que me causou um grande abatimento, pois a ideia de me formar como professora vinha sendo cultivada há tempos.

Naquele momento, outra decepção me aguardava no interior da escola que tanto admirava: no contexto do final da Ditadura Militar, no qual o Brasil passava por uma crise política, econômica e social aguda, a escola se encontrava sem manutenção há décadas. Por ser um edifício escolar muito antigo (datado de 1917) e por falta de cuidados especiais, apresentava-se bastante deteriorado: havia infiltrações e comprometimentos do piso à estrutura de madeira do teto, o que compunha uma imagem muito desagradável de seu interior. As paredes eram pintadas em duas cores de tinta a óleo: do rodapé à metade em tom cinza escuro e da metade até chegar ao teto de tom bege claro. Tive minha primeira indagação e ninguém ali soube me responder: onde estão as obras de arte a respeito das quais os antigos estudantes comentavam com tanta admiração?

Assim, ao entrar todas as noites para as aulas, deparava com um ambiente sombrio, que exalava cheiro de umidade e bolor bem característicos de um “mausoléu abandonado”. Recordo também que, por ser um grande edifício, o caminho que percorria para chegar à minha sala de aula era longo, tendo que atravessar várias alas dos pavilhões mal iluminados. Nesse trajeto nada me escapava ao olhar e, nas minhas observações, pude comprovar que ali havia resquícios de requinte e apreço aos detalhes. Carlo Ginzburg (1989) convida à perspectiva que leva além das aparências opacas e incita a decifrar a realidade através dos elementos indiciários que, na maioria das vezes, são negligenciáveis.

Estavam presentes, ali, muitos indícios da existência de uma cultura específica e precedente por toda parte; quer seja nas formas harmônicas e simétricas de objetos como lustres, vitrais, ferragens decorativas e outros ornamentos, como na nobreza e solidez da madeira maciça das grandes portas e janelas de folhas duplas e dos tetos entalhados.

Ao compreender esses indícios, sob a perspectiva de Camargo (2000), como “suportes materiais de discursos [que] se configuram como dispositivos de constituição de práticas escolares” (p.21), é extremamente importante destacar que esta estética, ligada à ascensão da burguesia europeia nos contextos da queda do Império e República Velha no Brasil, estava bem presente convidando, no âmbito da Educação, à nova lógica da indústria, uma nova

lógica de produção da vida, fértil nos mananciais de filósofos e pensadores como Comte que amalgamaram, perpetuando, toda uma forma de fazer música, poesia, pintura e política, como discorreremos mais adiante.

O que me causava uma sensação desagradável nos idos de meus dezesseis anos, o que hoje chamaria de medo, era passar nos pavilhões em que ficavam dezenas de painéis feitos de madeira esculpida. Dispostos lado a lado nas paredes, continham fotografias de pessoas formal e antiquadamente vestidas que pareciam me acompanhar com seus olhares até o final daqueles corredores sombrios. Lembro-me até hoje do “incômodo” que vivenciava nesses momentos.

Entretanto, dediquei-me a encarar essas antigas fotografias identificando professores¹ e formandos do curso de Magistério, desde o ano de 1900. Deparei com uma grande fotografia que trazia no rodapé o nome “Prof. Dr. Honorato Faustino” – diretor da Escola Normal Oficial de Piracicaba. Surpresa, reconheci o nome do patrono da minha escola anterior, na qual ingressei na pré-escola e permaneci até completar a 8ª série, do qual, me dei conta, eu nada sabia como educador. Esse fato me despertou o desejo de saber mais sobre os sujeitos históricos que figuravam nos painéis daqueles longos pavilhões.

Descobri em um breve levantamento que, como o professor Honorato Faustino, dezenas daqueles professores, seus contemporâneos, tinham se tornado nomes de escolas. Em algumas pesquisas posteriores percebi que foram personagens marcantes não somente na história educacional da cidade, mas ativos coadjuvantes no desenvolvimento da cultura artística local, propagadores da mentalidade de um Brasil que se firmava como um país independente politicamente – pelo menos em termos formais. Muitos daqueles professores que compuseram o quadro de docentes da antiga Escola Normal se dedicaram à poesia, à música, às artes plásticas, à literatura e ao jornalismo, destinando boa parte de seu tempo na organização e divulgação dos bens artísticos que eram produzidos dentro e fora daquela instituição. Diante desta constatação, meu incômodo inicial se metamorfoseou no sentido de vê-los ali esquecidos naquelas paredes desgastadas.

Com as lentes da contemporaneidade, levando em conta todas as rápidas transformações pelas quais o mundo passou, sobretudo, no que se refere aos avanços tecnológicos com a hegemonia da comunicação e da informação, da cultura de massas, da predominância do ensino tecnicista, depois de refletir sobre as ideias de Louis Althusser,

¹ Embora não seja matéria deste trabalho, é importante destacar que chamava a atenção a predominância de homens, o que indica que a participação das mulheres naquele âmbito era mais tímida. Estamos falando de um contexto histórico em que as mulheres estavam mais restritas aos espaços familiares e domésticos. Sua história ainda permanecia invisível, não havia sido escrita, como sugere Del Priori (2007).

Pierre Bourdieu e Michel Foucault, indagava como olhar para uma instituição e seus atores advindos de uma conjuntura anterior, pré-industrial, destituída da influência das mídias, numa época em que se articulavam as primeiras ideias de organização sistemática do ensino público e laico.

Muitas questões sobre esse tempo foram sendo formuladas em minha mente: o que pensavam esses professores? De onde vinham suas influências? Quais eram seus planos de ação? Tinham liberdade de criação e de escolha dos conteúdos a serem ministrados? E, principalmente – houve o extravasamento da cultura que produziram, do microcosmo escolar para o macrocosmo urbano? Tais perguntas constituem, portanto, os fios condutores da elaboração do presente trabalho e as buscas de trazer algumas das respostas para essas indagações exigiram cuidadoso esforço no âmbito da pesquisa qualitativa: diante do número reduzido de obras a esse respeito tornou-se necessária uma procura minuciosa aos arquivos e documentos – nem sempre disponibilizados² –, fotografias, artigos de jornais, etc. que conduziu às falas de sujeitos relacionados à escola nos períodos especificados.

Nesse sentido, esta pesquisa é resultado desta busca e desta escuta paciente e prazerosa das vozes que, generosamente, trouxeram aos tempos atuais a atmosfera daquela época, de forma que, além do que foi dito, houve a possibilidade de captar um pouco, segundo o clássico de Queiroz (1988), do ‘indizível’. Abrimo-nos à escuta e às palavras ditas e percorremos, na segurança do norte metodológico, os meandros das frases e de trechos em trechos reconstituímos, entrevistadora e entrevistados (a), as histórias, vasculhamos e trazemos à tona as memórias num processo de reconstrução das experiências do passado. Encontrando os atores em pleno movimento de existência, eles se encontram e nos encontramos também. E rememoramos.

Além do interesse particular referido nas páginas acima – que alavancou e conduziu este trabalho, possibilitando um reencontro com minha própria trajetória escolar –, o tema desta pesquisa se torna relevante à medida que compreendemos a importância da memória diante dos riscos de ‘apagamento’ de uma antiga cultura, quer seja de dimensão material ou imaterial.

Vários elementos na cidade de Piracicaba que poderiam estampar como patrimônios históricos foram extintos da paisagem citadina. O Teatro Santo Estevão de Piracicaba, por exemplo, construído no final do século XIX e que foi centro divulgador de incontáveis

² No decorrer do texto é possível notar que muitos dos documentos contidos no acervo da Escola em questão permanecem lacrados ou encaixotados, aguardando restauro e melhor acondicionamento, fato que gerou certa decepção, por parte desta pesquisadora, mas que aguçou a vontade de investigação e reforçou a necessidade da elaboração das entrevistas mencionadas.

eventos culturais na cidade por mais de setenta anos, foi demolido na década de 1950, mesmo diante do assombro e indignação da população piracicabana. Nesta mesma década, o edifício centenário que abrigava e até a atualidade abriga o Mercado Municipal de Piracicaba, passou por um projeto de modernização e, reformado teve sua fachada original descaracterizada.³

Na capital paulista da década de 1970, esteve por um triz de desaparecimento o antigo edifício da Escola Normal da Praça da República, para a construção da estação Leste-Oeste do metrô de São Paulo. Não fosse um caloroso levante contra esse evento, que partiu de uma campanha popular de grande repercussão, esse importante símbolo da instituição da escola pública e laica não existiria mais. O prédio em forma de cúpula que abrigou, por muitas décadas, o jardim de infância anexo a esta instituição não teve a mesma sorte, tendo sido demolido para abrir espaço para uma avenida, algum tempo depois – destino similar ao de outros edifícios históricos que foram derrubados, apagados da memória e da história de várias cidades paulistanas.

No entanto, em meados da década de 1980, período em que o país passava pelo processo de redemocratização, tive uma agradável surpresa quando, finalmente, e após anos de reivindicações da população piracicabana, sobretudo advindas de ex-alunos, alunos e professores, a escola passou por uma grande restauração. Foi com grande expectativa que a visitei novamente no início da década de 1990 e pude ver que tudo estava transformado. Inacreditável descobrir que foram recuperados afrescos e murais que haviam sido ocultos por camadas e camadas de mãos de tinta a óleo desde 1965, conforme divulgaram os jornais da época da restauração.

Nesse sentido, em visita ao Instituto CONDEPAC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural) de Piracicaba foi-me oportunizada a verificação de vasta documentação, especificamente, a esse respeito. Dentre elas, analisei uma declaração em ofício⁴ datado de 25/10/1985 destinada aos vários órgãos da Educação como: Secretaria de Estado dos Negócios da Educação; Coordenadoria de Ensino do Interior; Divisão Regional de Ensino de

³ A concepção de modernização perpassou os vários setores públicos contribuindo para o “apagamento” da memória arquitetônica de épocas anteriores. Desativada a companhia Sorocabana e com a retirada de toda a rede da extensa malha ferroviária, bem como as linhas de bondes elétricos que atendiam a cidade até meados do Século XX, perdeu-se boa parte da história do desenvolvimento da cidade. Do conjunto de capelas existentes no trajeto das procissões das Semanas Santas que retratava as 12 estações da Via Sacra, apenas uma foi restaurada e tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), em 1972. Por outro lado, as iniciativas preservacionistas de patrimônios como o Engenho Central de Piracicaba, atualmente revitalizado e utilizado como local de diversificados eventos; a transformação da residência de Prudente de Moraes em museu histórico e pedagógico, bem como a restauração do edifício da Estação Ferroviária Paulista e seu aproveitamento como centro cultural e área de lazer da população, demonstram ações cuidadosas para a valorização da história da cidade.

⁴ Este documento não está paginado.

Campinas e Delegacia de Ensino de Piracicaba, redigida pela historiadora Marly Terezinha Percin.

Com o intuito de encontrar apoio e subsídios para a reforma da instituição escolar, Percin relata os prejuízos perpetrados ao imóvel, ao longo do tempo, apontando a situação em que se encontrava a instituição na qual “[...] as obras de arte que enriquecem o seu interior sofreram mutilações, pilhagens e o drástico banho de tinta que cobriu as paredes.” Em outro trecho, a autora detalha alterações que descaracterizaram o estilo original da escola:

[...] as belas escadas de madeira foram substituídas por outras de cimento, que comprometeram a estética do hall e danificaram as paredes laterais. Mas a grande perda a se lamentar diz respeito aos belíssimos vitrais coloridos que enfeitavam as paredes de fundo desses halls, os quais foram vandalicamente arrancados e desapareceram, substituídos por hedionda parede de vidro machetato.

Esse documento menciona, ainda, os esforços da população piracicabana no sentido de apuração da localidade exata das obras plásticas: “[...] tentamos fazer um levantamento delas recorrendo à memória acionada pela saudade e à colaboração de vários ex-alunos”. Muitos desses ex-alunos possuíam um acervo considerável de fotografias que facilitaram esse levantamento e a restauração foi executada com todo o cuidado, mediante a utilização de variadas técnicas, dentre elas, a decapagem da tinta das paredes até serem encontradas as obras nelas contidas, com o procedimento de minucioso restauro.

Foi grande a mobilização da população piracicabana em prol da restauração desse antigo estabelecimento escolar, o que indica sua importância enquanto patrimônio histórico e estético para a cidade: dois dias antes da comemoração do aniversário de 88 anos desta instituição, houve a seguinte notícia no jornal:

Professores, pais e alunos estão empenhados em salvar a EEPSG “Sud Mennucci”, cujo prédio necessita urgente de uma reforma. Após muitas lutas, vários ofícios enviados à CONESP-Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo – o Centro Cívico está participando ativamente desse movimento. Inicialmente realizou reuniões com pais, professores e alunos para debater a situação da escola, além de passar várias listas de abaixo-assinados nas classes, para enviarem posteriormente aos órgãos responsáveis pela manutenção dos prédios populares, com o objetivo de sensibilizá-los [...] (*JORNAL DE PIRACICABA*, 19.04.1985).

Na visitação após a restauração, lembro-me da minha surpresa ao adentrar, pela primeira vez, no saguão principal desta escola, uma vez que este recinto era mantido fechado e nunca tive acesso a ele enquanto estudante, pois a entrada era direcionada para os portões laterais. Qual não foi meu espanto ao visualizar esse espaço amplo, repleto de paredes e colunas de pinturas murais, ladeadas por representações artísticas de grande beleza plástica, que aludem às várias culturas da humanidade! Outras obras de denso caráter simbólico foram,

finalmente, por mim encontradas no anfiteatro e no salão nobre, confirmando as informações dos antigos alunos.

Nessa nova incursão à instituição, após os vários anos passados, quis acessar rapidamente aqueles corredores que antes percorria enquanto estudante e encontrei ali os antigos painéis de madeira de fotografia dos antigos professores também revitalizados figurando, imponentes, nas claras paredes decoradas por afrescos.

Os vitrais, as escadarias de mármore, as janelas de folhas duplas, as grandes portas coloniais, as escadarias de madeira para o segundo andar, os tetos de madeiras torneadas, os pisos hidráulicos, as peças de esculturas e os diversos afrescos neoclássicos, tudo tinha sido revigorado e parecia que estava, diante dos meus olhos, um edifício recém-construído, como se tivesse a oportunidade de voltar ao tempo e conhecê-lo no primeiro dia de sua inauguração.

Essa experiência foi tão significativa que me lancei ao propósito de conhecer um pouco mais sobre as origens dessa importante instituição escolar que fez parte integrante de minha vida. Ver a escola em sua originalidade produziu uma nova sensação (talvez aquela que esperava ter na adolescência e que foi frustrada diante da ausência de cuidados com o prédio) e foi possível perceber, captar, ainda que subjetivamente, a real importância daquele espaço arquitetônico para a cidade de Piracicaba.

1.1 A PESQUISA: Objetivos e justificativa

Esta pesquisa foi realizada, como referido, no interior paulista, cidade de Piracicaba de, aproximadamente, 364.571 habitantes (IBGE/Censo 2010)⁵. O período analisado compreendeu os anos de 1913 a 1945, nos contextos da República Velha ou Primeira República, de 1889 ao golpe de Estado que levou Getúlio Vargas à Presidência em 1930 até 1945. Com a Revolução de 1930, foi encerrada a fase que havia fortalecido a oligarquia agrária e a chamada “política do café-com-leite” que alternava as lideranças paulistas e mineiras no poder, num período caracterizado como liberal, interrompido com a Era Vargas que impôs um período de autocracia ao país até o ano de 1945.

Este recorte temporal abarca desde o processo da construção do prédio da ‘Escola Normal de Piracicaba’ (1913) à alteração do seu nome para ‘Escola Normal Sud Mennucci de Piracicaba’ (1945) – neste período foi possível, a partir de diversos instrumentos de pesquisa, analisar, dentre outras fontes, as fragmentadas divulgações sobre a trajetória da instituição em

⁵ <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=353870&search=|piracicaba>.

questão. Predominantemente veiculadas pelos jornais locais em ocasiões de comemoração de seus aniversários, as mesmas acusavam indícios de efervescência cultural e artística, conectando a Escola Normal a desdobramentos que culminariam no fortalecimento deste campo na cidade.

Nesse sentido, este trabalho aborda, mais especificamente, o âmbito da cultura estética produzida dentro da Escola Normal que habita, por sua vez, a atmosfera de um determinado contexto histórico brasileiro, marcado pela instituição e afirmação de um ambiente cultural determinante em nossa trajetória como Nação. Nesse ponto, é importante que demarquemos que uma instituição educacional, destarte seus elementos físicos e arquitetônicos constituam forte legado e influente constructo cultural; vive através dos agentes sociais que ali atuaram, compondo sua identidade, num tempo delimitado.

Trazer, portanto, as vozes e presenças de alguns dos antigos docentes e estudantes que ali exerceram marcante influência na edificação de um repertório artístico peculiar é imprescindível para a realização deste trabalho, no âmbito da análise das práticas e representações culturais constituintes daquele momento histórico:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. (CHARTIER, 2002, p.17).

A literatura historiográfica versa que o campo da investigação histórica foi profundamente renovado a partir da segunda metade do século XX, tendo superado a concepção eminentemente factual vindo, gradativamente, a ceder maior espaço às vertentes culturais. Nesse sentido, a historiografia contemporânea tem aberto condições, aos atuais pesquisadores, de analisar uma dimensão maior de temas e enriquecer suas investigações por meio de abordagens e metodologias mais abrangentes. A escrita da história tem granjeando novos ambientes, mais dinamicidade e novas ferramentas, estabelecendo diálogos com importantes áreas do conhecimento como a Antropologia Social, a Economia, a Psicologia, a Sociologia, a Linguística, a Geografia, entre outras.

Essa realidade tem motivado a emergência cada vez maior, no Brasil e no mundo, de pesquisadores que se interessam em investigações concernentes à história da educação na temática da cultura escolar pela compreensão de que esse elemento de estudo constitui um importante núcleo de pesquisa sobre os âmbitos da socialização, das práticas e representações humanas, sendo fator fundamental para fornecer subsídios no alargamento do conhecimento sobre os diferentes círculos da cultura humana e na ampliação da visão do homem.

A pesquisa no domínio da história educacional, como reflete Gatti Junior (2002, p.20), busca a “[...] apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos”.

A partir desta reflexão, esta pesquisa objetiva, ao procurar responder as questões acima mencionadas, apresentar um levantamento sobre a peculiaridade da cultura estética, tanto a que emoldurou o edifício da Escola Normal de Piracicaba, quanto a que foi desenvolvida por educadores que lecionaram nessa instituição escolar de 1913 a 1945. Trata-se de refletir sobre o extravasamento dessa cultura do microcosmo escolar para o macrocosmo urbano, ou seja, de verificar a divulgação da estética produzida por professores e alunos formados nessa instituição para o universo do município de Piracicaba.

Nesse plano, esta reflexão está fundamentada na compreensão de que essa experiência é de quem olha o passado com os olhos da atualidade, como notifica Benjamin (1985, p.224): “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi”, mas apropriar-se de uma reminiscência. Em outras palavras, segundo Certeau (1982, p.06):

A historiografia (quer dizer "história" e "escrita") traz inscrito no próprio nome o paradoxo – e quase o oximoron – do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer *como* se os articulasse.

A instituição de ensino ora investigada passou, por sua longa trajetória, por inúmeras mudanças conjunturais e adequações às mais diversas reformas educacionais ao longo do tempo, tendo seu nome e atribuições alterados por muitas vezes. O edifício que foi fundado para abrigar a escola de formação de professores, por sucessivas diretrizes, foi sendo utilizado, paulatinamente, no atendimento às demandas de outras modalidades do ensino: antigo primário; ginásial; colegial; cursos clássico e científico e alfabetização de jovens e adultos.

A história da instituição pesquisada se vincula à Escola Complementar de Piracicaba, fundada em 1897, anteriormente localizada à Rua do Rosário. Em 1911 seu nome foi alterado para Escola Normal Primária de Piracicaba e em 1917, estando sua edificação obsoleta, a escola transferiu-se para a atual sede situada na Rua São João, ocasião em que passou à denominação de Escola Normal Secundária de Piracicaba.

Posteriormente, em 1945, lhe foi conferido o nome de Escola Normal Sud Mennucci de Piracicaba, em homenagem a um de seus ex-alunos – o educador, geógrafo, sociólogo e jornalista Sud Mennucci. Em 1953, foi transformada em Instituto de Educação Sud Mennucci de Piracicaba. Em 1976, passou à Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Sud Mennucci de Piracicaba. Em 2002 diplomou-se a última turma de magistério, destarte o Curso Normal ter sido extinto em cumprimento à determinação da LDB 9394/96, que estipulou Nível Superior para a formação da docência. Na atualidade, a escola é conhecida como Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba e atende alunos do Ensino Médio, na modalidade integral.

Esse percurso de pesquisa demandou o trânsito no campo da historicidade tanto na área arquitetônica, quanto na esfera da memória cultural individual e coletiva, com o intuito de reflexão da relação entre os conceitos, as vivências, as manifestações e representações nos âmbitos cultural e artístico, desenvolvidos naquele período e ambientados nesta instituição escolar que, invariavelmente, extrapolaram seus muros e sua época.

Por cultura, entendemos a composição de um complexo de conhecimentos, valores, tradições, crenças, representações artísticas, modos de vida e costumes específicos compartilhados por um agrupamento social, que podem diferir da realidade cultural de outros grupos sociais pela variedade da história humana, sem caracterizar superioridade de uma cultura sobre outra.

Em termos genéricos, a cultura compreendeu um conjunto de processos e atividades humanas de transformação da natureza que afetaram a própria natureza humana, numa relação dialética. Como reflete Eagleton (2011, p.10), na origem do conceito, a concepção de cultura denotava um processo inteiramente material, do cultivo da lavoura ou desenvolvimento agrícola, sendo posteriormente transferido, metaforicamente, para os temas do espírito, da erudição, da intelectualidade, da criação artística, do desenvolvimento científico. Nessa configuração assenta-se a ambiguidade do termo, em que a palavra cultura “mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavrar o solo à divisão do átomo”.

Há a compreensão, nos tempos contemporâneos, de que as inscrições acerca do tema *cultura* são tão variegadas que qualquer aceção seria ingênua, incompleta e imprópria. A cultura não pode ser completamente localizável, pois se trata de um organismo dinâmico de produção de significados, que pode ser material e imaterial. Está ligada à forma como os homens significam e dão sentido às coisas do mundo, sendo transmitida e recebida publicamente, portanto, participada entre os grupos sociais. Um processo ativo em que sem os homens não haveria cultura, assim como sem a cultura não haveria homens, já que seres inacabados, estes se aperfeiçoam de forma específica, por meio da cultura. (GEERTZ, 2008).

Entende Cassirer (2001) que o homem é um animal *symbolicum* que, ao longo de sua historicidade, constrói diferentes meios artificiais para se relacionar com a realidade, para prover suas necessidades, para se organizar socialmente, para se expressar; produzindo signos e símbolos no seu relacionamento com o mundo: “Na linguagem, na religião, na arte e na ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo – um universo simbólico que lhe permite entender, interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana”. (p.359).

Consideradas essas perspectivas, percebemos a competência da expressão cultural como um processo de transformação do campo sensível para uma representação dotada de conteúdo simbólico. Nesse âmbito, esta pesquisa incidiu sobre os elementos relacionados ao universo cultural e estético corporificados pelas representações que envolveram atores sociais de um círculo restrito da sociedade piracicabana, na fase temporal em que ainda não se fazia sentir a homogeneização da cultura de massas, no entanto, em que se iniciava a ênfase de sistemas doutrinários e o uso da cultura na estruturação do Estado-Nação. Este trabalho procurou se atentar, portanto, a um levantamento das expressões culturais, desenvolvidas por esses sujeitos históricos, que evidenciaram conexões com as conjunturas econômicas, políticas e sociais da sociedade brasileira da época.

1.2 Procedimentos metodológicos

As reflexões epistemológicas e a construção de espaços para as práticas de pesquisa definem-se, segundo Adametes (1999) “(...) na relação entre os universos - objetivo, externo, total, dado e subjetivo, interpretado, vivenciado”. Na dinâmica das transformações da sociedade atual, em meio à emergência de novos processos culturais-econômicos-políticos, nos deparamos com objetos e lugares que instigam abordagens repensadas e, nesse sentido,

focamos o processo metodológico e perseguimos a descoberta além da prova porque sabemos de um real constituído historicamente adiante das imediatas representações, mas também por elas. Segundo a autora, “a compreensão da subjetividade, do caráter simbólico, das experiências, das representações tecidas nas interações sociais, nos processos de socialização-ressocialização, passa a compor a reflexão objetividade-cientificidade”. (p.191).

Nesse sentido, no âmbito metodológico, optou-se pela pesquisa qualitativa, na medida em que, segundo Minayo (2001), o foco está, para além da frequência com que os fenômenos ocorrem, na ausência ou na presença de uma característica de conteúdo ou no conjunto de características que permitam o acesso ao conhecimento acerca do objeto de estudo, ao trabalhar

[...] com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21).

Portanto, para melhor compreensão do fenômeno estudado, foram utilizadas, predominantemente, em meio à pesquisa bibliográfica no campo da historiografia, as modalidades de cunho qualitativo, a saber: análises documentais (jornais, periódicos, acervos digitais, arquivos públicos e privados), materiais iconográficos, e entrevistas semiestruturadas com cinco sujeitos a serem apresentados mais adiante, considerando que:

[...] são as fontes que possibilitam o entendimento do mundo e da vida dos homens, todos os tipos de fontes são válidos: material lítico e cerâmico, documentos escritos, testemunhos orais, produções iconográficas, audiovisuais, eletrônicas... (LOMBARDI, 2003, p.12).

A pesquisa documental, segundo Lüdke e André (1986), consiste em uma técnica exploratória e complementar, no sentido em que amplia as informações obtidas por meio de outras, fundamentando as afirmações do (a) pesquisador (a).

Nesse sentido, a primeira etapa da pesquisa consistiu na coleta de informações sobre a edificação, provenientes do acervo do próprio estabelecimento. Foram acessados documentos como: cópias dos projetos, plantas baixas, croquis que se referiam à edificação do prédio na Rua São João, além de materiais iconográficos, a exemplo de mobiliários, quadros e fotografias do período em estudo. Foi possível, inclusive, percorrer suas dependências para inventariar e fotografar todos os seus ambientes, bem como analisar os livros-ponto originais,

a partir de 1900 até 1940, os quais evidenciaram o ingresso e o período de permanência dos vários docentes na instituição.

No entanto, em virtude desses documentos apresentarem alto grau de deterioração e sem catalogação, a pesquisa foi dificultosa e os livros que compreendem os anos 1941 a 1945 não foram localizados. Notadamente, as datas situadas nos documentos encontrados recebem, de maneira expressiva, o respaldo da obra intitulada *Dicionários de Piracicabanos*, de Samuel Pfromm Netto (2013), obra de grande valia na oferta de informações biográficas a respeito dos docentes que são de interesse desse estudo.

Muitos dos documentos, livros, objetos e demais fontes históricas não puderam ser acessadas já que, segundo informações fornecidas pelo diretor em exercício, haviam sido encaixotados e lacrados bem antes de sua gestão e se encontravam no aguardo de serem retirados e enviados a um setor climatizado dos órgãos do Departamento de Ensino, a fim de evitar sua deterioração. Assim, embora ainda se encontrassem no edifício, não puderam ser disponibilizados para análise.

Houve o interesse, nesse ínterim, em realizar uma pesquisa no órgão CONDEPAC (Conselho Nacional de Patrimônio Cultural) de Piracicaba para a averiguação dos documentos que se relacionavam à restauração do edifício, no final da década de 1980, com o objetivo de verificação de possíveis alterações estruturais, sendo constatado que as estruturas originais foram preservadas.

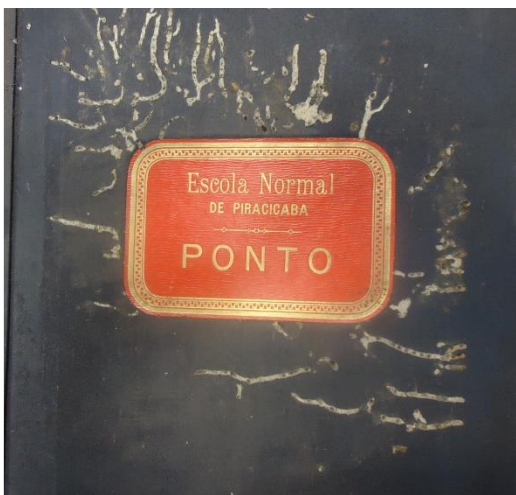


Foto 1: Livro-ponto da Escola Normal de Piracicaba.

Fonte: Acervo: Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

Numa segunda etapa, foram realizadas visitas ao IGHP – Instituto Geográfico e Histórico de Piracicaba no qual, em acervo digital, foram encontradas várias obras alusivas à história da cidade de Piracicaba, utilizadas como fontes bibliográficas. O acervo físico da Biblioteca Pública de Piracicaba, no fornecimento de obras indicativas ao período estudado, bem como sua hemeroteca de antigos periódicos e jornais em que suscitaram informações referentes à instituição pesquisada e seus agentes, foram extremamente favoráveis aos propósitos desta investigação.

Na terceira etapa, após analisadas as fontes anteriores, com o intuito mais específico de apreender maiores informações a respeito da dinâmica social da época pesquisada, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que vivenciaram, naquele

recorte temporal, seus processos de aprendizagem – e, como foi possível perceber, intensa sociabilidade – no ambiente escolar em questão. Inicia-se, neste momento da pesquisa, um trabalho no âmbito do que se conhece como História Oral ou História viva, que consiste numa dinâmica de captação de narrativas dispostas, segundo Meihy (2005), à análise de “processos sociais do presente” e à “facilitação do conhecimento do meio imediato”.

Circunscrita neste lugar de registro e análise, a História Oral é compreendida como um conjunto de procedimentos que preveem fundamentados em projeto prévio, planejamento da elaboração, da condução e do registro das entrevistas, bem como sua transcrição, conferência, autorização para o uso, arquivamento e análise – o que a diferencia de um mero registro oral e a coloca no campo do questionamento da tradição historiográfica centrada, unicamente, em documentos oficiais.

Neste campo da discussão historiográfica, em busca da verdade e da objetividade científicas⁶, a História narrada na cidade de Piracicaba possui forte influência positivista (guardado seu devido valor), se caracterizando pela preponderância descritiva – nesse sentido, as vozes aqui presentes constituem, nesse contexto da função social do conhecimento, material sensível imprescindível à ampliação da compreensão da realidade social a ser abordada ilustrando, por vezes e complementando, com riqueza de detalhes e vivacidade, as informações e descrições históricas: trata-se, ainda segundo o autor, da “presença do passado no presente imediato das pessoas”, na busca da experiência⁷. (MEIHY, 2005, p.19).

Nesse sentido, as entrevistas, organizadas de forma semidiretiva, possibilitaram a captação direta e indireta de preciosas impressões e de singulares experiências naquele âmbito escolar, constituindo material historiográfico de imensurável valor. Apoiados no resgate da memória dos entrevistados, os relatos orais obtidos por entrevistas realizadas em profundidade revelam, no universo cotidiano das relações sociais, o não explícito (Queiroz, 1988), representações e significados do real, muitas vezes, elaborados no plano subjetivo, fundamentais para pensar a questão proposta.

Por memória compreende-se, nesta pesquisa, elemento de coesão interna, constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma

⁶ A respeito desta reflexão sobre a verdade histórica, ver Leopold Von Ranke: O conceito de história universal (1831). In: MARTINS, E.R. (org). *A história Pensada – Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

⁷ É importante destacar que, quanto à discussão sobre o caráter científico da História Oral, Meihy (2005) aponta para a importância do processo criativo desde a concepção até a elaboração do projeto: trata-se de considerar a subjetividade como dado de pesquisa e de ter em mente que “a objetividade reclamada da História Oral é a mesma que deve ser cobrada de qualquer outro documento escrito”. (p.54).

pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (Pollak,1992, 204). O caráter social que cada memória individual carrega define-se pela compreensão comum dos símbolos e “pela comunhão de noções compartilhadas com os membros do grupo social.” (Barros, 1989).

1.2.1 Notas sobre as entrevistas

Reconhecendo, portanto, a relevância das fontes orais para a produção do conhecimento histórico e com o objetivo de avançar no levantamento de elementos culturais existentes no município de Piracicaba que fizessem conexão com a formação estético-cultural propiciada pela instituição escolar em questão, buscou-se estabelecer contato com alguns dos antigos alunos da Escola Normal de Piracicaba para a realização de entrevistas. A expectativa era a obtenção, por meio de relatos orais das experiências vividas por sujeitos reais, sociais e ligados à constituição da história analisada, maiores informações, confirmações ou complementações de dados obtidos em outras fontes, bem como o acolhimento de suas impressões a respeito de como se deram as relações e interações sociais entre docentes e alunos e docentes e docentes da época.

Interessava saber se os entrevistados vivenciaram, pessoalmente, a produção de bens estéticos-culturais nesse universo escolar e, em caso afirmativo, conhecer como se deram essas experiências. Nesse sentido, optou-se por trabalhar, no âmbito da História Oral, a história oral temática como técnica que, na maioria das vezes, articula os diálogos a outras fontes documentais: “Por partir de um assunto específico e previamente estabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento do entrevistador sobre algum evento definido”. (MEIHY, 2005, p. 162).

A princípio, parecia que haveria facilidade em encontrar tais sujeitos, tendo em vista que a Escola Normal de Piracicaba se constitui como uma tradicional instituição, que contribuiu consideravelmente para a formação de professores e de alunos em diversas modalidades de ensino. Entretanto, fui me dando conta de que, para a realização das coletas de histórias orais e memórias individuais vinculadas ao período pesquisado, seria necessário recorrer às lembranças de um passado longínquo, sendo os narradores indivíduos de uma faixa etária avançada e nascidos, no máximo, na década de 1930.

Neste percurso, deparei com obstáculos que restringiram consideravelmente a perspectiva de um estudo animado pela polifonia de vozes. Os nomes dos sujeitos elencados para as interlocuções foram se reduzindo, em muitos casos, pela dimensão da perda da memória. Dessa forma, houve a possibilidade de coleta de depoimentos de cinco ex-alunos da

Escola Normal de Piracicaba, dentre os quais, três dos depoentes também foram professores nesta instituição.

A primeira aproximação junto a esses cinco colaboradores teve o objetivo de explicar sobre o trabalho investigativo em pauta no sentido de registrar as histórias e memórias a respeito da educação estética e das práticas artísticas ambientadas na instituição de ensino em que haviam estudado, destacando a importância deste trabalho no âmbito da história da educação. Foi acentuada a relevância das entrevistas, pela possibilidade de recuperar uma parcela da história da Escola Normal de Piracicaba, por meio dos registros dos depoimentos de suas vivências singulares a se somarem a outros registros de diversas histórias individuais, com intuito de obtenção de maior compreensão a respeito de uma parte da trajetória dessa instituição escolar e de seus membros partícipes, no caso, ex-professores e ex-alunos.

Na mesma ocasião, procurou-se ressaltar que sua participação teria o caráter eminentemente voluntário, havendo a possibilidade de desistências em qualquer momento, sem qualquer implicação. Com relação ao procedimento, expliquei-lhes que as entrevistas deveriam ser gravadas mediante a concordância dos mesmos, ponderando que a gravação é um recurso tecnológico que confere melhor preservação de seus discursos, segundo Meihy (2005). Esclareci, ainda que, caso houvesse interesse, suas identidades poderiam ser preservadas, com o emprego das iniciais de seus nomes.

Houve também o cuidado com o total conforto dos colaboradores com relação à liberdade de escolha do ambiente de desenvolvimento das entrevistas, assim como ao estabelecimento do horário e duração das mesmas. Obtive, desta forma, a autorização dos mesmos quanto à participação nas entrevistas realizadas em suas respectivas residências, com o uso do gravador, conforme sua aprovação. Os depoentes não viram necessidade de ocultar seus nomes, ao contrário, fizeram questão de que fossem divulgados.

Observando os aspectos acima descritos, tive a oportunidade de entrevistar o Sr. Hélio de Almeida Manfrinato⁸, de 93 anos, que estudou na Escola Normal entre as décadas de 1930 e 1940, o qual forneceu ricos detalhes sobre sua vivência como aluno da Escola Normal de Piracicaba, além de ter delineado um pouco do que rememorava sobre o contexto sócio-cultural em que esteve inserido naquela época. A gravação da entrevista foi feita em dois dias consecutivos, somando duas horas de duração, aproximadamente, embora nossas conversas tenham se estendido por mais tempo, já que o Sr. Hélio fez questão de apresentar um acervo

⁸ Falecido em 18.09.2015.

considerável de fotografias pertinentes ao assunto, detalhando as ocasiões em que as mesmas haviam sido realizadas.

O Sr. Geraldo de Mello Ayres, 86 anos, também rememorou as suas experiências e vivências enquanto aluno da instituição, além de ter descrito algumas das particularidades evidenciadas na trajetória de vida do professor Elias de Mello Ayres, observadas na condição de filho. Recebeu-me no escritório de sua residência, onde continha o acervo de documentos relacionados a seu pai, como: recortes de antigos jornais com publicações dos artigos escritos por ele, folhas datilografadas ou escritas de próprio punho com letras de suas composições musicais, de suas poesias, dos seus discursos proferidos em diversas ocasiões, entre fotografias e outros objetos, como quadros presenteados pelos irmãos Dutra, seus antigos amigos. A entrevista gravada durou aproximadamente duas horas, no entanto, a minha visita se alongou e me foi oportunizada a pesquisa neste acervo. Muitos dos dados conferidos pela entrevista coincidem com os localizados em outras fontes, como os nomes dos professores da Escola Normal e as disciplinas ministradas, assim como certas características particulares de alguns dos docentes.

A Sra. Jandyra Siqueira Ramos, 83 anos, nos presenteou com um depoimento de rememoração do período de sete anos em que esteve ligada à instituição pesquisada na fase de seus estudos, compreendida entre o que chamou de ginásial (5^a a 8^a séries) e, consecutivamente, aos três anos do curso normal. As narrativas de suas vivências, enquanto estudante normalista e participante do Orfeão dos Normalistas da Escola Normal⁹ trouxeram indícios, ainda que parcialmente, do universo histórico e social em que esteve inserida. Recebeu-me em sua residência, dedicando um bom tempo entre a entrevista e uma conversa informal, fazendo questão de mostrar vários de seus pertences da época de estudante como: fotografias, partituras das músicas escolares para piano, bem como os vários livros didáticos que utilizou para ministrar suas aulas de Educação Musical, em diversas escolas públicas.

O Sr. João de Oliveira Bueno Filho¹⁰, 92 anos, trouxe-nos muitas recordações de seu tempo de estudante secundarista e do curso normal na Escola Normal de Piracicaba, somando-se oito anos de vivência nesta instituição investigada. Relatou, igualmente, acontecimentos que ocorreram durante sua carreira docente e de diretor de escolas. Trazendo para o presente o vivido refletiu que, embora, na juventude não tenha desejado exercer a docência, ao longo de sua trajetória de vida, foi este ofício que o elevou a um dos mais altos

⁹ Detalhes estarão presentes ao longo deste trabalho.

¹⁰ Falecido em 21 de Junho de 2016.

postos nesta carreira profissional. Na reconstrução que fez de seu passado, refletiu ainda que a despeito da rigidez e disciplina exigidas pela escola e seus antigos professores, foi uma fase muito gostosa em sua existência, que somente agora consegue dar o seu devido valor. O depoente me recebeu no seu quarto em uma instituição de longa permanência para idosos e me concedeu uma hora de entrevista gravada. Fez questão, logo após a entrevista de mostrar-me o espaço destinado a uma oficina, que o manteve por bastante tempo ocupado na confecção de alguns instrumentos musicais.

A Sra. Maria Ignez Trevisan, 78 anos, relembrou suas experiências vividas na instituição pesquisada durante os oito anos iniciais de sua vida escolar (1º série primária até a 8ª série ginásial), trazendo as lembranças que guardava dos bons tempos de estudante e das atividades físicas de que tanto apreciava. Detalhou a respeito do que recordava das aulas ministradas por docentes que contribuíram para seu desenvolvimento estudantil e que foram bons exemplos para sua própria trajetória como docente. Outrossim, não deixou de mencionar suas memórias sobre as atitudes pouco construtivas que presenciou nesse espaço escolar, de alguns docentes. A gravação de seu relato oral se deu em seu ateliê de pinturas e em meio as suas inúmeras obras plásticas, tendo durado uma hora de gravação, entretanto, nossa conversa se desdobrou em muito mais tempo, em que a depoente proporcionou-me a visualização de um antigo álbum de fotografias que, folheando-o passou a recordar os vários acontecimentos vividos em sua trajetória de vida.

1.3 Estrutura do Trabalho

Este trabalho está organizado em seis seções: a primeira apresenta a introdução, o cenário, os objetivos e a metodologia de pesquisa. A segunda traz uma abordagem de cunho bibliográfico, referente ao contexto mais amplo nos âmbitos político, econômico, social e cultural brasileiros, no período que compreende a Primeira República e o Estado Novo. A terceira versa sobre aspectos relacionados à cidade de Piracicaba, com o objetivo de possibilitar um olhar para os diversos contextos em que se inseriu a construção da Escola Normal de Piracicaba, com ênfase às questões relacionadas à história do município em conexão com o contexto macro. A quarta se relaciona ao desenvolvimento de ações de cunho cultural e estético estabelecidas por alguns dos atores sociais envolvidos no ensino e diretamente ligados à instituição escolar pesquisada. A quinta se refere à apresentação e análise do conteúdo das entrevistas realizadas com os ex-alunos da instituição investigada. Por fim, na sexta seção apresentamos as considerações finais.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E A EVOLUÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

*São-nos armas o livro e a pena
 Nossa mira o progresso, o porvir
 A conquista que além nos acena
 Qual estrela constante a fulgir
 É da infância o porvir educar
 Esses entes ideais, pequeninos
 É arrancá-los à treva e lhes dar
 Os mais belos e ingentes destinos
 Rechassemos o erro, a vitória
 Cingirá de lauréis nossa fonte
 Em um dia formoso de glória
 Que há de à Pátria dar novo
 horizonte
 Trecho do Hino da Escola
 Complementar de Piracicaba*

2.1 O Ideário Republicano e a Educação

Os ventos revolucionários de concepções iluministas soprados pela Europa e também emanados da América do Norte pela recém-instaurada República dos Estados Unidos, foram inspiradores para boa parte da intelectualidade brasileira, especialmente para a camada social média formada por militares e profissionais liberais, bem como pela elite de cafeicultores que se viam descontentes com o atraso e marasmo do país e creditavam essas condições ao regime monárquico vigente.

Os intensos debates fomentados por essas categorias sociais, passando ao largo da opinião da camada popular, mais pobre e mais numerosa da população, deram vazão à Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil sob o comando das forças armadas do Exército Nacional, pelas mãos de autoridades militares como Marechal Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant.

O período da Primeira República se deu entre o final do século XIX, de 1889, com a inauguração do novo regime e avançou para o século XX até a Revolução de 1930, com a consolidação do Estado Novo por Getúlio Vargas. Trata-se de um dos períodos mais conturbados da história brasileira, já que houve a pretensão de quebra de diversos paradigmas, nos mais diversos âmbitos – social, político, religioso, econômico e cultural –; além disso, muitos dos ideais forjados ao longo do processo se perderam, provocando distorções que geraram grande instabilidade nos campos político e social.

Trata-se de uma época em que se vivenciou a ocorrência de muitos levantes contra o governo a exemplo da Primeira e da Segunda Revolta Armada (1891 e 1893, respectivamente); da Guerra de Canudos (1896/1897); da Revolta da Chibata (1910); da Guerra do Contestado (1912); da Coluna Prestes (1925/1927); da Aliança Liberal (1929), além de inúmeras manifestações do segmento médio urbano contra a hegemonia da oligarquia agrária e de greves populares – eventos que foram desestabilizando e enfraquecendo o governo até culminar na revolução articulada por Getúlio Vargas que, posteriormente, proclamou o Estado Novo.

Firmado fundamentalmente na ideologia positivista do francês Auguste Comte de “Ordem e Progresso”, em referenciais europeus e norte-americanos, o ideário republicano aspirou alterações profundas na estrutura política e social brasileira, a começar pela destituição da monarquia e o desafio da instauração do Estado-Nação, com um novo governo de premissas democráticas; passando pela ideia de secularização e modernização societária, com a criação de um estado laico separando a Igreja e o Estado, a instituição do casamento e registro civil e estabelecimento da liberdade de credos, bem como o planejamento para alcançar uma constituição social urbano-industrial.

As reformas na educação nos momentos inaugurais da República denotavam comprometimento nas intenções para o campo educacional, como a Reforma Benjamin Constant (1890/1891), a Reforma Epiácio Pessoa (1901/1911), a Reforma Rivadávia Correa (1911), bem como novas diretrizes referentes à formação de professores propostas pelas reformas de Caetano de Campos, Bernardino de Campos e Cesário Motta (1890/1893).¹¹

No início do novo regime, o Brasil já experimentava os primeiros efeitos da implantação de uma nova dinâmica capitalista, vivenciando uma célere conjuntura de transformações, com a expansão da lavoura cafeeira, a abertura de ferrovias e novos portos

¹¹ Não obstante, segundo Azevedo (1976, p.134/135), nenhuma das reformas da instrução pública até 1930 conseguiram solucionar os problemas fundamentais do ensino brasileiro, sendo que: “Do ponto de vista cultural e pedagógico, a República foi uma revolução que abortou e que, contentando-se com a mudança de regime, não teve o pensamento ou a decisão de provocar uma renovação radical no sistema de ensino, para provocar uma renovação intelectual das elites culturais e políticas, necessárias as novas instituições democráticas”. Com relação à primeira reforma de ensino efetuada por Benjamin Constant, este autor chama a atenção para as críticas levantadas na época pelos intelectuais Rui Barbosa e José Veríssimo de que esta reforma não refletia o sistema filosófico de Comte, já que as doutrinas pedagógicas comtianas preconizavam o ensino de caráter estético e baseado na música, na literatura poética, no desenho e no estudo das línguas para menores de 14 anos, entretanto no ensino organizado em 1891 para as escolas do 1º grau (para alunos de 7 a 13 anos) já figuravam as ciências físicas e naturais e nas escolas de 2º grau (de 13 a 15 anos), a aritmética, álgebra, geometria e trigonometria, além das ciências físicas e naturais. No ensino normal e secundário introduziu-se toda a série hierárquica das ciências abstratas da classificação de Comte, sobrecarregando com a matemática elementar e superior, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a moral, impondo um ensino enciclopédico a este nível de ensino, em detrimento dos estudos de línguas e literaturas antigas e modernas. AZEVEDO, F. A transmissão da cultura. São Paulo: Melhoramentos/MEC.1976.

para seu escoamento, a aceleração da política imigratória e o início da industrialização, principiando o descolamento da estrutura social estamental para adquirir, aos poucos, bases para a organização de uma sociedade de classes.

Encetava um expressivo crescimento nos centros urbanos, entretanto, ao mesmo tempo em que se desenvolviam novas atividades comerciais e significativo aumento na produção artesanal, manufatureira e industrial, começavam a se acumular, no complexo cenário social, sérias problemáticas, principalmente nas áreas urbanas. Nas ruas das cidades perambulava uma multidão formada por antigos escravos, libertos com a Lei Áurea de 1888, totalmente à margem da sociedade. Substituídos sumariamente pela mão-de-obra de imigrantes, viviam a condição de degradados e eram entregues à própria sorte. Somando-se a isso, a camada de operários urbanos e trabalhadores rurais, formada na sua maioria por imigrantes de diferentes etnias e culturas diversas, vivenciavam uma realidade de penúria pelas más condições de trabalho e baixa remuneração, o que provocava ainda mais a desestabilidade social. Boa parte dessa camada populacional, mais instruída e politizada, fomentava greves e movimentos anárquicos¹². Crescia exponencialmente, nessas circunstâncias, uma massa da população pobre, excluída e sem instrução e aumentavam as desigualdades socioeconômicas, as epidemias e doenças pela superlotação nos domicílios urbanos com a proliferação de cortiços e favelas carentes de assistência sanitária básica.

Na busca de remodelação da nação, de instituir uma coesão para o país de proporções continentais e da construção de uma identidade nacional¹³ vai se compondo, desta forma, a

¹² Conforme Rodriguez (2010), as concepções de inspiração anarquista surgiram no Brasil por meio dos imigrantes europeus e começaram a ganhar relevo no país no século XIX, com a organização da Colônia Anarquista em Guararema pelo italiano Artur Campagnoli e da Colônia Cecília no Paraná pelo engenheiro Giovanni Rossi. O ideário anarquista foi sendo difundido entre os trabalhadores imigrantes e brasileiros, muito em função de publicações de panfletos, periódicos e artigos em jornais como *O Libertário*, *O Despertar* e *A Plebe*, que influenciaram importantes movimentos sociais no transcurso do século 19 até a metade do século 20. Em 1906 foi realizado o Primeiro Congresso Operário Brasileiro tendo à frente proeminentes intelectuais anarquistas e em 1913 houve o Segundo Congresso Operário, tendo como bandeira a defesa de igualdade de possibilidades, de direito e de deveres para todos - independente de cor, raça e sexo. Posteriormente, ocorreu a Greve Geral de 1917 promovida por organizações de inspiração anarquista que conjugou a adesão de operários das indústrias e do comércio, tendo sido uma mobilização de trabalhadores das mais abrangentes e longas da história brasileira. A repressão do Estado ao movimento foi severa, tendo sido perseguidos e expulsos do Brasil várias pessoas de origens italiana, portuguesa, espanhola e alemã, suspeitas de fazerem parte dos movimentos anarquistas e anarco-sindicalistas.

¹³ Ortiz (2006) analisa que os discursos concernentes à identidade brasileira, no sentido de sedimentar a coesão social e fortalecer a estruturação do Estado como administrador comum a todo o território nacional, foram sendo construídos, principalmente, a partir do século XIX, com a literatura de intelectuais como Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha. Esses autores estabeleceram em suas obras - por influência das teorias positivistas de Comte e do darwinismo social de Spencer, a constituição do povo brasileiro com relação a seu caráter racial e ambiental. No âmbito da literatura, as obras de autores românticos, destacando-se José de Alencar, procuraram aliar a representação da nação brasileira às suas belezas naturais e a mitificação do indígena como o elemento principal para fundar a brasilidade, no caráter cultural luso-tupi. Com a abolição da

ideia de universalização da escolaridade básica como que parte intrínseca do projeto político republicano. A educação escolarizada é alçada a uma grande relevância social e política, “numa fase de tentativa de democratização da cultura, que resulta de um esforço para superar determinadas características semicoloniais da sociedade brasileira”. (NAGLE, 1976, p.218). O imperativo, para as elites governantes era “regenerar as populações brasileiras, tornando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas”, com o intuito de vitalizar o país e nessa perspectiva, a educação “condensava expectativas diversas de controle e modernização social” (CARVALHO, 1989, p.9).

Advém, nesta esteira, um verdadeiro entusiasmo pela educação (NAGLE, 1976) – o ensino público se assenta sob o desígnio da transformação social: reverter o quadro do analfabetismo e formar uma população instruída passa a ser essencial ao desenvolvimento industrial e conseqüente progresso do país. Para tanto são elaboradas estruturação e sistematização educacionais de considerável dimensão e aporte.

No entanto, na conjuntura de afirmação do novo regime político no Brasil e o difícil cenário que se apresentou no decorrer desse processo, com pesado clima de contenda entre vários setores sociais e a aristocracia agrária, tendo prevalecido os interesses da minoria latifundiária, a instrução pública acabou por não se constituir como prioridade, embora tenha sido difundido o contrário no período de propaganda para a ascensão do Partido Republicano.

Apesar da instauração de um governo representativo, federal e presidencial através da Constituição de 1891, o regime federalista, que deu autonomia aos estados, gerou um desequilíbrio nacional, com o desenvolvimento desigual que beneficiou principalmente os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Instalou-se nesse período o que passou a ser conhecida como a República Oligárquica ou popularmente chamada de República “do café com leite”, em que o governo passa ser instrumentalizado principalmente pela elite cafeeira de São Paulo e pelos ricos produtores de leite de Minas Gerais, com alternâncias de

escravatura, o negro passou a sujeito na composição social brasileira, tendo ganhado força o mito da nação – da fusão das três raças amalgamadas. Este autor reflete, no entanto, que não significava que as raças eram consideradas em termos de igualdade, sendo à raça branca atribuídos valores superiores e nessa perspectiva, a política de imigração instituída no final do século XIX tinha o objetivo de branqueamento da população brasileira. Imperava a ideia de que os elementos biológicos na miscigenação das raças teriam conferido ao mestiço uma “natureza” fraca e apática, de debilidades intelectuais e morais. Pontua o autor, que houve abordagens divergentes como as de Manuel Bonfim que atribuíam às questões sociais de poder e não às questões biológicas os males da origem das sociedades latino-americanas. Somente no final do século XIX a teoria da raça passa a dar lugar à cultural, pela influência de autores como Boas, Denicker, Durkheim e Mauss, embora a primeira teoria ainda fosse hegemônica no cenário nacional até meados do século XX, como demonstra as obras de Oliveira Vianna que apresentaram extenso uso de teorias e argumentos racistas para explicar a desigualdade social e política brasileira. Na década de 1930, as obras de Gilberto Freyre se tornaram paradigmáticas das teorias culturalistas, na reavaliação da identidade nacional brasileira.

governo entre esses dois estados brasileiros. Nessa conjuntura prevaleceram, nas diversas regiões do país, os conflitos de interesses e de influências, imperando o “coronelismo” e os “votos de cabrestos”, revelando um Brasil não propriamente democrático como almejavam os idealistas republicanos.

Com relação à organização escolar, o projeto republicano reafirmou, na primeira constituição da República de 1891, a descentralização do ensino por incumbir a União com a educação superior e secundária e, aos Estados, os ensinos fundamental e profissional, acabando por instalar uma concepção dualista e elitista de escola, já que a educação elementar recebia menor atenção, além de haver provocado disparidades regionais. (ROMANELLI,1990).

O Estado de São Paulo, por sua condição privilegiada ao dispor de melhores condições político-econômicas destacou-se, na época, por um amplo processo de expansão de escolas primárias, instauração de reformas e remodelações para o âmbito educacional, seguindo, todavia, padrões predefinidos pelas elites agrárias. Dentro deste contexto, os grupos escolares e escolas isoladas, edificados após a decretação do ensino primário obrigatório através da Primeira Reforma da Instrução Pública Paulista (1892-1896), tornaram-se importantes centros de difusão de cultura e trouxeram mudanças significativas para a educação elementar nesse estado.

Proclamada a República, a escola foi, no Estado de São Paulo, o emblema da instauração da nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre o passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o progresso. (CARVALHO, 1989, p.23).

O século XX inicia-se trazendo ao campo educacional profundas reflexões a respeito da demopédia - sobre função e a organização da escola, o papel e a formação dos professores, os conteúdos, a didática e as metodologias e as novas diretrizes que deveriam ser implantadas para o ensino paulista. Nos anos subsequentes, intensas alterações passam a ocorrer nos padrões de ensino das escolas de formação de professores, com a implantação do ensino intuitivo, introdução de conceitos higienistas e sanitaristas e acréscimo de disciplinas que atendessem às educações física, musical e artística do alunado.

Intensificaram-se revisões na estrutura curricular dos cursos complementares, com o intuito de aperfeiçoar os desempenhos profissional e intelectual do professorado situados na categoria de grau médio. Houve ampliação no ciclo profissional com acréscimo de conteúdos de preparo técnico-pedagógico e inclusão de disciplinas como anatomia e fisiologias

humanas, pedagogia, história da educação, sociologia e psicologia. Foram instituídas as escolas-modelo ou escolas de aplicação que, anexas às escolas normais, serviram de campo prático para os futuros professores e centro de estudos para o aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem (NAGLE, 1976).

No decorrer da década de 1920 se apresentaram alguns fenômenos no âmbito educacional: a introdução de princípios e práticas escolanovistas, o fortalecimento do ideário ruralista e o processo de mobilização que articulou o binômio educação/nacionalismo.

O escolanovismo, segundo o autor referido, penetrou modestamente no ideário educacional brasileiro nos fins do período do império, principalmente através de opiniões de intelectuais liberais como ocorreu em 1882 com os *Pareceres* de Rui Barbosa, contudo sem ter havido iniciativas de sistematização ou de criação de escolas que utilizassem desse método pedagógico. Após o advento da República, em que se ascendem fortes críticas ao modelo tradicional de escola, alguns dos elementos e procedimentos da pedagogia nova se encontraram na reforma Leôncio de Carvalho e na reforma paulista de Caetano de Campos, com a adoção do método de intuição analítica e a criação do laboratório de psicologia e pedagogia na Escola Normal da Praça, na capital paulista.

Do âmbito das relações exteriores, com a aproximação entre Brasil e Estados Unidos, pela compatibilidade dos ideais de cunho liberal e republicano, bem como objetivos econômicos e políticos bilaterais, foi aberto espaço para a influência norte-americana também adentrar na esfera cultural e educacional. Houve a criação de instituições educativas brasileiras como a “Escola Americana”, o “Colégio Morton”, a “Escola Internacional” e o “Colégio Piracicabano”. A contratação da educadora Marcia Percy Brown¹⁴ para a coordenação do setor didático da Escola Normal da Praça da República foi relevante na divulgação dos métodos educacionais norte-americanos, já que os fundamentos teórico-metodológicos adotados serviram de modelo para os métodos implantados nas demais escolas normais públicas de todo o estado.

Com a proximidade do centenário da Independência do Brasil, verificada a ineficiência do governo em atender à demanda escolar e constatado que pouco havia se alterando em relação ao predomínio do analfabetismo entre a população brasileira, a ideia de ‘pensar o Brasil’ atingiu o mais alto grau em vários setores sociais, ainda mais profundamente em decorrência do impacto causado pela Primeira Guerra Mundial, passando a ser fomentada, entre os círculos de intelectuais, políticos e governantes, forte tendência a debates acerca da

¹⁴ Missionária e pedagoga norte-americana contratada pelo educador Caetano de Campos, no período em que dirigiu a Escola Normal da Praça, de 1890-1891.

unidade, identidade e desenvolvimento nacionais. Apresentaram-se, nesse clima de efervescência de ideias, elementos de correntes contrárias, umas em defesa à manutenção do *status quo* e outras que se contrapunham à ordem social estabelecida polarizando, dessa maneira, concepções da civilização agrário-comercial *versus* civilização urbano-industrial.

O poeta e jornalista Olavo Bilac fundou, em 07 de setembro de 1916, com apoio de Rui Barbosa, o movimento Liga de Defesa Nacional - LDN, que estimulava a instauração de uma consciência nacional, com a valorização do civilismo, do sentimento de amor à Pátria e a formação do “cidadão-soldado”. Os seus discursos traziam forte apelo para o engajamento moral de toda população brasileira na causa nacional, para a obrigatoriedade do alistamento no serviço militar, para o desenvolvimento na educação e na defesa de um Estado unido para o progresso do país. Em 1917, no Estado de São Paulo, se originou a Liga Nacionalista de São Paulo - LNSP, pela inspiração bilaciana, que, vinculada às escolas superiores, apresentava propostas de maior cunho político e social. Ambos os movimentos obtiveram grande receptividade e mobilização por parte da massa, tendo grande adesão, especialmente entre os jovens estudantes.

No campo da educação formal, segundo Nagle (1976), as manifestações nacionalistas se fizeram de maneira sistemática com adoção de livros didáticos de conteúdos moral e cívico e ênfase na organização do calendário escolar para as solenidades e festividades nas datas cívicas. Nesse mesmo contexto, na concepção de Carvalho (1989), a ABE - Associação Brasileira de Educação se configurou como principal foco da irradiação dos discursos morais e cívicos e de fortalecimento do entusiasmo pela educação. Segundo essa autora, nas conferências promovidas pela Associação referida se debatia um projeto de melhoramento moral e intelectual da massa, sendo que esta instituição teria funcionado “como instância de organização e credenciamento de reformadores sociais, produzindo um espaço de ação política - o do técnico - que seria gradativamente alargado no interior da burocracia estatal, principalmente a partir de 1930”. (p. 57).

Havia, nesse cenário histórico, bases fortes de penetração da concepção ruralista, da tese do destino rural do país e preponderância discursiva do “Brasil-país-essencialmente-agrícola” no âmbito educacional, tendo sido criadas diretrizes para o ensino agrônômico, de nível primário, técnico-profissionalizante e superior pelo Decreto 8.319 de 20.09.1910. De acordo com Nagle (1976), paradoxalmente, ao longo do tempo prevaleceram deficiências de fomentos e de esforços oficiais para o desenvolvimento desse ramo de ensino, havendo escasso assessoramento dos governos estaduais e federais para as instituições escolares

públicas rurais, permanecendo apenas o reforço à ideologia nas ações operadas nas escolas elementares.

Na última década da Primeira República sobreveio maior difusão dos preceitos da Escola Nova através da literatura educacional e publicações de trabalhos de educadores que elegeram a filosofia desta pedagogia em prol de uma educação renovadora; assim como incidiram realizações efetivas com mudanças institucionais compromissadas com as propostas dessa nova corrente pedagógica, sendo conferido às escolas normais um caráter marcadamente técnico-profissional.

As principais contribuições para a penetração do escolanovismo nas instituições escolares foram observadas na reforma paulista de Sampaio Dória, na reforma cearense de Lourenço Filho e de Anísio Teixeira na reforma baiana. (NAGLE, 1976). A Reforma da Instrução Pública, elaborada por Fernando de Azevedo, de 1927 a 1930, alicerçou-se basicamente em princípios escolanovistas, com a incorporação de concepções teóricas e pedagógicas de intelectuais como John Dewey, Édouard Claparède, Maria Montessori, Jean Decroly, entre outros precursores na idealização da escola ativa. (CARVALHO, 2015).

Para contemplar as premissas do ideário renovador, muitas mudanças nas orientações e práticas pedagógicas foram inseridas nas escolas com o intuito de avalizar a centralidade da criança nas relações de aprendizagem. Foram implantadas medidas que garantissem a observação e experimentação dos discentes na construção dos próprios conhecimentos com promoção de excursões, clubes de leitura, além da constituição de novos ambientes escolares como museus pedagógicos, bibliotecas e salas de laboratórios. O incentivo para educação musical, física e artística fez parte integrante no incremento do ambiente escolar, como forma ativadora do desenvolvimento sensorial e intuitivo.

No aspecto cultural, a realização da Semana de Arte Moderna de 1922 figurou como evento importante, marcando a emergência do movimento modernista no Brasil, que se colocava contrário à ordem social e política vigente, tendo como principais precursores: Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Mário de Andrade, Victor Brecheret, Lasar Segal, Menotti del Picchia, Manoel Bandeira, entre outros. Esse acontecimento, pela perspectiva histórica, imprimiu novos conceitos estéticos que abarcaram as áreas da pintura, arquitetura, escultura, poesia, literatura e música e foi caracterizado pela ruptura com o academicismo e busca de uma identidade própria para a expressão da arte nacional, tendo como enfoque os elementos da cultura brasileira.

Desse movimento derivaram inúmeras vertentes de modernistas que, dentre convergências e divergências, criaram um polêmico, mas múltiplo espaço de ideias e

expressividades no campo da cultura estética brasileira embora, segundo Nagle (1976), alguns grupos tenham se embrenhado em um nacionalismo de tendências radicais e ufanistas.

No horizonte do modernismo brasileiro, um grupo importante se inseriu no âmbito da renovação estética, constituindo um movimento liderado pelo sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre em Recife, que se distinguiu pela tendência regionalista e tradicionalista, tendo marcado sua afirmação com o *Manifesto Regionalista* no Primeiro Congresso de Regionalismo do Nordeste ocorrido em 1926¹⁵.

O movimento estético denominado integralista veio a público em outubro de 1932, por meio do *Manifesto Integralista*, contudo, conforme o autor referido, seus antecedentes surgiram por volta da década de 1920, ligados ao partido conservador perrepetista. Nessa época, componentes dos grupos *Verdeamarelo* e *Revolução da Anta*, considerados os pioneiros do manifesto de 1932, divulgavam seus ideais pelo jornal *Correio Paulista*, órgão oficial do PRP. Ambos defendiam o nacionalismo e o civismo, através da valorização de elementos de raízes étnicas, como a nação tupi e a ligação com a terra. Difundiam ideias antiliberais, colocando-se contrários ao regime capitalista e ao fenômeno da urbanização, que julgavam responsáveis pela desagregação social e enfraquecimento do sentimento nacionalista, sendo valorizada a tradição da cultura rural. Na justificção desse ideário se desenvolveram posições na defesa de que a função social da arte deveria refletir o tempo e o lugar.

2.2 A Era Vargas e o cenário educacional

Na década de 1930, com a queda do governo de Washington Luiz, enfraquecido pelos impactos da crise mundial ocasionada pela quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929, pela crise de superprodução do café e pela coalizão de movimentos políticos internos descontentes com o governo, iniciou-se a era Vargas, a partir da Revolução de 30, objetivando rompimentos políticos e econômicos com a velha ordem social oligárquica.

A era Vargas foi o período da história que perdurou de 1930 a 1945, em que Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos de forma contínua, tendo sido denominada de Estado Novo a fase entre 1937 a 1945, devido ao golpe de Estado, que fechou o congresso nacional e impôs um regime ditatorial ao país.

¹⁵ É possível perceber, nas páginas seguintes, a influência modernista nas manifestações artísticas e estéticas em Piracicaba já no início da década de 1920.

No novo regime, a política de modelo liberal de governo mantida até então foi substituída por um dirigismo estatal que retirou a autonomia dos estados, favoreceu a classe burguesa e incentivou o industrialismo. Essa realidade desfechou um golpe nas oligarquias latifundiárias e afetou profundamente os interesses do estado de São Paulo, que perdeu o domínio político alicerçado na Primeira República. Este estado insurgiu contra o governo provisório em um movimento que o acusava pela tendência centralizadora e pela demora em convocar a Assembleia Constituinte. Em 1932 ocorreu a Revolução Constitucionalista, iniciada no dia 9 de julho por rebelião armada — no entanto, o movimento fracassou e, na promulgação da Constituição de 1934, os interesses dos paulistas foram negligenciados. (ROMANELLI, 1990).

Para o âmbito da educação, segundo a autora, as inovações implantadas nos setores econômico e social com mudanças introduzidas pelo sistema capitalista industrial e as novas demandas de qualificação para o trabalho e consumo, determinaram novas exigências educacionais. No cenário societário que se organizava para o modelo econômico emergente, com um processo acelerado de urbanização e industrialização, eram necessárias reformas educacionais mais profundas, com maior ação estatal na expansão do ensino público e gratuito e na adequação de diretrizes educacionais para a formação de recursos humanos no suprimento dos setores secundário e terciário da economia, antes dispensáveis pelo predomínio da economia agrária.

Configurou-se um período de disputas de poder nas várias facções das camadas dominantes, desencadeando contradições políticas que refletiram no campo educacional, com manutenção e defasagem entre a educação e o desenvolvimento do país:

As relações que o sistema educacional passou a manter com a sociedade global foram as mais contraditórias possíveis. Isso porque, no momento em que começaram os rompimentos, a nova ordem já não conseguia produzir o sistema escolar de que carecia, nem o setor social, nem o econômico. As pressões oriundas da demanda tiveram que ser satisfeitas, em parte, e o foram da forma mais precária. Refletindo as incoerências do novo regime implantado, que nem rompera de todo com o passado, nem se comprometera com o futuro, implantando completamente uma autêntica revolução burguesa, o sistema educacional brasileiro oscilou entre as novas exigências educacionais emergentes e a velha estrutura da escola, fazendo expandir aceleradamente o ensino, mas o mesmo ensino vigente até 1930. (IDEM, 1990, p.68/69).

Segundo a mesma autora, a taxa de urbanização dobrou de 1920 a 1940, tendo o analfabetismo apresentado uma sensível queda, com o crescimento da alfabetização à taxa de 0,4% ano. A expansão do sistema escolar, todavia, ocorreu nas áreas geográficas coincidentes com o maior nível de desenvolvimento industrial provocando, mais uma vez, desigualdades

de oportunidades de instrução das populações nas várias regiões do país. O ensino aristocrático da antiga república passa para seletivo, apresentando dificuldades em acompanhar a velocidade crescente das transformações sociais e atender a demanda social de educação.

As lutas ideológicas se fizeram acirradas em torno da educação leiga *versus* religiosa desde o início do novo regime, tendo sido polarizadas entre a ala católica, que defendia o ensino tradicional e a ala renovadora, em defesa da Escola Nova. Em 1932 foi publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, elaborado pelo educador Fernando Azevedo e assinado por 26 educadores brasileiros, dentre os quais Anísio Teixeira, Cecília Meireles e Lourenço Filho. O movimento defendia o papel social da escolarização e vislumbrava a possibilidade de renovação educacional em âmbito nacional, tendo como premissa a garantia de ensino público leigo, o direito à escola comum e igual para toda a população na faixa etária de 7 a 15 anos – sem distinção de classes e situação econômica, a reorganização do ensino com a adoção de métodos educacionais fundamentados em descobertas no campo da psicologia, autonomia da função educativa e descentralização do ensino.

As Constituições de 1934 e 1937 deram fim à concepção de total laicidade no ensino público, anteriormente promulgada pela 1ª Constituição da República de 1891, determinando o ensino religioso facultativo e atendendo algumas das reivindicações progressistas do movimento renovador, como política conciliatória junto às ideologias educacionais disputantes.

Uma vitória alcançada pelo movimento renovador foi a afirmação, na Constituição de 1934, do direito de todos à educação e o dever dos poderes públicos em proporcioná-la. No entanto, esta medida foi de pouca duração, tendo sido alterada na Constituição de 1937, limitando substancialmente o dever do Estado.

No governo Vargas, a área educacional passou a contar com o Ministério da Educação e Saúde, criado em novembro de 1930 e a primeira reforma educacional de caráter nacional foi elaborada pelo ministro Francisco Campos em 1931. Dentre algumas medidas dessa reforma foi a criação do Conselho Nacional da Educação, a organização do ensino secundário e comercial e a criação de um sistema nacional de inspeção de ensino secundário por uma rede de inspetores regionais. Outra reorganização do ensino efetuada por Gustavo Capanema, no período do Estado Novo (1937-1945), apresentou reformas no ensino secundário e universitário.

3 UM OLHAR SOBRE PIRACICABA

*Sereno vens ao longe, ó rio,
ver tua Noiva da Colina –
cidade que o faz correntio
Num sussurrar que fascina...
Fascina pela majestade
do teu salto em comoção
que a beija com saudade
revolvendo a sua história tão cheia
de tradição!...*

Trecho da canção *Murmúrios do Piracicaba* de Erotides de Campos

3.1 Piracicaba e sua primeira escola secundária laica e pública

Piracicaba foi fundada oficialmente em 1º de Agosto de 1767 sob a tutela da Comarca de Itú e da Capitania de São Paulo. Entretanto, bem antes disso, um povoado ribeirinho se formou e construiu na sua história uma ligação intrínseca com o rio Piracicaba.

Foi no entorno desse, outrora caudaloso rio, que um pequeno núcleo social foi precariamente se estabelecendo, a despeito do isolamento e do contato permanente com doenças como a malária e o tifo. Foi se desenvolvendo pela fartura de víveres como a caça, a pesca, a roça de subsistência e a grande quantidade de árvores encontradas para feitura das canoas utilizadas para transitar diariamente pelas águas e intercambiar com as regiões vizinhas. Com a abertura de um caminho terrestre que fazia ligação com Itú pelo sesmeiro Felipe Cardoso e uma estrada primitiva que ligava São Paulo à Cuiabá feita pelo sertanista Luiz Pedroso de Barros, o povoado foi se fortalecendo e a Aldeia de Piracicaba foi se tornando, ao longo do tempo, um importante entreposto no abastecimento da colônia militar de Iguatemi no Mato Grosso e local de pouso para as caravanas e tropeiros que seguiam para as minas de ouro de Cuiabá. (NEME, 2009).

Sem pressa, a povoação foi crescendo e a cultura caipira florescendo, chegando à denominação de Freguesia de Santo António de Piracicaba. Principia por aí a tradição piracicabana da cantoria, da dança e da reza. Para o povoado primitivo, cansado da faina diária, eram horas de alívio e de confraternização que, com passar do tempo, culminaria no desenvolvimento do cururu, da catira, acompanhados pela viola caipira em festejos religiosos

como a Festa do Divino Espírito Santo, com características típicas da região, que avança até nossos dias.¹⁶

A povoação de Piracicaba, após ser removida para margem esquerda do rio Piracicaba pelo povoador Antônio Correa Barbosa, experimentou novo desenvolvimento pela maior fertilidade dos solos neste local havendo, nessa fase, um surto de expansão da cultura agrária através da policultura com o plantio do café, da cana-de-açúcar, do milho, do algodão e do fumo, além de crescente beneficiamento do açúcar e aguardente em seus engenhos, da pecuária e da navegação fluvial. Tornando-se, ao longo do tempo, um importante centro abastecedor da região.

Em 1822, com uma população de 3762 indivíduos, alçou a categoria de Vila. No entanto, autoridades políticas, sem consulta popular, em agrado à monarquia pela promulgação da Constituição Portuguesa naquele ano, a denominaram de Vila Nova da Constituição e depois passou à cidade Constituição. Todavia, não obstante ter passado mais de meio século desse insólito feito e constatada a confusão gerada por essa arbitrariedade, o nome primitivo de origem indígena, Piracicaba, codinome “Noiva da Colina”¹⁷, há muito tempo amalgamado no coração do povo, retomou o seu posto, oficialmente, pela lei nº 21 de 13 de abril de 1877. (GUERRINI, 2010).

Neste episódio, uma personalidade passa a se destacar na cidade – o advogado e então vereador pelo Partido Liberal, Dr. Prudente de Moraes Barros (1841-1902), que teve empenho junto à Assembleia Legislativa Provincial, em nome da Câmara Municipal, para a restauração

¹⁶ Em termos históricos, com o desencadeamento do Bandeirismo (movimento de desbravamento no interior de São Paulo) e sucessivas adaptações dos colonizadores do passado ao meio, ocorreu uma fusão entre a herança portuguesa e a herança dos nativos da terra, gerando uma sociedade rural com estilo de vida marcado pela auto-suficiência, segregação e rusticidade, sendo esta população que se convencionou a ser designada de “caipira”. No âmbito social da cultura caipira se destacaram as festividades religiosas, influências tanto pelo catolicismo como pelas crenças advindas da matriz indígena, acompanhadas de danças, cantorias e compartilhamento de alimentos típicos (principalmente derivados do milho, da carne de porco e da cana-de-açúcar). Uma característica marcante dessa cultura é o linguajar arrastado e com uso do “r” retroflexo, por influência da língua Tupi que não possui os sons para as letras d, f, l, v, z e também da língua Guarani por não ocorrer fonemas para as letras b, d, f, l, z. Em função dessas ausências fonéticas o povo caipira carrega suas pronúncias em “erres” e troca o “L” pelo “r” e “lh” pelo “i” (muié, foia, passar mar, barde, dia de sor, etc.) e devido preservação de elementos do português arcaico criou-se nessa cultura um dialeto singularizado de inúmeras palavras. (Setubal, 2005). Também é típico dessa cultura os contos e “causos” perpetuados pela oralidade, que deram origem a algumas lendas que compõem o folclore brasileiro. Em Piracicaba, em particular, o folclorista Hugo Carradore (2010) catalogou diversos contos e lendas tradicionais da cidade em sua obra *Retrato das tradições piracicabanas: história e folclore*, assim como o dialeto piracicabano foi objeto de estudos do jornalista Cecílio Elias Netto (2001) que divulgou sua pesquisa de 1.500 expressões em seu livro: *Dicionário do dialeto caipiricabano: Arco, Tarco, Verva*. Recentemente, um grupo de quatro instituições piracicabanas (IHGP, APAP, APL e ICEN) encaminharam uma solicitação para o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba, a fim de que o sotaque “caipiricabano” seja considerado patrimônio imaterial.

¹⁷ Codinome popularmente conhecido a partir do poema composto pelo piracicabano Brazílio Machado Neto, publicado em 01.01.1886, pelo Jornal Gazeta de Piracicaba. Fonte: Memorial de Piracicaba, de Cecílio Elias Netto – almanaque 2000.

do antigo nome da cidade. Juntamente com seu irmão Dr. Manoel de Moraes Barros (1836-1902), vindos da cidade de Itú quando jovens e formados pela Academia de Direito de São Paulo, foram os primeiros a montar um escritório de advocacia em Piracicaba, conquistando vasta clientela.

Manuel de Moraes Barros tinha forte tendência ao republicanismo e foi uns dos primeiros a aclamar o Manifesto Republicano de dezembro de 1870 e Prudente, apesar de, a princípio, não ter aderido ao manifesto por sua fidelidade ao Partido Liberal, passou organizar frequentes reuniões a favor da divulgação dos ideais republicanos emergentes com o objetivo de criação do PRP (Partido Republicano Paulista) na cidade. Assim, os irmãos Moraes Barros organizaram a luta republicana, fundando várias instituições na afirmação desta ideologia, como a Loja de Maçonaria, o Gabinete de Leitura e dando apoio às entidades simpáticas ao movimento.

Nesta mesma época, veio à Piracicaba Luiz Vicente de Souza Queiroz, a fim de receber uma considerável herança por parte de seu pai, o Barão de Limeira. Por suas ideias progressistas decide, com o apoio do clã Moraes e Barros, se estabelecer na cidade e nela investir seu capital. Em 1874 instalou a fábrica de Tecidos Santa Francisca na Fazenda Engenho D'Água, onde se localizava um de seus bens. Esta propriedade, às margens do rio Piracicaba, foi um ponto estratégico encontrado por este empresário no aproveitamento das forças das águas como potencial hidráulico, gerando energia para impulsionar as máquinas por ele importadas da Europa. Montando uma fazenda de algodão para fornecer a matéria-prima e a uma indústria têxtil, Queiroz passou a utilizar a mão-de obra de inúmeros trabalhadores da região, além de empregar grande quantidade de imigrantes vindos das várias regiões da Europa.

Em 1889 adquiriu a Fazenda São João da Montanha, que media 319 hectares e a fez como doação ao governo do Estado de São Paulo para ali ser instalada a Escola Agrícola Prática de Piracicaba de ensino secundário, inaugurada em 1901. A escola passou, em 1931, para categoria de curso superior e em 1934 foi encampada pela USP, sendo denominada Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” - ESALQ.

O almanaque de Piracicaba para o ano 1900 publicou parte de um dos discursos do político Manoel de Moraes Barros, que ressalva a prosperidade da pequena cidade, naquela época:

Esta cidade é uma das mais bellas da provincia. Assentada em uma alta esplanada, que declina branda e longamente até o rio, offerece por todos os lados aos olhos do observador encantado as mais lindas paisagens e vastos panoramas de verde-negra

vegetação. Sobre-sahem por sua maravilhosa belleza a vista risonha e aprazivel do salto, que eleva-seem degraus, espraiado. [...] Logo abaixo do salto, está a importante fábrica de tecidos do Snr. Luiz Vicente de Souza Queiroz com 50 teares, e 2500 fusos, 70 operarios, e capacidade para produzir 2.400 metros de panno diariamente. [...] A navegação fluvial pelo Piracicabae Tietê até Lenções uma extensão de 21 leguas por terra e 35 por água, e que parece firmada ao menos por seis mezes em cada anno, vae abrir-nos as portas do sertão e tornar essa cidade em um empório de seus produtos. (Manoel de Moraes Barros *apud* Almanak de Piracicaba para o anno de 1900. p.127,128).

Luiz de Queiroz foi responsável por outras várias ações inovadoras na cidade, sendo que, em 1882, providenciou a instalação da primeira linha telefônica no interior paulista (segunda em todo o Brasil) e, em 1893, empreendeu as primeiras fontes de iluminação elétrica pública. No dia 07 de setembro de 1893, o jornal *Gazeta de Piracicaba* publicou a seguinte nota sobre essa novidade tecnológica:

A cidade de Piracicaba conta hoje com mais um melhoramento de apreciável valor. O serviço é incompleto, pois o material empregado não foi suficiente para que todo o perímetro da cidade pudesse ser iluminado. Eis que estava funcionando somente 120 lâmpadas de 32 velas, das 235 constantes do contrato. A luz permanece intensa e firme, não se notando oscilação alguma, consequência da poderosa força hidráulica e da excelente qualidade dos materiais empregados. Além do grande motor hidráulico de que pode dispor, o sr. Luiz de Queiroz não regateou no dinheiro para obter os melhores materiais até hoje conhecidos. Assim, é que o maquinismo empregado em sua empreza, as lâmpadas de incandescência e todos os demais utensílios foram comprados à melhor companhia até hoje conhecida – a Thompson Houston, hoje associada a não menos poderosa e autorizada Edson, ficando, segundo nos informam, constituído com o avultadíssimo capital de cincoenta milhões de dólares. (GUERRINI, 2010, p.56).

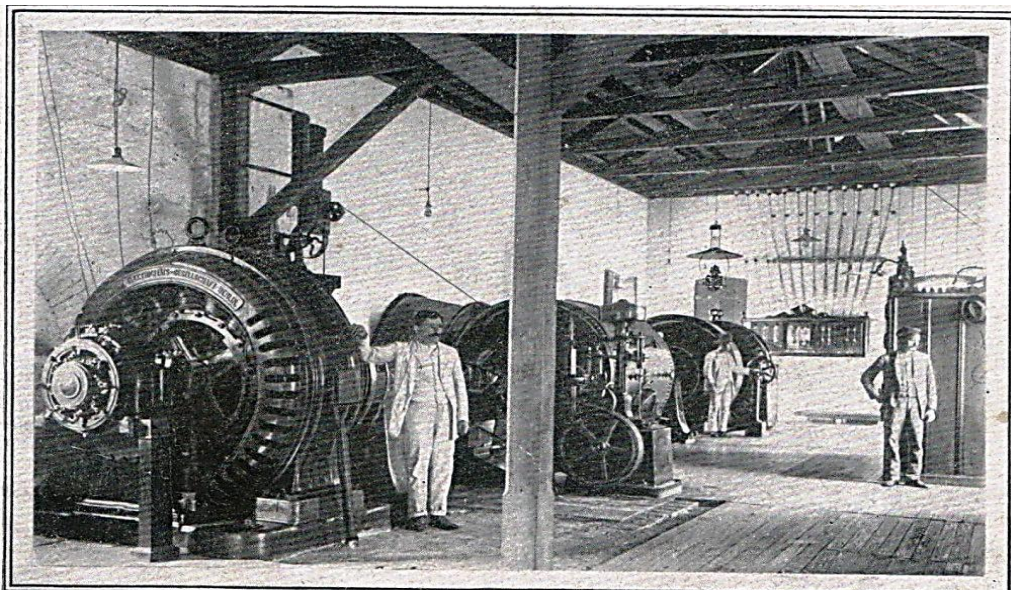


Foto 2: Empresa Elétrica de Piracicaba.
Fonte: Capri, Roberto. Piracicaba. S Paulo. Brasil, 1914.

Nessa trajetória histórica, Piracicaba vai se colocando como uma respeitável cidade paulista no âmbito econômico e político, apresentando um fortalecimento no processo da produção cafeeira e crescente desenvolvimento canavieiro com a abertura do Engenho Central, da Usina Monte Alegre e de diversas empresas metalúrgicas fornecedoras dos equipamentos para atividades agroindustriais.

Nesse sentido, no último quartel do século XIX ocorreram mudanças estruturais significativas em diversos âmbitos nas quais a cidade experimentou um incremento no campo urbano e social, com a ideia de racionalização e higiene dos espaços urbanos, passando a contar com avanços na infraestrutura de seus serviços de água, esgoto, iluminação e de transportes públicos. Houve também a promoção de melhorias na área estética, passando por remodelações em suas vias públicas, a criação de jardins públicos, praças arborizadas e coretos para apresentação de bandas, que aumentaram a possibilidade de lazer e entretenimento do povo.

O atendimento à população carente passou a um papel de maior interesse da sociedade civil, sendo fundadas várias instituições filantrópicas como o Asilo de São Lázaro, a Santa Casa de Misericórdia, a Sociedade São Vicente de Paulo, o Asilo Coração de Maria Nossa Mãe e entidades criadas para auxílio aos imigrantes como a Sociedade de Mútuo Socorro, a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Piracicaba e a Sociedade Beneficente Grêmio Espanhol. (TORRES, 2009).

O município recebeu pela doação do Marquês de Valença, em 1875, a inauguração do Teatro Santo Estevão, que concentrava as apresentações artísticas da cidade, fundando um espaço social de entretenimento e cultura, reservado à elite e classe média piracicabana. Este Teatro ganharia, em 1906, uma substancial reforma, financiada pelo Barão de Resende, descendente do Marquês de Valença, deixando-o mais luxuoso e confortável, permitindo também exibições de sessões do cinema mudo. (FERREIRA, 2008).

Em 1882 ocorreu a abertura do primeiro órgão de comunicação impressa na cidade – a *Gazeta de Piracicaba* que, fundada pelo republicano Vitalino Ferraz do Amaral, se estabeleceu como uma instituição formadora de opinião pública e de informação das ações políticas e sociais da cidade. Esse meio midiático combateu abertamente a monarquia e o sistema escravocrata, sendo um dos principais divulgadores das ideias republicanas e positivistas na cidade e ocupou um espaço relevante na defesa de mudança do sistema de governo para os moldes republicanos, acompanhando de perto as atuações dos principais líderes republicanos e franqueando ampla visibilidade aos candidatos desse partido nas

campanhas eleitorais, principalmente ao Dr. Prudente de Moraes além de, diariamente, estampar em suas colunas massiva propaganda política a favor da ideologia republicana.

A cidade se agitava com os discursos dos republicanos e os movimentos pró-abolicionistas se intensificaram rapidamente, havendo crescimento nas fugas de escravos engendradas por piracicabanos antiescravagistas. Muitos senhores de escravos influenciados pelos acontecimentos e por já terem adotado em suas terras o sistema de trabalho dos imigrantes, concederam liberdade condicional aos seus escravos até 1890, como foi o caso do Barão de Serra Negra, João Baptista Conceição, Paulo Pinto de Almeida e Torquato da Silva Leitão. (TORRES, 2009).

Em 13 de maio de 1888, Piracicaba recebeu, por meio de telegrama enviado da redação do *Jornal Estado de São Paulo*, a notícia da aprovação da Lei Áurea e durante muitos dias ocorreram festejos com discursos, bandas de músicas e fogos de artifício. Passados apenas um ano e meio depois desse acontecimento, em 15 de novembro de 1889, Piracicaba vivenciou grande comoção com a esperada notícia da Proclamação da República:

[...]os primeiros telegramas, a respeito da proclamação da República, chegaram à cidade na tarde do dia 15. À noite, compacta massa de povo compareceu à frente do Clube Republicano e foi informada da grande nova. Improvisou-se a seguir imponente passeata popular, ao som da "Marselheza", tendo usado da palavra os cidadãos Vitaliano Ferraz, dr. Morais Barros, Cornelio Rezende, dr. Paulo Pinto, A. Sardenberg, A. Cotrim, Alfredo Soares e outros. Entre vivas e foguetes, a passeata se dissolveu à uma hora da madrugada.

[...]Foi delirantemente aclamado pelo povo piracicabano o governo provisório local, que tomaria as rédeas municipais, quando se consolidou a República, o qual era constituído dos cidadãos Luiz de Queiroz, dr. Manuel de Morais Barros e dr. Paulo Pinto. (GUERRINI, 2009, p. 183/184).

Proclamada a República, Prudente de Moraes foi chamado a fazer parte da Junta Governativa de São Paulo, em seguida tornou-se o primeiro governador republicano paulista (1889/1890), tendo logo galgado o posto de senador da república (1890/1894). Seu irmão Manoel de Moraes Barros foi nomeado Delegado de Polícia de Piracicaba e, após suas funções políticas na cidade de Piracicaba, alçou ao cargo de deputado e relator do orçamento de justiça na Câmara dos deputados passando, posteriormente, ao cargo de senador da república.

Os ideais progressistas foram alardeados, principalmente, entre a camada de maior instrução da população e, na transição entre os séculos XIX e XX, notórias transformações ocorreram nos âmbitos político, econômico, social e cultural, desencadeando um processo crescente no desenvolvimento de características urbanas no modo de vida dos piracicabanos. Piracicaba vivia seu apogeu e passou a se configurar também como um importante polo

cultural no início do século XX, apresentando um número considerável de escolas, de intelectuais, preceptores, poetas, pintores e musicistas, ficando conhecida como: “Ateneu Paulista”¹⁸, “Pérola Paulista” e “Florença Brasileira” pela efervescente vida cultural, pelas artes e pelo refinamento. (ELIAS NETTO, 2000).

Este cenário foi elaborado a partir das diversas manifestações culturais – como será possível conferir no decorrer deste texto – que tiveram terreno fértil para elaboração e circulação no ambiente da Escola Normal de Piracicaba, que representou o berço de uma dada cultura, à época, afinada com os novos ideais da insurgente República. Percorrer a história da construção deste edifício, bem como entrar em contato com sua história viva nos leva a uma compreensão mais afinada a respeito da construção e afirmação de toda uma cultura muito específica.



Foto 3: Rua do Comércio (atual R. Gov. Pedro de Toledo), início do século XX.
Fonte: Elias Netto, C. Piracicaba que amamos tanto. IHGP, 2015.

Piracicaba, em 1897, contava com 29 escolas preliminares, 10 intermediárias e seis escolas provisórias, conforme relatório do inspetor escolar do distrito, Benedito Cândido Côrte Brilho.¹⁹ A cidade, nessa época, já contava com duas escolas confessionais e particulares – uma de origem metodista norte-americana (Colégio Piracicabano) e outra de origem católica (Colégio Assunção), ambas inauguradas em 1884. O Colégio Piracicabano, por se ajustar às ideologias liberal e democrática, recebeu grande incentivo e apoio do clã Moraes de Barros, tendo inclusive Manoel de Moraes Barros hospedado a educadora e

¹⁸Denominação dada à cidade pelo intelectual italiano Roberto Capri ao constatar o significativo número de escolas e de pessoas instruídas que a cidade comportava no início do sec. XX. (PERECIN, M.T. G. Periódico IHGP, Vol.12, 2005, p. 22).

¹⁹Série Patrimônio Cultural de Piracicaba. vol. 1, Piracicaba: DHP IPPLAP. 2012, p. 12.

missionária metodista americana Martha Watts²⁰ para que se organizasse para a fundação desta instituição escolar, apoiada pela entidade *Woman's Foreign Missions Society of Methodist Episcopal Church*, dos Estados Unidos.

Neste contexto, o partido PRP exerceu forte influência na cidade, antes mesmo da Proclamação da República e, ainda mais a partir de 1894, quando o Dr. Prudente de Moraes Barros se tornou o primeiro presidente civil do Brasil, sendo o terceiro presidente eleito na fase republicana. Com bases sólidas firmadas pelo apoio da antiga oligarquia de cafeicultores, este partido político manteve também dentre seus correligionários e eleitores um número expressivo de intelectuais e pessoas advindas da classe média piracicabana com simpatia aos ideais liberais e positivistas que pressionavam o partido com a bandeira de maior escolarização e urbanização.

Em consequência de Piracicaba ser *locus* de intensa articulação intelectual, na sua maioria de *ethos* republicano, grande era a expectativa da criação de uma escola secundária pública e laica e, devido a aquisição pela Câmara Municipal de um edifício localizado na Rua do Rosário e após os trâmites de doação ao Governo Estadual ocorreu, em 1897, a instalação da primeira escola complementar do interior paulista: a Escola Complementar de Piracicaba.



Foto 4: Escola Complementar de Piracicaba.

Fonte: Série Patrimonial Cultural Piracicaba - vol 1. DPH IPPLAP 2012.

²⁰ Missionária e educadora metodista norte-americana. Fonte: “Evangelizar e civilizar, 1881/1908”, organizado por Zuleica Mesquita, Editora UNIMEP, Piracicaba, 2001.

A Escola Complementar de Piracicaba, de acordo com o Instituto Mário Covas, foi criada por um dos últimos decretos do período de administração de Bernardino de Campos em abril de 1896 e foi inaugurada em 21 de abril de 1897, sob a direção do professor Antonio Alves Aranha e sua esposa professora Escolástica do Couto Aranha. Tinha a finalidade de desenvolver o alunado para o curso secundário com habilitação para o magistério. Com seu curso dividido em quatro anos, contando com seções masculina e feminina, esta instituição revelou-se de grande relevância para a formação secundária e na capacitação de docentes. Com o passar do tempo, foi se constituindo como um modelo pedagógico para as instituições escolares neste segmento de ensino e contribuiu por vinte anos no acolhimento da demanda da população de estudantes também das cidades circunvizinhas.

Em 30 de novembro de 1900 aconteceu, com grande pompa, a solenidade da formatura da primeira turma de complementaristas, sendo apresentado, nessa ocasião, o estandarte da escola, confeccionado pela aluna Joaquina Coelho, com a orientação da professora Isabel Xavier Silveira:

Formatura da primeira turma de professores locais, diplomados pela Escola Complementar. Magníficas festas, solenizando o ato, foram realizadas na escola. Foi paraninfo aos formandos o professor João Lourenço Rodrigues. Para o ato, o maestro Lázaro Lozano compôs o hino da escola, com letras de J. Lourenço. Presidiram aos trabalhos o professor Antônio Alves Aranha, diretor do estabelecimento, e dr. Rafael Marques Cantinho, juiz de direito da comarca.

Foram os seguintes diplomados: Olívia Bianco, Carolina de Souza Costa, Anna Joaquina Bueno, Antônia de Azevedo, Eugênia da Silva, Ana Cândida Couto, Domitilla de Menezes, Avelina Ferreira da Cunha, Cândida Borges da Cunha, Maria Isabel da Silva, Joaquim da Silva Nunes, Joaquim Diniz, José Henrique de Menezes, José Martins de Toledo e Querubim Sampaio.

- Além desses formandos, cursaram a escola até o último ano e foram diplomar-se em São Paulo os seguintes: Filinto de Brito, Dario Brasil, Dario Castanho, Adolfo Carvalho e Sebastião Fischer. (GUERRINI, 2009, p. 323).

Nos anos iniciais do novo sistema político foram criados dois imponentes grupos escolares na cidade: Barão do Rio Branco (1897) e Moraes Barros (1904). O Grupo Barão do Rio Branco teve, inicialmente, a denominação de Grupo Escolar de Piracicaba e nele passou a funcionar a primeira Escola-Modelo. Neste estabelecimento escolar, em 1900, veio a ingressar como docentes seis formandas da primeira turma de complementarista da Escola Complementar de Piracicaba: Eugênia da Silva, Olivia Bianco, Maria Isabel da Silva, Antonia Azevedo, Ana Joaquina Bueno Verderese e Domitila Silveira de Menezes.

O segundo órgão de imprensa da cidade – o *Jornal de Piracicaba* – foi criado no ano de 1900, por Manuel Buarque de Macedo, bem em tempo de divulgar a notícia do evento de

formatura da 1ª Turma da Escola Complementar e informar que o paraninfo seria o professor João Lourenço Rodrigues .



Foto 5: Primeira turma de professores do Primeiro Grupo Escolar de Piracicaba.
Fonte: Série Patrimônio Cultural de Piracicaba – vol. 1. DPH IPPLAP - 2012

Em 1910, foi criada a Universidade Popular de Piracicaba, que tinha como principal objetivo popularizar o acesso aos diversos conhecimentos da humanidade, à cultura e à arte. No artigo primeiro de seu estatuto consta a finalidade da instituição que seria: divulgação das matérias que são objetos do ensino secundário e superior, no que diz respeito às ciências, à literatura, às artes em geral e a todos os ramos da atividade humana – sociologia, religião, filosofia, comércio, indústria, agricultura, entre demais atividades relativas à promoção do desenvolvimento intelectual, físico e social dos cidadãos. Esta universidade possuía uma biblioteca aberta ao público e também promovia regularmente eventos culturais como palestras, concertos e saraus.

Posteriormente, em 29 de março de 1911, a Escola Complementar foi convertida em Escola Normal Primária de Piracicaba em obediência ao decreto lei 2.025, para unificação das escolas de formação docente do Estado. As novas normas vieram com o objetivo de conformação de um currículo estadual e para a regulamentação da profissão docente com o estabelecimento das disciplinas necessárias para uma preparação mais adequada aos alunos no exercício do magistério primário. Esta reforma determinou a ampliação e diversificação de um currículo de quatro anos. Foram instituídas as seguintes matérias: Pedagogia, Ciências

Exatas, Biológicas e Humanas, Educação Cívica, Música, Desenho, Caligrafia, Trabalhos Manuais, Economia Doméstica e Ginástica. Em 1912, a Cadeira de Pedagogia incidia sobre três disciplinas: Pedagogia, Psicologia e Metodologia do Ensino. (PERECIN, 2005).

O projeto instaurado pelo decreto 2.025, com o intuito de dar um cunho profissionalizante ao programa de ensino normal exigiu, paralelamente, um ajuste nas instalações físicas das instituições de educação dos professores. No entanto, o edifício localizado à Rua do Rosário que alocava essa instituição de ensino se mostrou limitado e obsoleto para o atendimento tanto dessa premissa, quanto da demanda crescente de jovens piracicabanos e daqueles que procediam das cidades vizinhas a Piracicaba, para ingressar no curso complementar.

Os fatos acima referidos e inúmeras reivindicações populares e pressões exercidas pelas elites intelectual e econômica piracicabanas convergiram, no sentido de compelir a aquisição por parte da Câmara Municipal de um terreno localizado na Chácara Laport (conhecido como “Ground do Clube Sportivo”), para a construção de um novo edifício para a escola normal, ficando, seu projeto e planejamento, sob a responsabilidade do Governo Estadual e sua execução e custos de materiais e mão-de-obra, encargos do município.

Nas décadas de 1920 e meados de 1930, a despeito dos conturbados panoramas nacional e estrangeiro advindos de efeitos do pós-guerra e da depressão causada pelo *rush* na bolsa de Nova York, Piracicaba passou por um período de relativa calma, tendo boa parte de sua economia atrelada à produção da cana-de-açúcar, setor que, no mercado exterior, foi menos afetado que a do cafeeiro. No entanto, foi uma fase de pouca evolução para os setores econômico e social. A estrutura produtiva ainda majoritariamente agrícola, dividida em pequenas e médias propriedades de cultivo da policultura e pecuária, demonstrou-se mantenedora do abastecimento local. (TORRES, 2009).

Nos contextos cultural e artístico da década de 1920, segundo Cruz Filho (2000), houve expressiva expansão nas atividades culturais em Piracicaba, com destaque no campo da Música, em decorrência da criação da Sociedade da Cultura Artística, que impulsionou a realização de eventos culturais no Teatro Santo Estevão, após este ter sido revitalizado em 1924. Artistas e intelectuais locais e outros de renome no cenário cultural e artístico nacional, como por exemplo: Villa Lobos, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, eram prestigiados nesse espaço, que tinha todas as sessões lotadas.

No âmbito do jornalismo, este mesmo autor reflete que vários nomes piracicabanos de destaque na imprensa local passaram a redigir em grandes jornais paulistanos, como foi o caso de Sud Mennucci, Léo Vaz, Thales de Andrade, Mello Ayres e Mário Neme, chegando a

despertar a atenção de Monteiro Lobato que julgou estar havendo uma supremacia de piracicabanos nas redações de jornais de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro. No plano filosófico, o Positivismo de Auguste Comte encontrou campo fértil em solo piracicabano, sendo comum a organização de reuniões e palestras para explanações e discussões a respeito desta doutrina. Nos campos das artes plásticas e da Educação, este autor destaca as influências estilísticas deixadas por artistas como: Almeida Junior, Miguel Arcanjo Dutra e Frei Paulo de Sorocaba. Designados por ele como “a santíssima trindade das artes plásticas”, esses pintores teriam marcado história em Piracicaba e suas técnicas estariam refletidas nas obras de pintores das décadas iniciais do século XX, como as de Joaquim de Mattos, de Angelino Stella, dos irmãos Dutra (Alípio, João, Antonio de Pádua e Archimedes), Losso Netto, entre outros. Segundo o autor, as influências do movimento modernista de 1922 vieram a se fazer presentes após a década de 1940, principiando-se pelas obras de João Adâmoli e Pacheco Ferraz²¹.

A fase pós Revolução de 1930 é avaliada por Cruz Filho (2000) uma época de estagnação que afetou o estado de São Paulo e suas cidades interioranas como um todo, repercutindo sobre os mais variados âmbitos sociais. Num contexto de subversão à arbitrariedade imposta pelo governo provisório, boa parte do universo intelectual e artístico piracicabano se engajou no movimento contrário a Getúlio Vargas, aderindo à Revolução Constitucionalista de 1932. Muitos artistas piracicabanos se envolveram na elaboração de propagandas para a campanha desse movimento.

Na década de 1940, ainda segundo o autor, foi retomado o desenvolvimento de movimentos culturais e artísticos na cidade com a revitalização da Cultura Artística, por iniciativa de algumas pessoas como Losso Netto²², os professores da Escola Normal de Piracicaba: Antônio Santos da Veiga, Elias de Mello Ayres, Antônio Oswaldo Ferraz e da musicista Maria Dirce Rodrigues de Almeida. Da campanha encampada por esse grupo, a favor da expansão de manifestação da arte e da pluralidade cultural em Piracicaba, reuniram-se novos adeptos que conseguiram fortalecer esse projeto, resultando na criação do

²¹ Em Piracicaba, no entanto, a presença de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, entre outros, em suas manifestações modernistas se faz notar, como foi possível perceber no decorrer desta pesquisa, desde 1920.

²² O piracicabano Fortunato Losso Netto (1910-1985) foi ex-aluno da Escola Normal de Piracicaba e membro da Sociedade da Cultura Artística desde sua fundação, além de ter participado da criação de várias entidades relacionadas à divulgação da cultura como, o IHGP, a Escola de Música de Piracicaba, a Pró-arte, o Rotary Club e a Rádio Difusora de Piracicaba. Exerceu a medicina e o jornalismo, tendo sido diretor-proprietário do *Jornal de Piracicaba* por longo período.

Departamento Teatral ligado à Cultura Artística e a concepção da Escola Pro Arte de Piracicaba, espaço em que passaram a ser ministradas aulas de dança, de teatro, de música, de literatura, de artes plásticas, além de abrigar exposições, palestras, recitais e demais manifestações artísticas.

A década de 1950, o autor classifica como o terceiro movimento cultural envolvendo a Sociedade da Cultura Artística, em que ocorreu o 1º Salão de Belas Artes de Piracicaba, pela iniciativa do professor e artista plástico Archimedes Dutra. Archimedes também liderou uma campanha, no final da década de 1940, que culminou na criação da APAP (Associação Piracicabana dos Artistas Plásticos). Após 1960, depois que se aposentou como catedrático do Instituto Educacional Sud Mennucci de Piracicaba, o mesmo se dedicou a esboçar o projeto arquitetônico de uma pinacoteca para a cidade e a levantar recursos junto aos órgãos públicos para sua construção. Em 29 de janeiro de 1969 houve, então, a inauguração da Casa das Artes - Pinacoteca Municipal de Piracicaba com a mostra do XXI Salão de Belas Artes; na atualidade, a pinacoteca chama-se Pinacoteca Municipal “Miguel Dutra”, em homenagem ao artista Miguel Arcanjo Benício D’Assumpção Dutra.

3.2 A nova sede da Escola Normal de Piracicaba

O período da Primeira República se caracterizou por uma época em que a escola de formação de professores passou a um papel relevante, sendo considerada “a pedra angular para o perfeito êxito da nova escola primária”, conforme Nagle (1976, p. 218). Este segmento de ensino, idealizado como instância medianeira da cultura e divulgadora do saber, tinha como encargo a promoção do aperfeiçoamento dos alunos, tanto nos âmbitos intelectual e cultural como nos âmbitos moral e cívico, para a total renovação da sociedade brasileira.

Era pensado um projeto educacional que impulsionasse seus formandos a desenvolverem, no cotidiano escolar, um processo educativo que contribuísse com a ideia de “civilidade” da população, para o desenvolvimento de uma nova ordem social, com vistas a uma sociedade disciplinada, moderna, de pensamento racional e científico.

A importância destinada às instituições escolares na composição do projeto republicano paulista ficou evidenciada na ação governamental perrepetista com a instauração de mais de 120 edifícios educacionais em diversas cidades espalhadas pelo território paulista, sendo dez unidades destinadas às escolas normais.

As edificações, elaboradas por arquitetos e engenheiros modernistas influenciados pela arquitetura internacional, especialmente no que se divulgava pela Academia da *École des*

Beaux-Arts de Paris (WOLF, 2010), que diferiam enormemente dos padrões modestos de construções existentes nas pequenas cidades brasileiras, se configuraram símbolos da estética, da sabedoria e da boa higiene, uma vez que se apresentavam como prédios elegantes, de grande beleza arquitetônica e artística, dotados de amplos, arejados e iluminados compartimentos, bem como compostos por materiais didáticos, equipamentos e aparatos que se destinavam a atender as diversas categorias de conhecimentos humanísticos e científicos.

A primeira instituição de formação docente criada no Estado de São Paulo no período da Primeira República, a Escola Normal localizada na Praça da República, foi construída sob o projeto inovador do arquiteto Ramos de Azevedo, sendo inaugurada em 1894, na área central da capital. Esta edificação se estabeleceu como um marco institucional e arquitetônico, tornando-se modelo tipológico dos projetos das demais escolas normais edificadas posteriormente, já que corporificava uma densa significação – a divulgação e o reforço do novo pensamento nacional para o definitivo apagamento da ideologia monarquista.

Nesse sentido, a edificação dessa instituição no local escolhido, carrega grande apelo simbólico:

A construção de um edifício para a Escola Normal reflete, de forma explícita, os valores laicos da Primeira República, tendo em vista ter sido o antigo plano imperial de construção da catedral da cidade no Largo Sete de Abril substituído, no início do governo republicano, pelo projeto do edifício para a Escola Normal, em conjunto com os jardins da Praça da República. Em 1890, por influência de Francisco Rangel Pestana, o governo da Província autorizou a transferência de duzentos mil cruzeiros, que eram destinados à construção de uma Sé, para a construção do edifício da Escola Normal, no terreno do antigo Largo dos Curros, depois Largo da Palha, e atual Praça da República. (CENTRO DE REFERÊNCIA NA EDUCAÇÃO MÁRIO COVAS).

Ressalte-se que a arquitetura dos espaços escolares expressa, para além das questões práticas e funcionais, um conjunto de simbologias de profundo significado, trazendo na sua concretude uma “linguagem” que manifesta todo um sistema de valores, intenções e discursos:

O espaço escolar não é apenas um “continente”, em que se acha a educação institucional, isso é, um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para um repertório de ações. A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (ESCOLANO, 1998, p.26).

Neste enquadramento, pode-se refletir com esse autor que o espaço escolar não é neutro e sim um constructo cultural de importante alcance e espectro, que atua com função pedagógica e de currículo oculto, agindo subliminarmente em relação ao indivíduo. Depreende dessa análise a consideração de que um dos primeiros elementos simbólicos a disseminar a ideia moderna de disciplina, de cultura leiga, letrada e voltada ao progresso científico que o ideário republicano desejava pontuar para fortalecer uma “nova cultura” no Brasil, passa a ser transmitido no traçado dos edifícios escolares que, erigidos nas áreas centrais das cidades paulistanas, estariam ao alcance da visualização, não somente dos seus discentes e docentes, mas também agindo sobre o imaginário de toda a população do perímetro urbano.

A arquitetura pensada para as instituições escolares na época da Primeira República, enfim, sintetizou o projeto político que se desejava gravar, como uma ação pedagógica e simbólica, a fim de dar ênfase à nova mentalidade da nação. Descortinava-se, nesse processo, um novo paradigma educacional que abria espaço para alterações das metodologias, dos conteúdos, das disciplinas, com a exigência de inclusão de novos ambientes, materiais didáticos e demais aparatos necessários para compor a nova concepção de ensino.

A Escola Normal de Piracicaba (hoje Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba), localizada à Rua São Joao nº 1.121, tombada em 2002 pelo CONDEPHAAT (Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) como patrimônio histórico e cultural da cidade; projetada no ano de 1910 e edificada de 1913 a 1916, acomoda sua origem neste contexto, figurando como um marco indelével do ainda jovem sistema político nacional, na cidade de Piracicaba.

Em novembro de 1912, o Secretário do Interior, Altino Arantes, visitou Piracicaba com o intuito de formalização da doação do terreno pela Câmara Municipal sendo que, posteriormente, o político piracicabano Dr. Paulo de Moraes Barros que, na ocasião era o líder regional do PRP, mobilizou esforços para a viabilização da construção de uma nova sede para a Escola Normal de Piracicaba, bem como para as cidades de São Carlos, Pirassununga e Botucatu.

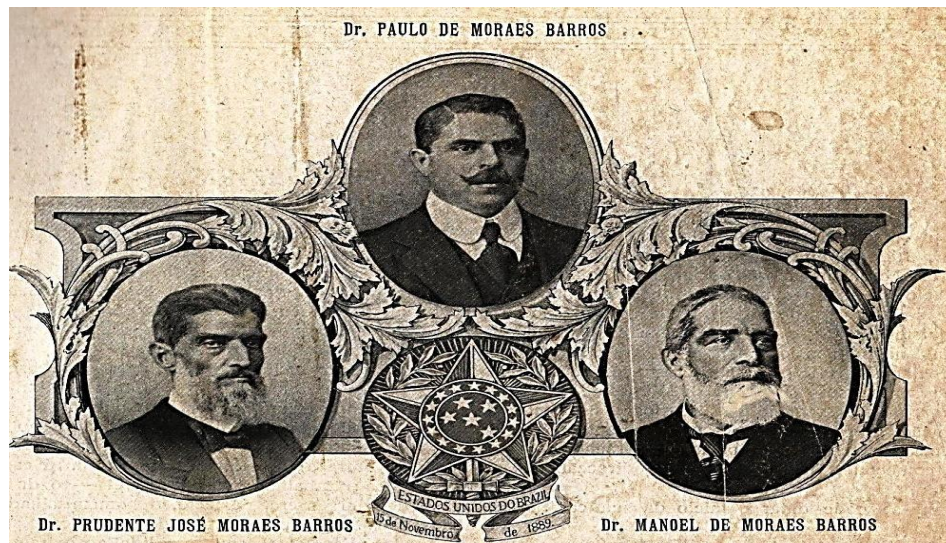


Foto 6: Representantes do PRP em Piracicaba. Fonte: Capri, Roberto. Piracicaba. S. Paulo. Brasil. – 1914.

Paulo de Moraes Barros, descendente do clã Moraes Barros, filho de Manoel de Moraes Barros e sobrinho de Prudente de Moraes Barros, foi o principal herdeiro político da família. Assumiu os compromissos do PRP na cidade e, por longo período, manteve o posto de presidente desse partido político. Formado em medicina, atuou em Piracicaba como intendente municipal na área da saúde. Foi vereador de 1891 a 1913, tendo sido por muitas ocasiões presidente da Câmara Municipal. Elegeu-se também como deputado e senador por esse partido e, no governo de Rodrigues Alves e Pedro de Toledo, ocupou o cargo de Secretário da Agricultura, de Obras e Viação.

Foi do telegrama expedido por Paulo de Moraes Barros que, em 1912, o prefeito de Piracicaba Fernando Febeliano da Costa recebeu a informação da autorização para a construção da escola normal. Constatou-se, posteriormente, que a planta destinada para a cidade de Piracicaba fora trocada, sendo que a originalmente indicada pelo Dr. Paulo de Moraes e elaborada pelo arquiteto alemão Carlos Rosencrantz, mais ampla que as três outras, foi destinada para a cidade de Pirassununga que, na época era uma cidade bem menos populosa que Piracicaba. Para compensar a cidade de Piracicaba que ficara com a planta menor, o mesmo determinou que a futura sede da escola normal fosse dotada, em todos os seus compartimentos por afrescos e pinturas artísticas.

Ao meio dia de 05 de julho de 1913, com grande festividade e com a presença de inúmeros populares, autoridades políticas, intelectuais e representantes da imprensa local, foi lançada a primeira pá de concreto nas fundações, na esquina entre a rua São João e a rua XV

de Novembro, um dos ângulos do quadrilátero complementados pelas ruas Dr. José Otávio Teixeira Mendes e Rua Santa Cruz.

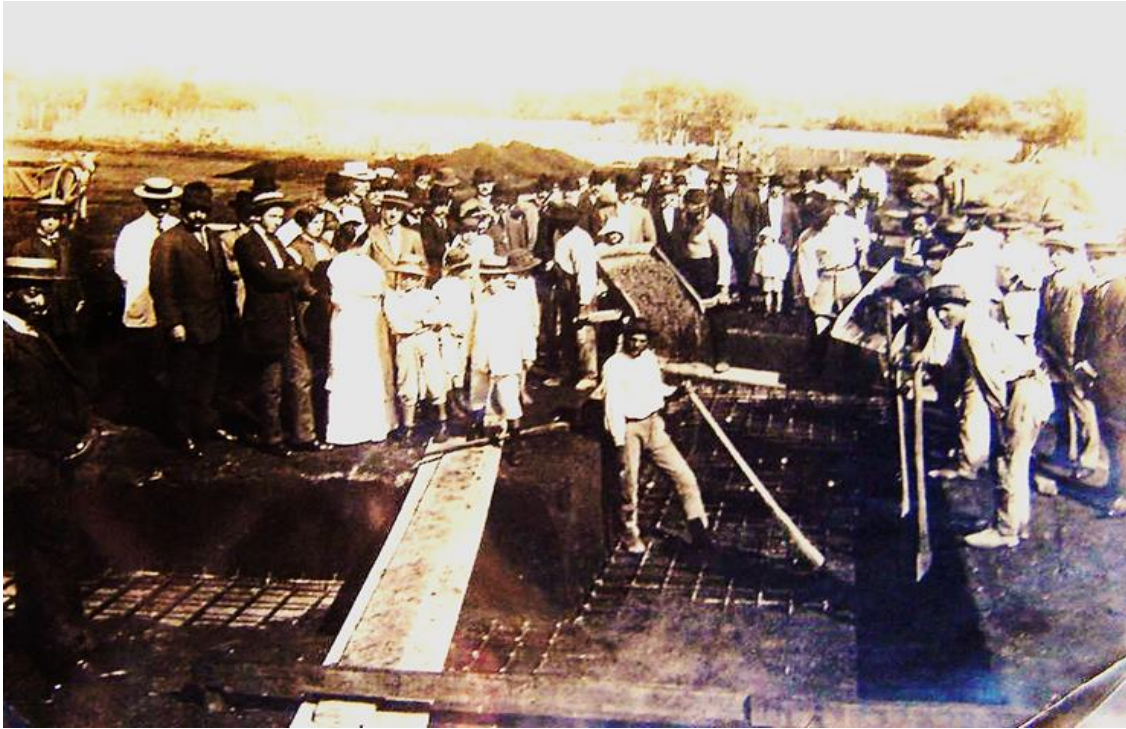


Foto 7: Fundação da Escola Normal de Piracicaba.
Fonte: Acervo: Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

Houve longos discursos, banda de música e queimas de fogos. O diretor da Escola Normal, Prof.º Dr. Honorato Faustino, em sua preleção, aproveitou o ensejo para expressar a grande importância desta obra para todos os cidadãos piracicabanos e para exaltar os dirigentes do partido PRP por mais uma concretização do desejo da população piracicabana, no sentido de desenvolvimento da cidade.

Apesar dos trâmites para a construção de um novo edifício estivesse sendo viabilizados, observa-se através da notícia do *Jornal de Piracicaba*, datada de 21 de março de 1915, que a situação do antigo edifício era precária, sendo necessário o uso de várias estratégias das autoridades competentes para fazer frente às demandas por vagas:

Escola Normal: matrícula no 1º ano

A questão da matrícula das candidatas aprovadas em exame de admissão à Escola Normal e que tanto interesse tem despertado nesta cidade, acaba de ser resolvida. Depois dos ingentes esforços da digna comissão encarregada dos trabalhos e da intervenção zelosa da municipalidade local, ontem, o ilustre dr. Altino Arantes, secretário do interior, despachou o requerimento, conforme telegrama por S.excia. enviado ao dr. Torquato Leitão, presidente da Câmara. O despacho era concebido nos seguintes termos: “Acusando o recebimento do telegrama, que me enviou V.S.

ontem, comunico haver despachado favoravelmente, hoje, o pedido de matrícula na Escola Normal desta cidade”. Serão, pois, admitidas mais cerca de 35 alunas ao 1º ano, cuja sala de aulas foi aumentada com a supressão dum tabique, que a separava da sala onde funcionava a escola masculina modelo.

Após quatro anos do início da fundação houve a conclusão da obra e a instituição, que já era tradicional na cidade, reunindo vinte anos de funcionamento e que havia habilitado 16 turmas de professores primários, foi transferida para seu novo endereço à Rua São João, continuando sob a direção do Prof. Dr. Honorato Faustino.

Em 11 de agosto de 1917, diante da admiração da classe média e a estupefação das camadas desfavorecidas de piracicabanos, deu-se a inauguração do majestoso edifício da Escola Normal de Piracicaba, à Rua São João nº 1121. Presentes ao evento estavam: Altino Arantes (Secretário do Interior), Cândido Motta (Secretário da Agricultura), Oscar Thompson (Diretor Geral da Instrução Pública), José Ferreira da Silva (Presidente da Câmara Municipal), Fernando Febeliano da Costa (Prefeito Municipal), entre outras autoridades políticas e diretores de escolas do município e cidades da região. (PFROM-NETTO; MARTINS, 2003).

Localizado na parte alta da cidade, alcançando imensa visibilidade, na época em que as moradias e os poucos prédios comerciais eram geralmente estreitos, baixos e ao nível das calçadas, a elevação e nobreza desse estabelecimento de ensino laico e público, impunha-se no horizonte da cidade, simbolizando, no imaginário das pessoas, uma verdadeira catedral do saber.

3.3 A Arquitetura da nova sede da Escola Normal de Piracicaba e suas dimensões

O projeto do edifício da nova sede da Escola Normal de Piracicaba foi elaborado pelo arquiteto italiano Giovanni Battista Bianchi, formado na Escola de Belas Artes de Milão, famoso pela utilização da arquitetura em estilo floreal. Teve adaptações executadas por Arturo Castagnoli e o encarregado das obras foi o engenheiro piracicabano Eduardo Kiehl, diplomado pela primeira turma da Escola Politécnica de São Paulo. O detalhamento dos ornamentos, como de serralheria, gradis e balaústras, coube ao arquiteto alemão naturalizado brasileiro, formado em Hamburgo, Carlos Rosencrantz. (Wolff, 2010)

Embora tratasse de projetos idênticos, o orçamento estipulado para o projeto de Piracicaba, com o custo estimado em 119:369\$687 foi inferior ao considerado para a cidade de Botucatu, no valor de 182:956\$179. Essa considerável diferença nos orçamentos parece



Foto 8: Escola Normal de Piracicaba.
Fonte: Acervo Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

significar que a Piracicaba da época abrigava um nível de desenvolvimento comercial e populacional maior que possibilitava a obtenção de maior oferta de mão-de-obra e materiais construtivos a custos mais reduzidos. Entretanto, o custo final do empreendimento veio a ser de 527:416\$234, conforme divulgado pelo *Jornal de Piracicaba* em 10.11.1985, na ocasião de sua restauração.

O empreendimento previa salas de aulas, ambientes administrativos, auditório, biblioteca, quadras poliesportivas e inclusão de sanitários nas dependências internas do prédio principal; o prédio foi projetado em dois pavimentos: um corpo central e duas alas laterais. A fachada principal guarda concepção arquitetônica eclética com elementos do estilo *Art-Nouveau*²³ *Floreal*, formada por sete corpos interligados em ressalvo. O bloco principal foi feito em recuo, ladeado por duas varandas, no pavimento superior e janelas do térreo em arcos abatidos e do pavimento superior em arco pleno. No bloco central, aberturas retas, sendo as do pavimento superior uma composição de três aberturas com o mesmo arco abatido, típico do estilo *Art-nouveau*. As fachadas adornadas com relevos decorativos de tipos: rosáceas e coruchéus e frisos arabescos nos beirais.

Através de cópia da planta encontrada no acervo da escola observou-se que, na década de 1920, foi designada a seguinte distribuição para os cômodos:

Piso térreo: saguão (59,29 m²), sala de música (129,80 m²), laboratório de biologia (55,79 m²), sala de ciências (19,53 m²), sala de geografia (72 m²), 2 conjuntos de lavabos—

²³ Movimento arquitetônico francês, muito apreciado entre os anos de 1890 a 1910, período chamado de *Belle Époque*, na Europa.

masculino/feminino (28,35 m² cada), sala dos professores (22,95 m²), 02 lavabos professores/professoras (21,94 m² cada), duas caixas de escadas nas laterais, sala de trabalhos manuais (57,53 m²), portaria (22,95 m²) e na parte externa quadras poliesportivas e pátio (3.225m²), área de jardim (1034,14 m²).

Piso superior: secretaria (47,14m²), salão nobre (145,20 m²), sala de história natural e museu (76,25), sala de desenho (74,97m²), diretoria (61,23 m²), biblioteca (87m²), 6 salas de aula em média, 58 m²), 02 conjuntos de lavabos masculino/feminino (28,35m²), 02 lavabos – professores e professoras (21,94 m² cada), biblioteca infantil (37,97 m²).

Na atualidade, pinturas decorativas se configuram em todos os cômodos do edifício, constituídas por afrescos e grandes painéis de pinturas murais com efeito de alto-relevo que foram, originalmente, executadas pela equipe do italiano Luigi Lacchini, da Real Academia de Bolonha. Foram cinco os painéis elaborados pelo mestre Lacchini: três com motivos históricos, no salão nobre e dois de motivos alegóricos, no saguão principal.

3.3.1 Saguão Principal

O Saguão principal é composto por paredes revestidas com pinturas murais (falso mármore) que remete à Antiguidade Clássica, em tom de azul cromático, adornadas com representações de folhagens, ramificações, motivos marinhos e barras decorativas que chegam até o teto.



Foto 9: Entrada principal da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

No teto destaca-se a composição de elementos geométricos em justaposição e em alto-relevo compostos de madeira e em seu centro tem a forma de um retângulo e nas extremidades duas estrelas de cinco pontas. O chão é revestido por ladrilhos hidráulicos.

As paredes laterais, à direita e à esquerda, são compostas de dois painéis alegóricos no estilo greco-romano, alusivo ao patrimônio cultural da humanidade, as Artes e as Ciências.

- Painel da direita (homenagem à Arte): cor cépia, tom claro sobre escuro, paredes laterais de fundo em mural simulando colunas e abaixo blocos de pedras com veios marmóreos, destacam-se três figuras humanas em relevo: a primeira tem às mãos pincel e palheta e à sua frente quadro em cavalete; a segunda está sentada com o instrumento musical lira e a terceira, em pé, com cinzel e martelo entalha um busto disposto em pedestal:



Foto 10: Pintura neoclássica na parede direita.

Na parte central, visualizada frontalmente pela entrada principal do edifício, após adentrar a porta principal, tendo subido os lances da escadaria de mármore natural vê-se, ao alto, uma pintura do atual patrono, o educador Sud Mennucci e, abaixo, uma grande placa referindo-se à construção do edifício, em que se lê:

Construído na administração de 1912-1916, sendo Cons. Dr. F. de P. Rodrigues Alves - Presidente do Estado, Dr. Carlos A.P. Guimarães - Vice-Presidente, Dr. Paulo de Moraes-Secretário da Agricultura, Dr. Altino Arantes - Secretário do Interior e Dr. Alfredo Braga- Director das Obras Públicas

- Painel da esquerda (homenagem à Ciência): cor cépia, claro sobre escuro, paredes

laterais de fundo em mural simulando colunas e abaixo blocos de pedras com veios marmóreos, destacam-se três figuras: a primeira realiza experimentos com aparatos científicos, a segunda traz um livro às mãos tendo aos pés um instrumento óptico e a terceira figura com um mapa em uma das mãos e outra aponta para o globo terrestre:



Foto 11: Pintura neoclássica na parede esquerda.

Logo abaixo, outra placa, referente à inauguração do edifício em 1917, que coube a outra gestão política, em que se lê:

Escola Normal de Piracicaba, criada em dezembro de 1896, Presidente do Estado – Dr. M. F. de Campos Salles, Secretário do Interior - Dr. A. Dino Bueno. Installada neste edifício em Julho de 1917, Presidente do Estado - Altino Arantes, Secretário do Interior – Oscar Rodrigues Alves.

Abaixo destas, uma placa pequena que chega ao rodapé da parede, na qual lê:

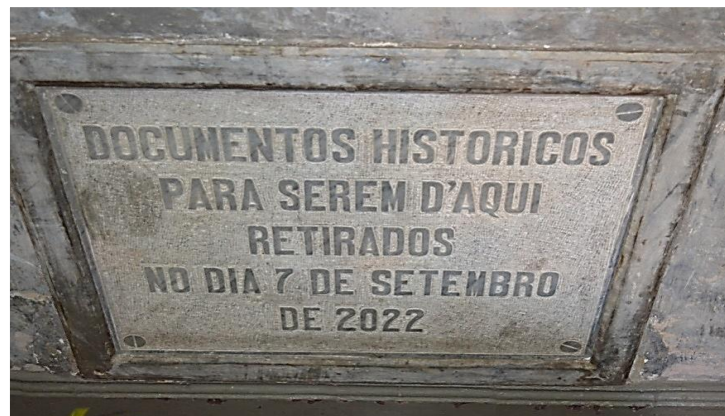


Foto 12: Placas existentes em uma das paredes do saguão principal.

Em outra placa que se encontra na parede da ala direita do corredor é possível ler:



Foto 13: Placas existentes em uma das paredes do saguão principal.

Nas laterais onde se situam as placas, duas portas de madeira e vidro, em folhas duplas, dão acesso à Sala de Música.

3.3.2 A sala de Música (Anfiteatro)

Este recinto tem a dimensão de 129,80 m², forma ovalada em uma das extremidades e cinco janelões em madeira. As paredes são de pinturas murais neoclássicas, não dispendo de painéis. O piso de tábuas de madeira corrida, disposto em declive que acomoda cadeiras retráteis de madeira e o teto tem formando, no centro, uma estrela de oito pontas.

Na parede da entrada, que comporta três portas laterais, dispõe, ao centro, uma lousa para giz e um piano espanhol Ortiz e Cuzzo, cor ébano. Nas paredes laterais foram afixadas, em anos diferentes, placas de bronze em homenagem os professores: Fabiano Lozano, Erotides de Campos, Newton de Almeida Mello, Benedicto Dutra Teixeira e ao atual patrono Sud Mennucci.



Foto 14: Sala de Música da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba: frente.



Foto 15: Sala de Música da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba: fundos.

3.3.3 O Salão Nobre

Neste ambiente, de dimensão de 145,20 m², localizado no piso superior do edifício, todas as paredes são pintadas com efeito marmorizado cromático em tom dourado e se apresenta decorada com adornos como florões, festões e esfinges. Figuram, ali, as seguintes representações de Luigi Lacchini:

- Imagem de Diogo A. Feijó (1784/1843), estadista paulistano, defensor da descentralização e de políticas liberais:

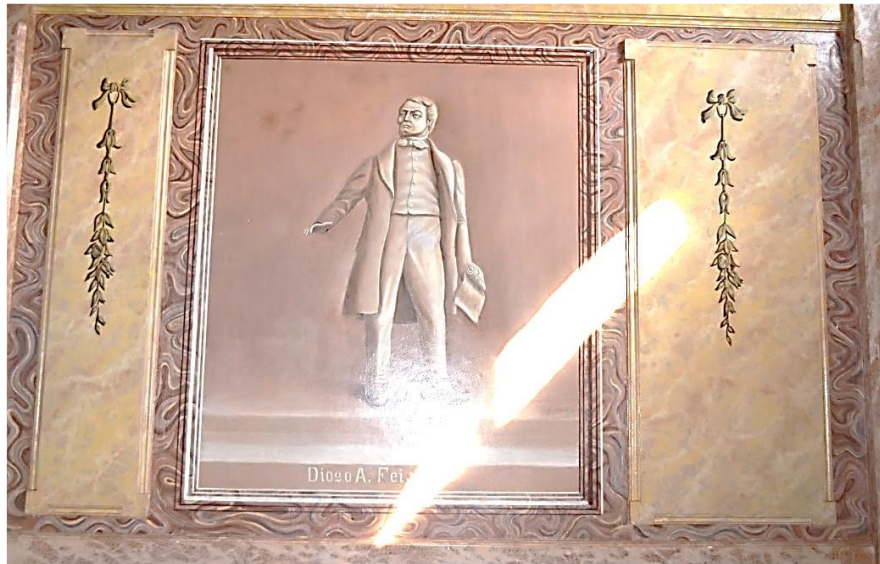


Foto 16: Pintura de Luige Lacchini em uma das paredes do salão nobre da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

-Ventre Livre (Imagem de José Maria da Silva Paranhos): o Visconde do Rio Branco diante de uma mãe escrava e o filho liberto. A Lei do Ventre Livre, promulgada em 28 de setembro de 1871, foi conhecida como “Lei Rio Branco”, devido a este ministro conservador ter sido seu maior defensor, em consonância com os insurgentes interesses da então primeira etapa da industrialização no Brasil:

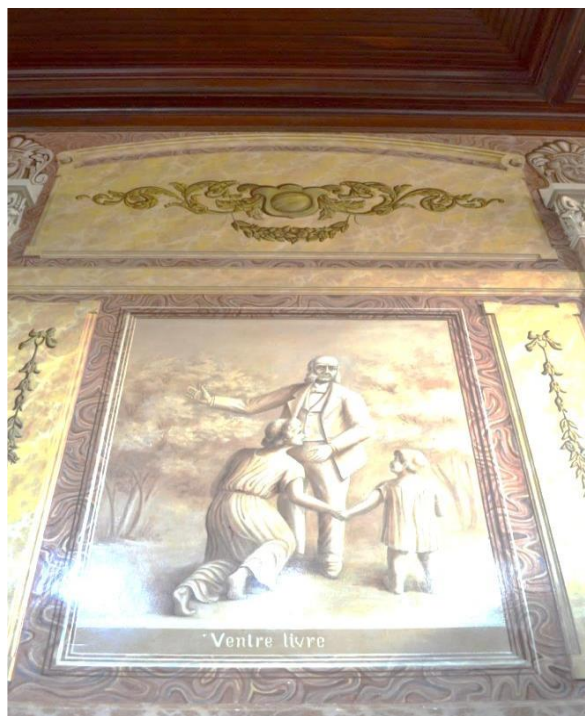


Foto 17: Pintura de Luige Lacchini em uma das paredes do salão nobre.



Foto 18: Pintura de Luige Lacchini em uma das paredes do salão nobre.

- Proclamação da República: Imagem do marechal Deodoro da Fonseca assentado em um cavalo branco sendo representado na tradicional saudação aos brasileiros, pelo advento da República.

Contornando os painéis de Lacchini foram aplicadas, com efeito de alto-relevo, delicadas ramificações verticais estilo festões e, acima destes, um grande festão horizontal, tendo meio-arcos que se fecham, na parte superior, quase chegando ao teto.



Foto 19: Vista parcial do Salão Nobre da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

Esse recinto possui amplos janelões de madeira maciça que terminam em formas ogivais divididos por falsas colunas de efeito em alto-relevo e encimadas por esfinges e abaixo acabamento que simula blocos de pedras marmóreas. Nas duas paredes laterais, encontram-se quatro esferas decoradas com folhagens e no centro destas as iniciais EN (Escola Normal) entrelaçadas. O acesso e a saída são possíveis por duas grandes e imponentes portas laterais de folhas duplas.

3.3.4 As escadarias



Foto 20: Pintura mural da parede lateral da escada

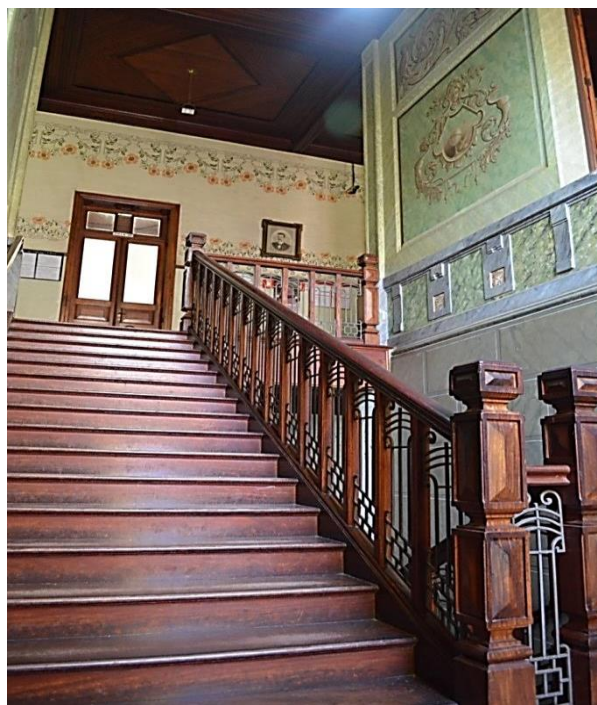


Foto 21: Escadaria do lado esquerdo.

As duas escadarias para o segundo piso são compostas em madeira maciça, possuem robustos corrimãos de madeira, guardas-corpos de madeira entremeados por fechamento em ferro forjado e madeira torneada; ocupam duas laterais do edifício.

Nas paredes que ladeiam as escadarias há pinturas murais em tom de verde, contornadas por barrados de tom azul e no centro o desenho de um janelão, tendo nas laterais representações que aludem às culturas artística e científica. Da metade para baixo, nas paredes laterais dos vãos das escadas, acabamentos que imitam blocos marmóreos em tom cinza que descem até o rodapé do piso inferior. No patamar de descanso se localizam dois vitrais com vidros coloridos (amarelo, azul, verde e vermelho) com a composição da figura geométrica losango e no seu centro forma uma estrela de oito pontas e dentro desta uma flor de oito pétalas.

3.3.5 Salas de Aula

As amplas salas de aulas dispõem de duas portas que permitem entrada/saída, feitas em folhas duplas de madeira maciça e vidros, possuindo lousas em duas paredes com a possibilidade de alterar a posição das carteiras. Possuem três janelões que se abrem para os jardins e pátios da escola. Todas as paredes possuem dois barrados de afrescos em diferentes motivos e pisos em assoalho de madeira corrida:



Foto 22: Uma das salas de aula da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

3.3.6 Os corredores

Os pavilhões do piso térreo são divididos por alas de corredores com paredes laterais de barrados de afrescos e os pisos são revestimentos hidráulicos. De um lado, dão acesso às portas das salas de aula e de outro, estão dispostos diversos janelões que se abrem para os pátios internos da escola, trazendo o efeito de grande iluminação e ventilação para seu interior:



Foto 23: Corredor de um dos blocos da Escola.



Foto 24: Paineis de fotos de professorandos da Escola Normal de Piracicaba de 1923.

No piso superior, na parede frontal de uma das escadas, retratos de Honorato Faustino, José Benedicto Dutra e Antonio Pádua Dutra; distribuídos ao longo do corredor encontram-se, ainda, dispostos os quadros de madeiras de formandos da antiga Escola Complementar e Normal de diferentes anos, desde 1900.

3.3.7 A biblioteca

Localizada atualmente no piso térreo, esta sala apresenta nas paredes as pinturas de afrescos de modo característico encontrado em toda escola. O espaço é dividido em dois ambientes estando dispostas, no lado esquerdo da entrada, estantes modernas contendo acervos de livros para uso dos docentes e discentes, bem como algumas antigas estantes de madeira, com entalhes das iniciais E.N.P. provavelmente da década de 1920, resquícios dos móveis elaborados para a antiga escola normal. Contudo, os antigos livros e materiais didáticos que compunham o acervo de consulta dos ex-alunos e ex-docentes da antiga escola normal encontram-se encaixotados em local separado e impossibilitados ao acesso, conforme informações da atual gestão. Do lado direito se encontra um espaço para leitura, contendo mesas redondas, cadeiras e poltronas modernas e alguns mobiliários mais antigos.



Foto 25: Vista parcial da biblioteca.

A influência do ideário republicano é notada na disposição e estética dos vários ambientes desse edifício, acentuadamente naqueles em que refletem eventos históricos relacionados a esta ideologia.

4 O CORPO DOCENTE

*Adeus escola onde aprendemos
Sábias lições e ensinamentos
Onde solícitos colhemos
A flor de puros sentimentos
No decorrer de nossa vida
Ó! Que pungir triste e saudosos
Do que nos faz neste momento
Idealizar porvir formoso
Hoje aqui somos venturosos
Mas amanhã quem sabe a sorte?
Quem guiará nosso bate?
Quem nos dirá qual nosso
Norte?*

Trecho da canção *Adeus, Escola*
de Honorato Faustino de Oliveira

Na história da Escola Normal de Piracicaba foi notável a presença do diretor Honorato Faustino de Oliveira²⁴. Este educador geriu a instituição por mais de três décadas²⁵, sendo que seu nome consta nos livros-pontos, ocupando o cargo de direção desde o ano de 1904, quando ainda da antiga Escola Complementar da Rua do Rosário, após a conversão do nome para Escola Normal Oficial de Piracicaba (1911) e depois da transferência da instituição para a nova localidade em 1917, na Rua São João, permanecendo ali até o ano de 1928, quando foi nomeado para a função de diretor da Escola Normal da Praça da República, na capital.



Foto 26: Honorato Faustino de Oliveira.
Fonte: Capri, Roberto. Piracicaba. S. Paulo, 1914.

²⁴ Nascido em Itapetininga/SP em 17.02.1867. Falecido em São Paulo/SP em 07.11.1948.

²⁵ Tornou-se notório, no decurso desta pesquisa, observar a permanência de vários docentes exercendo suas funções, por longo período, nesta instituição escolar.

Antes de assumir o seu posto em Piracicaba, Honorato Faustino já era um experiente educador, tendo iniciado sua carreira docente aos dezoito anos de idade, ainda nos tempos do Império, quando prestou concurso e obteve a nomeação interina para lecionar como professor primário em uma escola do bairro de Chapada; posteriormente, assumiu a direção em uma escola no bairro Sarapuhy, ambas em sua cidade natal, Itapetininga/SP.

Em 1887, tirou licença por três anos para cursar a Escola Normal de São Paulo e recebeu o diploma de habilitação ao magistério em 25 de novembro de 1889, quando retornou a Itapetininga e atuou como professor de 1890 a 1893. Após a proclamação da República, novas diretrizes o levaram a realizar um curso para atualização, obtendo um segundo diploma, como professor-complementar na Escola Normal de São Paulo.

Após ser diplomado em 1895, retornou à sua cidade natal para lecionar na Escola-Modelo Peixoto Gomide e em 1897 foi nomeado diretor da Escola Complementar de Itapetininga, onde permaneceu até 1904 quando, em 2 de junho deste mesmo ano, foi nomeado diretor da Escola Complementar de Piracicaba.

Nesta instituição escolar de nível secundário, na reflexão de Capri (1914) criou, com o passar do tempo, fortes vínculos de amizade e companheirismo, pela convivência por vários anos com inúmeros professores e alunos que ali se formaram e pela afinidade, por muitos desses se tornarem intelectuais e cultores das artes, como ele. Cultivou bons relacionamentos na cidade, nos mais diversos círculos sociais e manteve-se sempre atualizado e em contato com o meio cultural, artístico e jornalístico, tendo colaborado como educador e médico e através de escrita de artigos, poesias e divulgação dos eventos da instituição escolar, nos jornais da cidade.

Em álbum publicado em 1914, Capri (1914), assim o definiu:

O professor Honorato Faustino, que entre seus dignos colegas e outras pessoas igualmente cultas, adquiriu a excelente reputação que lhe vem do seu grande cabedal científico, também conquistou a estima do povo desta terra, que sabe observar e aplaudir a sua dedicação. Os seus conhecimentos, o seu tino administrativo, a energia do seu carácter e o seu espírito de justiça, fizeram de sua pessoa extremamente sympathica, um diretor de primeira ordem. Os seus colegas reconhecem-lhe o zelo e a capacidade e concorrem distintamente para lhe prestigiar a acção esforçada e criteriosa. O professor Honorato Faustino é, quando lh'o permitem as suas obrigações, um dedicado cultor das belas letras. Tem publicado mimosos contos, que muito lhe recomendam a fértil imaginação e o gosto literário. Antes da reforma operada no ensino da antiga Escola, os seus professores, chamados a toda hora a leccionar as mais variadas disciplinas e obrigados, por isso, a ser encyclopedicos, precisavam preparar-se, por um estudo acurado, para o bom desempenho das suas funções, deviam conhecer todo o programma da Escola Complementar. Pois o desejo de tudo saber, que domina os intellectuaes, levava o professor Honorato a ultrapassar este programma, applicando-se ao estudo de

materias não incluídas nelle. É que o seu espirito nunca se farta de novos conhecimentos, que lhe aumentem a erudição. (CAPRI, 1914, p. 119/120)

O diretor Honorato Faustino revelou vários interesses no campo cultural, como o estudo da língua pátria e se devotou também ao universo estético. Compositor e flautista, incentivou a educação musical na instituição, incentivando o aperfeiçoamento dos talentos musicais de vários dos normalistas que passaram pela escola durante sua gestão, como é o caso de Erotides de Campos, que veio a se revelar um talento ímpar como músico, compositor e poeta.



Foto 27: Entrada principal da Escola Normal de Piracicaba e alguns de seus docentes, na década de 1920.

Fonte: Acervo Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba

Pelo longo período que permaneceu na direção desta instituição, coexistiu com várias gerações de jovens estudantes que por ali passaram, muitos dos quais, depois de formados, principiaram o magistério nas escolas primárias piracicabanas, outros, em escolas de localidades vizinhas e alguns decidiram investir em diferentes carreiras como direito, jornalismo, agronomia etc. Entretanto, muitos permaneceriam por vários anos ainda ligados e

gravitando em torno desse educador e da escola, seja por fazer parte do grupo instrumental formado na escola, compondo vozes para o Orfeão Piracicabano, trabalhando na instituição, ou pelos vínculos criados com os antigos professores, simplesmente acompanhando os frequentes eventos promovidos pela escola por ocasião do término dos anos letivos.

Dezenas desses jovens vieram a fazer parte do corpo-docente desta escola, seja na área da educação elementar, lecionando na Escola-Anexa Primária, seja no Curso Normal ou no Curso Complementar para o nível secundário. Destacaram-se nomes como: Alípio Dutra, Fabiano Lozano, Antonio Pádua Dutra, Erotides de Campos, Benedicto Dutra Teixeira, João Dutra, Thales Castanho de Andrade, Silvio de Aguiar e Souza, Newton de Almeida Mello, Octávio Prates Ferreira, Elias de Mello Ayres, Laudelina Cotrim de Castro e Archimedes Dutra.

Foram educadores que, principalmente nas décadas entre 1920 a 1940, mantiveram intensa vida social e cultural, reunindo-se para a realização de saraus, serenatas e encontros culturais. Integravam um conjunto maior de intelectuais e artistas²⁶ da cidade, compondo uma rede de relações interpessoais e de influências mútuas que conferiu à Piracicaba da época um clima de ebulição no campo cultural e artístico. A cidade, apesar de pequena, oferecia vários espaços para a juventude da época se encontrar e extravasar a criatividade, como: o Teatro Santo Estevão, a Universidade Popular, os bares “Giocondo” e “O Ponto”, por exemplo.

No momento da transferência para o novo edifício da Escola Normal em 1917, o quadro de docentes era composto por educadores que atuavam há bastante tempo sob a administração de Honorato Faustino, ainda na antiga Escola Complementar. Seguiram para a nova sede: o Auxiliar de Diretor, Prof. Manasses Ephraim Pereira; o Secretário, Fernando Paes de Almeida e o corpo docente integrado pelos Professores: Joaquim da Silveira Santos-Português, Pedro de Mello-Francês, José de Assis Veloso-Matemática; João Baptista Nogueira-História e Geografia; Carlos Martins Soderro-Física, Química e História Natural; Justino Marcondes Rangel-Pedagogia; Fabiano Lozano-Música; Joaquim Bueno de Mattos-Desenho; David Muller e Henrique Seoane - Ginástica; Maria Leopoldina Mendes-Trabalhos Manuais²⁷.

²⁶ Hisdorf (1998) analisa a permanência de Lourenço Filho em Piracicaba em 1920 e reflete sobre o entrosamento do educador com esse grupo coeso de intelectuais e artistas piracicabanos durante sua estadia na cidade para a implantação da Reforma de Sampaio Dória.

²⁷ PFROM NETTO; MARTINS (2003).

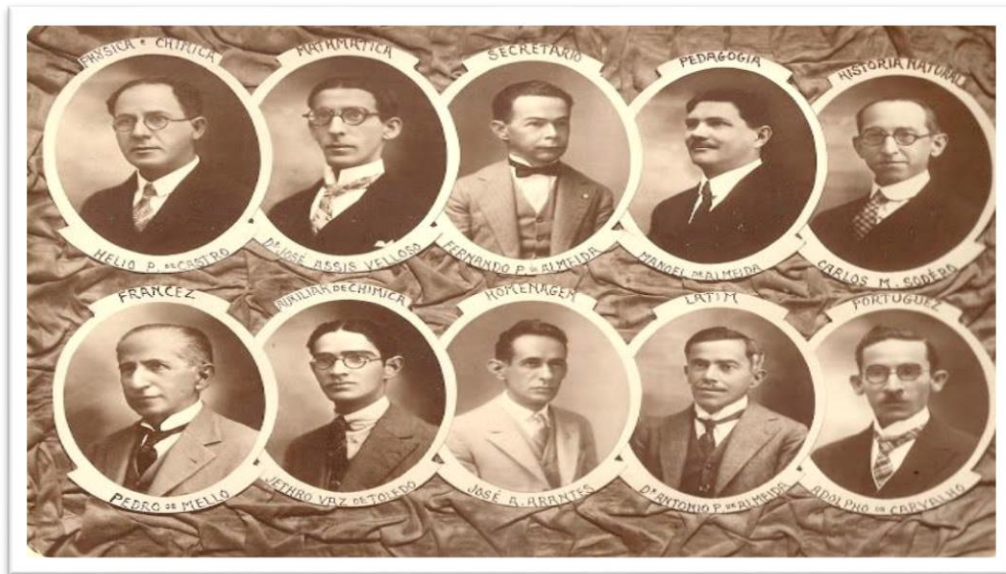


Foto 28: Quadro de alguns dos antigos docentes da Escola Normal.
Fonte: Acervo Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

Enquanto diretor da Escola Normal Oficial de Piracicaba, Honorato Faustino cursou medicina e obteve, em 1920, o diploma pela Universidade de Medicina de Curitiba/PR. Atuou como professor na Escola de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, entidade em que acompanhou a fundação em 1914. Relatos dão conta de que era comum, nos domingos e feriados, dar atendimento médico gratuito aos menos favorecidos na farmácia Santa Cruz, no bairro Alto²⁸.

Na companhia de docentes como Antonio dos Santos Veiga, Pedro de Mello e Carlos Martins Sodero, Honorato Faustino reunia esforços na prestação de serviços assistenciais à comunidade piracicabana, tendo sido membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba por 25 anos. Nesse sentido, o professor Carlos M. Sodero²⁹ foi um reconhecido exemplo de dedicação às causas dos menos favorecidos e desamparados, tendo trabalhado em prol de entidades assistenciais como a Ordem Franciscana Secular, a Sociedade São Vicente de Paulo, a Sociedade Beneficente Operária de Piracicaba e a Santa Casa de Misericórdia.

Enquanto vice-presidente da Sociedade Beneficente Operária, que tinha como divisa as palavras “caridade e instrução”, o professor Carlos M. Sodero trabalhou para o provimento de medicamentos e cuidados médicos à população carente, além de ter organizado e dirigido cursos noturnos para a educação de adultos, chegando a atender 153 alunos, no ano de 1912, conforme Pfromm Netto (2013).

²⁸ PFROMM NETTO (2013).

²⁹ Nascido em Barra Mansa/RJ em 29.12.1881. Falecido em Piracicaba/SP em 03.06.1942.

Era comum na gestão de Honorato Faustino a abertura do edifício da Escola Normal para eventos de visitação pública, na divulgação dos trabalhos de docentes e alunos, festejos e comemorações cívicas. Uma nota do *Jornal de Piracicaba*, de 28 de novembro de 1914, já assinalava esta prática, quando a instituição se localizada à Rua do Rosário:

[...] abriu-se ontem, às 11 h, tendo sido muito visitada, a exposição de trabalhos dos alunos da Escola Normal. Num dos pavilhões do edifício, bem dispostos e apresentando magnífico aspecto, estão lindos bordados e outros trabalhos da seção feminina, executados sob a direção da digna inspetora Exma. Sra. D. Maricota Mendes, bem acabados trabalhos de modelagem e marcenaria de que é professor o sr. Henrique Carneiro Secane e ótimos quadros a óleo e a crayon que revelam o aproveitamento dos alunos nas aulas do talentoso artista nosso conterrâneo Sr. Joaquim R. de Mattos.

4.1 A Música

O Teatro Santo Estevão foi um centro cultural muito apreciado e utilizado por Honorato Faustino desde que assumiu a direção da antiga Escola Complementar. Ali eram realizadas representações dos alunos e eventos de formatura, sendo que o Orfeão Normalista e a Orquestra do professor Fabiano Lozano se apresentavam regularmente nesse espaço cultural (Ferreira, 2008).

Muito interessado em música, Honorato Faustino de Oliveira escreveu inúmeras letras musicais, sendo algumas delas escritas com o pseudônimo F. Haroldo, como é o caso de *Adeus, Escola e Bandinha da Roça*, que foram musicadas pelo professor e maestro Fabiano Lozano. (PFROMM NETTO, 2013). Conviveu com o professor Lozano, na rotina diária da Escola Normal, por mais de uma década (1914 a 1928), trabalhando em mútua cooperação, na organização de diversas ações no sentido de divulgação da música e demais artes, seja em eventos ambientados na escola, no Teatro Santo Estevão ou em diferentes cidades do Estado de São Paulo.

O costume de divulgar as criações musicais elaboradas na Escola Normal teve início com a parceria do irmão mais velho de Fabiano Lozano, o clarinetista e maestro espanhol Lázaro Rodrigues Lozano³⁰, que foi professor de música na antiga Escola Complementar de Piracicaba, no período de 1905 e depois até a 1914 quando esta já se denominava Escola Normal Primária. O Hino da Escola Complementar foi composto por ele com letra do professor João Lourenço Rodrigues.

³⁰ Nascido na Espanha – sec. XIX.

Além de sua ativa participação na organização musical de eventos relacionados à escola no período que ali lecionou, o professor Lázaro Lozano fundou a primeira orquestra sinfônica na cidade de Piracicaba. Sua primeira apresentação pública se deu em 24 de março de 1900, por ocasião de uma missa realizada na igreja matriz Santo Antonio, em que executou a marcha fúnebre “*Saudades de Almeida Junior*” composta por Joaquim Miguel Dutra. (GUERRINI, 2009,vol.2).



Foto 29: Professor e Maestro Lazaro R. Lozano.
Fonte: Acervo da Associação de Cultura Artística de Piracicaba.

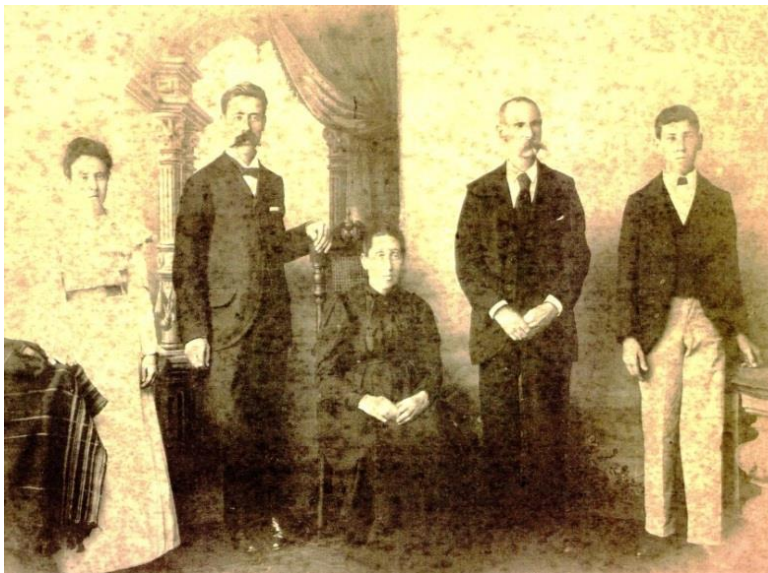


Foto 30: O professor Lazaro R. Lozano ao lado de sua família com o irmão Fabiano Lozano, ainda adolescente.
Fonte: Acervo da Associação de Cultura Artística de Piracicaba.

Em 1912, o professor e maestro Lázaro publicou no seu idioma de origem, o livro “*Solfeo para las Escuelas con acompañamiento del piano, para uso de la escuelas primarias, escuelas normales, colégios, etc*” que veio ter forte influência na vida musical do irmão mais novo, Fabiano Lozano, ao qual manifestou, bem cedo, acentuado talento nesse campo.

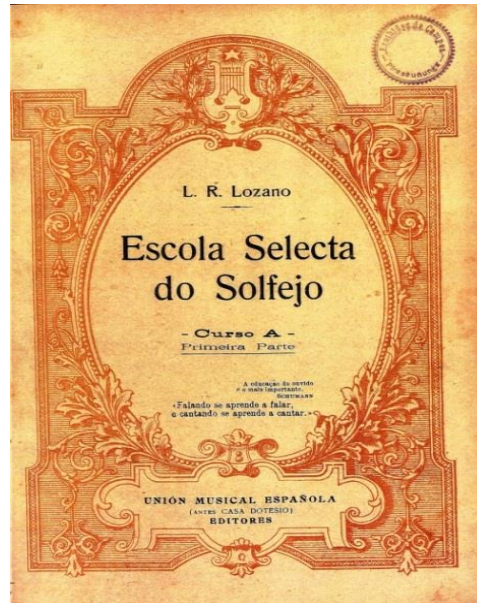


Foto 31: Capa do livro para solfejo elaborado por Lazaro R. Lozano.
Fonte: Acervo da Associação de Cultura Artística de Piracicaba.

Quando o professor Lázaro decidiu retornar definitivamente para Espanha em 1914, Fabiano, que já desenvolvera estudos no campo musical, o sucedeu no cargo de professor de Música da Escola Normal, vindo a expandir a tradição musical deixada pelo irmão nesta escola, concebendo o Orfeão dos Normalistas. Tornou-se, posteriormente, uma figura de grande expressão nacional no campo da pedagogia musical com a divulgação do canto orfeônico nas escolas brasileiras.

Fabiano Lozano³¹ fixou-se em Piracicaba com a família quando ainda era adolescente, tendo logo iniciado o curso complementarista na Escola Complementar de Piracicaba. Simultaneamente ao seu estudo de formação como professor, Fabiano se dedicava ao estudo da Música, já que pertencente a uma família de músicos tinha em seus familiares grandes incentivadores. Desde muito cedo se apresentava como pianista na orquestra criada pelo seu irmão Lázaro. Após a conclusão do curso complementar em 1903, Fabiano regressou à

³¹ Nascido em Tijola, Espanha, em 20.01.1884. Falecido em São Paulo, no ano de 1965.

Espanha para cursar o Real Conservatório de Música de Madri a fim de se aperfeiçoar em piano, harmonia, regência e composição.



Foto 32: Conjunto Orquestral do Maestro Fabiano Lozano (ao centro). Identificados: Erotides de Campos (flauta) e Benedicto D. Teixeira(violino).
Fonte: Acervo da Associação de Cultura Artística de Piracicaba.

Retornando à Piracicaba, fundou a *Orchestra do Theatro Cinema de Piracicaba* que se apresentou pela primeira vez em 12 de outubro de 1914, em um sarau promovido pela Universidade Popular de Piracicaba³². Essa orquestra foi, por muitos anos, uma das responsáveis pela sonoplastia dos espetáculos cinematográficos, já que, na época, o cinema era mudo. Dentre seus componentes, que chegou a ter 14 elementos, contava com alguns dos alunos da Escola Normal de Piracicaba como: Erotides de Campos, Benedicto Dutra Teixeira e Belmácio de Pousa Godinho. Os dois primeiros se tornariam, posteriormente, professores da Escola Normal de Piracicaba e expoentes na música, em Piracicaba. O professor Belmácio de Pousa Godinho, por sua vez, desenvolveria sua carreira de educador, bem como de compositor e seresteiro na cidade de Ribeirão Preto/SP. (PFROMM NETTO, 2013).

Nas memórias dos tempos de normalista, escritas por Francisco Assis Iglésias, consta o seguinte comentário sobre o jovem Fabiano Lozano:

O Jardim Público e Largo de São Benedito eram nossos senálucos onde discutíamos sobre todos os assuntos: Belas Artes, Literatura em geral e, em particular, Teatro, Política, Religião (...).

[..] O Fabiano Lozano (...) dava sempre um colorido especial à reunião, ao “Senáculo”. Discorria entusiasmado, sobre como interpretava um temporal, um maremoto, o rugir das ondas encapeladas contra os rochedos, e depois a calmaria, o quase silêncio dos elementos, o mar de rosas espelhando os últimos lampejos carmesins do sol a desaparecer no horizonte. O piano, dizia, em mãos hábeis,

³² Informações a respeito desta universidade, ver Seção 3 dessa dissertação, pag. 51.

acionado pela ênfase espiritual do músico, do virtuoso, geme, soluça, implora, para depois cantar as delícias da natureza tranquila. (IGLÉSIAS, 2003, p. 192/193).

Assim que assumiu o cargo de professor de música na Escola Normal, Fabiano Lozano organizou a seleção das melhores vozes entre os estudantes normalistas para prática do canto coral, iniciando logo os treinamentos necessários para a formação de um orfeão. Em 1917, quando a escola se mudou para o novo endereço, já contava com o Orfeão dos Normalistas, que, nos anos subsequentes, alcançou grande repercussão na cidade; “por volta de 1925, a fama dos sucessivos orfeões normalistas de Lozano tinha se consolidado não só na cidade, mas em todo o Estado”. (FERREIRA, 2008, p.14).

Em artigo publicado em 1958, o jornalista Fortunato Losso Netto³³, diplomado professor pela Escola Normal de Piracicaba na Turma de 1928, relata um pouco de suas memórias sobre o Orfeão Normalista, do qual foi membro:

Nós, os normalistas de 1925, preparávamos as nossas gargantas com gargarejos de malva e pastilhas miraculosas para “passar” nos testes que Fabiano Lozano fazia, ao admitir os novos componentes do Orfeão Normalista. Integrar o famoso orfeão, que empreendia excursões artísticas vitoriosas a Ribeirão Preto, a Pirassununga, a Campinas e São João da Boa Vista, era a suprema aspiração do estudante da velha Escola Normal. (LOSSO NETTO – JP 25.05.1958).

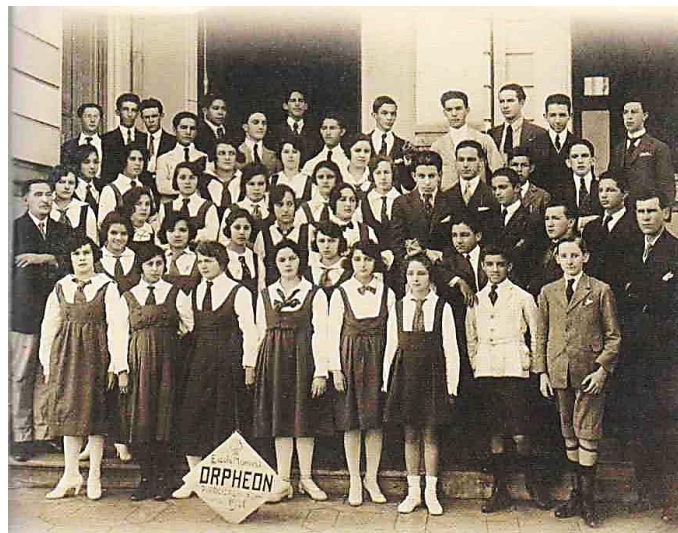


Foto 33: Orfeão da Escola Normal, ladeado à esquerda pelo Diretor Honorato Faustino e à direita pelo Prof. Fabiano Lozano – 1921.

Fonte: Acervo da Associação de Cultura Artística de Piracicaba.

³³ Nasceu em 18.08.1910 e faleceu em 03.01.1985. Foi médico, jornalista e diretor-proprietário do centenário *Jornal de Piracicaba*. Foi um dos membros fundadores da Sociedade da Cultura Artística (1925) e esteve envolvido na criação de importantes entidades piracicabananas no século XX.

Nos meados da década de 1920, em virtude da constante perda de componentes no Orfeão Normalista, já que alguns dos formados saíam para lecionar em outras cidades – também nesta época já começava a rarear as matrículas de alunos do sexo masculino nesta escola, dada a crise que atingia a carreira no magistério – o professor Lozano decidiu formar um coral de 48 vozes dentre a população piracicabana, que foi denominado Orfeão Piracicabano. Os elementos deste orfeão, na sua maioria, eram de alunos da Escola Normal e do Colégio Piracicabano³⁴, instituição em que ele também lecionava em Piracicaba.

O professor Fabiano também almejava promover mais eventos culturais na cidade e, assim, em 14 de junho de 1925 criou, simultaneamente, o Orfeão Piracicabano e a Sociedade da Cultura Artística de Piracicaba. Nessas aspirações, o maestro Lozano recebia muito incentivo e apoio dos professores da Escola Normal, dentre eles, o professor Antônio dos Santos Veiga, que foi o primeiro presidente da Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba. (PFROMM NETTO, 2013).

Nesse contexto, o Teatro Santo Estevão se constituiu, nesta época, um local imprescindível, tanto para o acolhimento dos membros do Orfeão Piracicabano para realização de ensaios, como centro divulgador das apresentações públicas deste grupo e demais grupos culturais, fortalecendo o movimento musical e cultural da cidade. Depoimentos em Ferreira (2008) informam que, após a criação da Sociedade da Cultura Artística e tendo Fabiano Lozano à frente da organização dos eventos da cidade, intensificaram-se os saraus e demais apresentações artísticas nesse local. O Teatro Santo Estevão passou a ter ainda maior visibilidade, tendo passado por ali “praticamente todo o mundo artístico e intelectual brasileiro da primeira metade do século XX” (p.21). Fizeram apresentações em seu palco: musicistas como Villa-Lobos³⁵ e Magdalena Tagliaferro, poetas como Mário de Andrade e Guilherme de Almeida, conferencistas como Coelho Neto e Martins Fontes.

Formado por componentes mais estáveis, o Orfeão Piracicabano realizou apresentações em inúmeras cidades como Campinas, São João da Boa Vista, Rio Claro, São Paulo, Casa Branca, Santos, Ribeirão Preto e Rio de Janeiro, alcançando grande

³⁴ Com referência a essa instituição escolar, ver seção 3 dessa dissertação, p. 48.

³⁵ O maestro Heitor Villa-Lobos (1887-1959) incumbido, em 1932, de dirigir a Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), no governo de Getúlio Vargas, organizou uma metodologia para o desenvolvimento musical para alunos das escolas públicas, que compreendia: declamação rítmica e califonia, preparação ao ensino do canto orfeônico e prática do canto orfeônico. Neste projeto, os pioneiros e mentores nas técnicas do canto orfeônico e as principais fontes para o trabalho de Villa-Lobos foram os musicistas: Lázaro Lozano, Fabiano Lozano, Honorato Faustino, João Baptista Julião, João Gomes Junior e Carlos Alberto Gomes Cardim. (GILIOLI, 2003).

receptividade, sendo ovacionado pela plateia e tendo obtido sempre muito destaque nos noticiários dos jornais das cidades por onde passava.

Na cidade do Rio de Janeiro, em que a apresentação foi realizada em prol da Sociedade de Assistência aos Lázaros, constou de três atos: o primeiro o Orfeão cantou *Momento Musical* de Schubert, *Saudade* de Foster, *Cascata de Risos* de Lozano e *Dança das Fadas* de Grech; o segundo cantou *Canção da Guitarra* de Marcelo Tupinambá, *As Duas Flores* de Lozano, *Dorme Filhinho* do Cancioneiro Popular e *Luar do Sertão* de Catulo Cearense, e no terceiro cantou *Primavera* de Grieg, *Junto ao Berço* de Godard, *Devaneio* de Schumann e *Ária* de Bach, segundo relatos de Orlandina Sodero, colhidos por Ferreira (2008).



Foto 34: Prof. Fabiano Lozano com o Orfeão Piracicabano, em frente ao Teatro Santo Estevão, 1929.
Fonte: Acervo da Associação de Cultura Artística de Piracicaba.

O Orfeão Piracicabano, sob a regência de Lozano, já bem conceituado em Piracicaba e região, executou a cerimônia inaugural do Teatro São José de Piracicaba, em 11 de junho de 1927. Conforme Ferreira (2008), uma de suas apresentações no Teatro Santo Estevão, realizada em 10.07.1928, teve a presença de Mário de Andrade como conferencista que, em sua fala da noite do evento, fez muitos elogios ao maestro Fabiano Lozano e seu Orfeão Piracicabano.

Posteriormente, Mário de Andrade escreveu duas críticas favoráveis sobre o Orfeão de Piracicaba no jornal *Diário Nacional* de São Paulo, em 16.06 e 15.07 de 1928, conforme

Ferreira (2008). Na crítica feita em 15.07 de 1928, no jornal em epígrafe, (ANDRADE apud FERREIRA, 2008), pronunciou que o Orfeão Piracicabano representava o primeiro coro artístico brasileiro, tendo uma ótima técnica coral que alcançava a perfeição em certos momentos – nos efeitos da boca fechada, na fusão do conjunto, no timbre geral, na articulação sonora que se desdobrava com naturalidade em planejamentos nítidos de quarteto, pianíssimos, crescendo e diminuídos.

A orquestra de Lozano passou, em 06 de julho de 1929, a ser denominada oficialmente como Orquestra Piracicabana, filiada à Sociedade da Cultura Artística. É nesse ano, em 25 de outubro, que Fabiano Lozano e toda população de Piracicaba vivenciaram um acontecimento inédito e histórico: a primeira gravação de discos feita na cidade, executada pela empresa *Victor Talking Machine Company*. A Orquestra Lozano fez o acompanhamento musical para a famosa dupla caipira *Mandy e Sorocabinha*, na gravação de cinco discos.

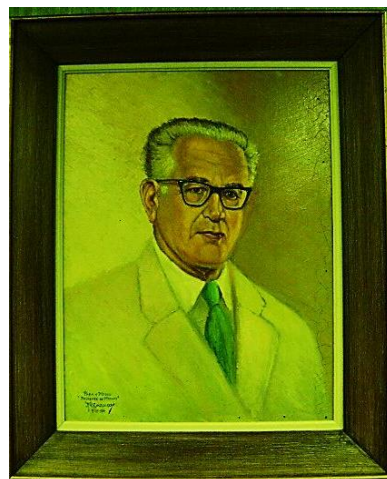


Foto 35: Autorretrato do Prof. Manuel Rodrigues Lourenço.
Fonte: Acervo Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes de Piracicaba.

Mandy era o nome artístico do professor Manuel Rodrigues Lourenço que, formado na turma de complementaristas em 1920, já revelava pendores para composição e interpretação de músicas caipiras enquanto estudante, bem como demonstrava interesse para as artes plásticas. Tinha um conjunto musical chamado *Quarteto Caboclo*, que frequentemente fazia apresentações de canto e sapateado em benefício do Grêmio da Escola Normal. Foi dele a iniciativa de estabelecer contato tanto com a gravadora, quanto com a orquestra de Lozano para a realização dos discos. Pela boa acústica do local, as gravações foram feitas no salão-nobre da Escola Normal de Piracicaba. (PFROMM NETTO, 2013-LOPES, 1999).

O professor Fabiano Lozano prosseguiu com suas atividades de Educação Musical e Canto Orfeônico na Escola Normal de Piracicaba até 1930, tendo obtido notoriedade no

desenvolvimento de seu trabalho e se firmado no universo artístico, quando foi convidado a divulgar seus métodos pedagógicos nas escolas normais do Estado de Pernambuco. No ano posterior, em 1931, a convite de Lourenço Filho, teve a incumbência de organizar o Serviço de Música e Canto Coral do Estado de São Paulo e, em 1952, criou o Orfeão do Professorado Paulista. Nas décadas de 1940 e 1950 publicou várias obras sobre Educação Musical para escolas como: *Alegria nas Escolas*; *Sorrindo e Cantando*; *Tocar, Brincar e Cantar*; *Caminhos do Coração*; *Meu livro de Solfejo*; *Minhas Cantigas*, entre outras.

O seu ex-aluno, formado em 1917, historiador, jornalista, teatrólogo e músico Leandro Guerrini, em depoimento para Ferreira (2008), comentou:

Seu Fabiano era mesmo um homem notável. Sua partida de Piracicaba foi muito sentida, mas a pacata cidadezinha de então, numa época em que a vida corria tranquila e ninguém tinha nada que fazer, já não comportava mais o maestro e seu sonho quimérico de difundir pelo Brasil afora a prática do canto coral. (p.15).

Na ocasião da saída do professor Fabiano Lozano da Escola Normal, em 1931, assumiu a disciplina de música na Escola Normal, seu ex-aluno e violinista da Orquestra de Piracicaba, Benedicto Dutra Teixeira³⁶. O professor Benedicto tinha acompanhado de perto todas as realizações de seu mestre no desenvolvimento e divulgação musical na escola e na cidade, tendo também participado da fundação da Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba. Soube aproveitar o legado no ensino da música deixado por Fabiano Lozano e deu continuidade à organização do canto orfeônico na Escola Normal; também o sucedeu na regência da Orquestra de Piracicaba.



Foto 36: Professor e maestro Benedicto Dutra Teixeira.

Fonte: Acervo da Associação de Cultura Artística de Piracicaba.

³⁶ Nascido em Jaú/SP em 11.08.1892. Falecido em Piracicaba/SP em 21.11.1962.

Este educador pertencia a uma tradicional família de artistas por parte de seu bisavô Miguel Arcanjo Dutra (1812/1875), o qual se destacou como escultor, ourives, musicista, arquiteto e pintor. Miguel Arcanjo obteve reconhecimento artístico tanto em Piracicaba como em todo o Estado de São Paulo, por sua técnica de pintura realista e pelo valor histórico de suas obras, as quais se tornaram importantes fontes iconográficas oitocentistas. Pintou centenas de aquarelas retratando as paisagens de São Paulo e de cidades do interior paulista, além de ter executado notáveis esculturas e obras sacras. Muitas de suas produções fazem parte, atualmente, do acervo do Museu Republicano de Itu. O avô de Benedicto Dutra, Miguel Ângelo Dutra (1838/1914) também se destacou como músico e artista plástico e seu tio Joaquim Miguel Dutra (1864/1930) foi pintor, escultor, compositor e instrumentista notório. (VELLOSO, 2000).

Miguel Arcanjo Dutra foi um dos precursores do movimento musical piracicabano ainda na época do império, tendo trazido da cidade de Itú um valioso acervo de músicas sacras que passaram a ser executadas em Piracicaba, tradicionalmente, por ocasião das Semanas Santas. Criado pelos avós maternos, o professor Benedicto conviveu intensamente com seus primos: Alípio, João, José, Antônio Pádua e Arquimedes Dutra que também revelaram grande inclinação e talento para a música e para as artes plásticas. Estes se formaram professores pela Escola Normal de Piracicaba, tendo quatro deles feito parte do corpo-docente dessa instituição educacional.

No mesmo ano de 1931, em que assumiu a cadeira de música na instituição escolar, o professor Benedicto regeu um concerto com a iniciativa do professor Pedro de Mello em favor da Cruzada Pró-Lázarus, no Teatro Santo Estevão. Este evento teve a apresentação da Orquestra Piracicabana e do Orfeão Normalista, com acompanhamento dos cantores Adelaide Baena de Castilho, Vicentina Godinho, Pedro Aloisi e Leandro Guerrini. (PFROMM NETTO, 2013).

Durante seu trabalho na instituição por trinta anos, o professor Benedicto Dutra Teixeira tomou a frente na organização dos saraus musicais apresentados no Teatro Santo Estevão. Criou várias obras entre valsas, mazurcas, polcas, hinos escolares, cantos corais entre outras músicas. As canções que mais se destacaram foram: *Laurinha*, *Sempre Sonhos*, *Paisagens e Filha da Floresta* (inspirado em obra escrita pelo amigo e professor Thales Castanho de Andrade). Assumiu também por vários anos a presidência e a função de diretor artístico da Sociedade da Cultura Artística, além de ter fundado o Orfeão Mariano de Piracicaba, que contava com cem elementos com o incremento de quatro vozes mistas.

Erotides Jonas de Campos Neves³⁷, ex-aluno de Fabiano Lozano na Escola Normal de Piracicaba, também se destacou pela vocação e talento precoces direcionados à música. Estudou de 1915 a 1918 nesta instituição de ensino e nesse período recebeu apoio para o desenvolvimento de seu talento musical do diretor Honorato Faustino, bem como do professor Fabiano Lozano, que o integrou à sua orquestra, tendo incentivado e divulgado suas criações musicais em eventos realizados pela escola normal ou em eventos particulares.

De origem humilde e de poucos recursos, desde muito cedo seu virtuosismo na flauta despertou a atenção de vários professores de sua cidade natal, que o auxiliaram no seu desenvolvimento musical e escolar. A partir daí e por toda sua trajetória de vida, o professor Erotides encontraria garantia de sustento na música, seja fazendo apresentações musicais em cinemas, bailes e festas, lecionando música ou criando arranjos e composições para a editora Campassi & Carmim de São Paulo.



Foto 37: Erotides de Campos quando estudava na escola Normal de Piracicaba.

Fonte: Moura J.C. Alvorada de lírios. 1996.



Foto 38: Flauta de Erotides de Campos.

Fonte: Acervo Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes de Piracicaba.

Por possuir caligrafia impecável, nos tempos em que não havia copiadoras ou recursos análogos, também era requisitado para executar escrita e cópias de diversos documentos, principalmente de partituras musicais, que fazia com perfeição. Nesse sentido, seu ex-aluno Hélio A. Manfrinato conta que o professor Benedicto Dutra Teixeira solicitava sempre ao

³⁷ Nascido em Cabreúva/SP em 15.10.1896. Falecido em Piracicaba em 20.03.1945.

colega professor Erotides que lecionava Química, que o ajudasse a grafar, no quadro negro, partituras das canções a serem trabalhadas em suas aulas de música, devido à grande precisão de sua escrita.

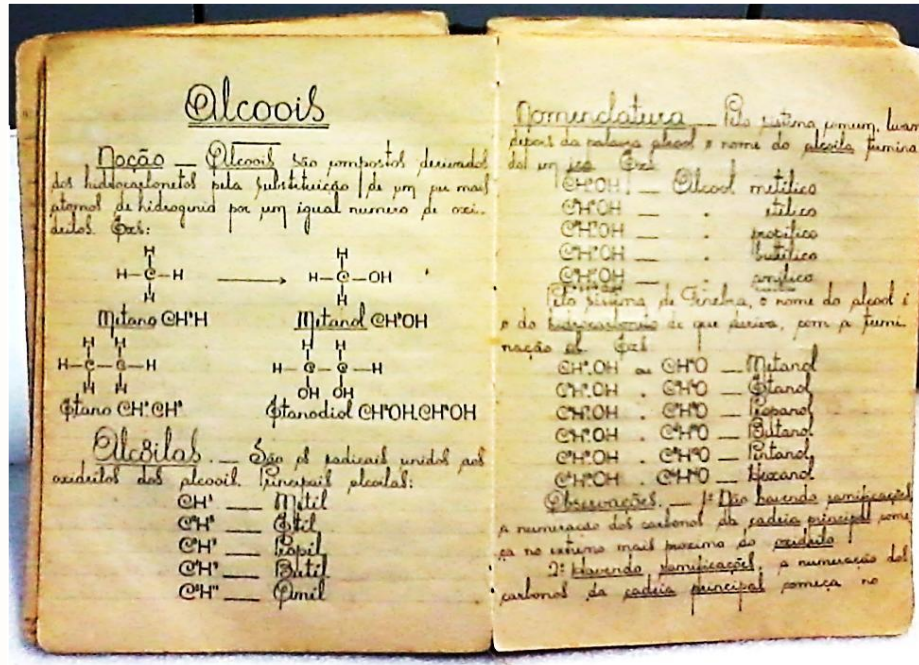


Foto 39: Caderno de Química do Professor Erotides de Campos.
Fonte: Acervo Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes.

Segundo Moura (1996), o professor Erotides apresentava talentos múltiplos na esfera musical, tocando com exímia, diversos instrumentos além da flauta, como: clarineta, violão e piano. Destacou-se, ao longo do tempo, como compositor e músico, chegando a criar mais de 230 composições entre canções, choros, berceuses, hinos, marchas, dobrados, pastoral, maxixes, elegias, charlestons, foxtrotes, sambas, tangos e valsas.

A valsa *Ave Maria*, composta em 1932, foi uma de suas composições que alcançou grande repercussão e foi divulgada por cantores famosos de seu tempo como: Altamiro Carrilho, Pedro Celestino, Jair Rodrigues, Inezita Barroso, entre outros, na fase áurea do rádio. *Murmúrios do Piracicaba*, *Alvorada de lírios* e *Uma Barquinha Azul* foram canções que se destacaram dentre as composições dos seus últimos anos. (MOURA, 1996; PFROMM NETTO, 2013).

Analisando a coletânea de suas composições, catalogadas por Moura (1996), observa-se que Erotides de Campos foi um músico eclético, criando composições de diversas modalidades rítmicas. Muitas das canções de seu repertório revelavam forte sentimento

patriótico e cívico, outras se inspiravam na temática da natureza, no amor romântico e na religiosidade cristã.

Na Escola Normal de Piracicaba, Erotides de Campos fez inúmeras amizades tanto na época de estudante como quando, na década de 30 a 40, veio a lecionar as disciplinas de Física e Química nesta instituição. Destas amizades nasceram parcerias musicais com os professores: Elias de Mello Ayres, Silvio Aguiar Souza, Newton Almeida de Mello, Anísio Ferraz Godinho e José de Toledo Pousa, que conferiam versos para suas composições.

Em 1917, em parceria com o professor Elias de Mello Ayres foi criada a sua primeira composição impressa, a canção *Mariinha*. Compôs também vários hinos escolares em parceria de seus pares, como: Hino do Grupo Escolar Pedro Crem, Hino à São Paulo, Hino Oficial do Grupo Prudente de Moraes (versos do prof. Mello Ayres) e o hino para o Clube Social Regatas de Piracicaba (versos do prof. Sylvio de Aguiar Souza) e Hino à criança (versos do Prof. Mello Ayres). Com o amigo professor e historiador Leandro Guerrini compôs *Valsa do Adeus* e *Viola Magoada*, ainda na época de estudante. Criou na década de 1940, juntamente com os professores Anísio Godinho e José de Toledo Pousa, *O Cancioneiro Escolar*, uma coletânea de canções escolares destinada aos orfeões das escolas primárias estaduais e municipais. (PFROMM NETTO, 2013).

Em homenagem à Carmen Miranda, o professor Erotides compôs a marchinha *Alô, Brasil...*, versada pelo professor Newton de Mello que foi o autor do Hino de Piracicaba (oficializado pela Lei nº. 2207 de 31.12.1975). Ao amigo, professor e escritor Thales Castanho de Andrade, fez o tango *Cantiga Serrana*, versado pelo professor Benedito Costa, também formado na Escola Normal de Piracicaba e que lecionou na mesma na década de 1960. Dedicou à Maria Aparecida, filha do amigo Elias de Mello Ayres, o maxixe *As covinhas de seu rosto*.

Ao rio de Piracicaba e à cidade de Piracicaba, o professor Erotides dedicou a canção intitulada *Murmúrios do Piracicaba*. Conforme Moura (1996):

A cachoeira, as corredeiras, a rua do Porto, as curvas graciosas são os Murmúrios do Piracicaba. Representam uma conversa íntima com o marulhar do rio. Confidências trocadas pelo artista no êxtase de sua admiração pela terra que o acolheu. Recordações antigas – um mundo de ideias e de emoções que deixaram um rastilho inapagável. (MOURA, 1996, p. 18).

Com referência ao seu percurso como educador, o professor Erotides de Campos atuou como professor primário em escolas de São Carlos, Tanquinho e Dois Córregos e de 1923 a 1931 foi professor de música na Escola Normal de Pirassununga. No ano subsequente

retornou à Piracicaba para lecionar as disciplinas de Física e Química no curso complementar da Escola Normal, tendo permanecido na instituição até o ano de 1945, quando veio a falecer.

Enquanto professor em São Carlos integrou a Orquestra do Teatro de São Carlos e ao ser transferido para Pirassununga participou do Grupo Chorão de Pirassununga. Em Piracicaba participou da Orquestra dos Cines Iris e Politeama, da Banda União dos Operários, da Orquestra de Piracicaba sob a regência de Fabiano Lozano e depois sob a regência de Benedicto Dutra Teixeira.

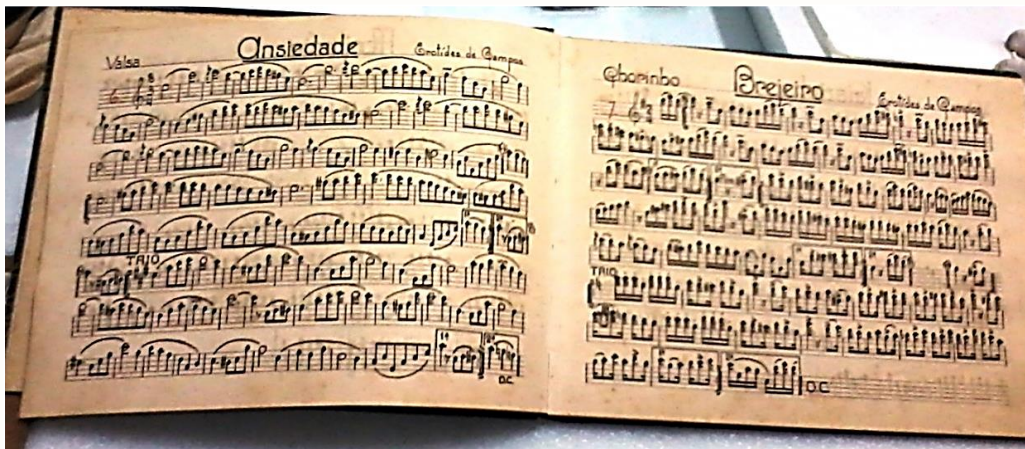


Foto 40: Caderno de composições manuscritas elaboradas pelo Professor Erotides de Campos. Fonte: Acervo: Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes de Piracicaba.

Participou como voluntário na Revolução Constitucionalista, assumindo o cargo de secretário da campanha sediada em Piracicaba, em que anotava os nomes dos companheiros que iam ao front, às baixas ocorridas, entre outras funções.

Foi um dos fundadores do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba, juntamente com seus amigos professores Belmácio Pousa Godinho, Leandro Guerrini e Antonio Belmudes Toledo, tendo atuado como primeiro secretário da diretoria desse clube esportivo. Foi também membro e um dos presidentes da entidade assistencial Sociedade São Vicente de Paulo. (PFROMM NETTO, 2013).

A biografia do professor Erotides evidencia uma intensa vida cultural, social e comunitária, demonstrando ter sido ativo no desenvolvimento de atividades sociais, culturais e assistenciais na cidade. Os depoimentos colhidos e as dedicatórias publicadas em jornais por antigos amigos demonstram que o mesmo foi uma figura destacada e estimada em Piracicaba. Na atualidade existe, em sua homenagem, o Teatro Erotides de Campos de Piracicaba.

O professor Elias de Mello Ayres³⁸ foi um dos letristas que mais fez parceria com Erotides de Campos. Realizaram em conjunto, as músicas: *Mariinha*; *Saudades D'aqui*; *Longe de Meu Bem*; *Abençoaí-nos, Ó Maria*; *Vida Campesina*; *Separação*; *Hino à Criança e Hino Oficial do Grupo Prudente de Moraes*. Compôs letras para as músicas do professor Benedicto Dutra Teixeira, ainda na época de estudante normalista, versou letras também para as músicas do professor Fabiano Lozano, como a canção *Rumo ao Campo*, por exemplo, que passou a ser o hino cantado nas escolas rurais do estado de São Paulo.

Este professor, formado na Turma de 1910 da Escola Complementar de Piracicaba, destacou-se como poeta, músico, orador e jornalista. Foi um dos primeiros membros da Sociedade da Cultura Artística, participando ativamente dos eventos patrocinados por esta entidade cultural, como músico (clarinetista e violonista) e como orador.



Foto 41: Professor Elias de Mello Ayres.
Fonte: Acervo de Geraldo Claret de Mello Ayres.

Atuou como professor primário, secundário e de ensino profissional, principalmente nas cidades de Piracicaba, Rio das Pedras e Pirassununga. Lecionou a disciplina de Biologia Educacional na Escola Oficial de Pirassununga de 1920 a 1936.

Em 1936 retornou à Piracicaba para ocupar a cadeira de Lente em Biologia no curso Complementar da Escola Normal de Piracicaba, ocasião em que, segundo Geraldo de Mello Ayres, teria estreitado ainda mais seus laços de amizade e de parceria musical com Erotides de Campos, pela convivência diária, já que eram praticamente vizinhos de quarteirão.

³⁸ Nascido em Capivari em 02.06.1890. Falecido em Piracicaba em 10.06.1960.



Foto 42: Poncho de Brim, usado pelo Professor Elias de Mello Ayres durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

Fonte: Acervo Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes de Piracicaba.

Na Revolução de 1932 participou como soldado voluntário no 2º Batalhão de Pirassununga. Este evento, segundo o entrevistado Geraldo C. de Mello Ayres, foi muito marcante em sua vida e, nesta época, compôs o poema intitulado “*Nove de Julho*”. Transcrevo o abaixo, a partir do original datilografado pelo professor Elias, no sentido de desvelar um pouco de seu apreço ao estado de São Paulo, seu espírito nacionalista e sua devoção religiosa:

Nove de Julho

São Paulo!

Tu, que, ao lado de teus irmãos, tanto tens feito pela unidade e grandeza do Brasil;

Tu, que, com o jesuíta, levaste o Evangelho à alma do selvícola e ensinaste o nome de Deus ao índio rubro, nu;

Tu, que, com o bandeirante – Tietê em fora – desbravaste o sertão para edificar a Pátria,

Tu, que desceste às grutas e vadeaste os rios, à cata do ouro e do diamante, para o resgate de nossa liberdade;

Tu, que fizeste do riacho Ipiranga, pequenino e humilde, o Jordão do civismo, em que se batizou a Nação Brasileira (...).

Como jornalista, o professor Elias escreveu inúmeros artigos e poesias nos jornais da cidade de Pirassununga e, em Piracicaba, foi colaborador do *Jornal de Piracicaba* por cinquenta anos. Segundo Geraldo Claret de Mello Ayres, o professor Elias publicou muitas de suas poesias nesse jornal, além de escrever artigos em que abordava vários temas, dentre eles, a educação, o bem estar e a saúde das crianças. Foi o criador da Semana da Criança em Piracicaba e nos meses de Outubro era o responsável pela organização e programação dos eventos comemorativos dessa data na Escola Normal.

Em outubro de 1937, o *Jornal de Piracicaba* publicou um artigo escrito pelo professor Elias intitulado *Crianças que trabalham* e ao lado desse artigo, foram editadas algumas das programações da Escola Oficial Normal daquela semana:

Hontem, dia da creança hospitalizada, as alunas do curso de puericultura, acompanhadas dos profs. Anísio Godinho, diretor em exercício, Mello Ayres e d. Nazira Graciema da Silva, em auto omnibus cedido gentilmente pelo sr. Virgílio

Jorge de Moraes, visitaram a Santa Casa, para oferecer às creanças ali hospitalizadas significados brindes recebidos da companhia Nestlé.

(...) Encerrando a Semana da Creança, as professoras orientadas pelo prof. Mello Ayres, em ambiente festivo, oferecerão, hoje, uma mesa de doces, no refeitório da Escola, a 60 creanças pobres que trabalham. As creanças serão gentilmente servidas pelas próprias professorandas. O Orfeão Infantil abrilhantará a solenidade. O discurso alusivo ao acto será enunciado pelo professor Antonio Monteiro Filho.

Thales de Andrade discursou em palestra em homenagem ao professor Elias, publicada no *Jornal de Piracicaba* em 11.07.1967, com esses dizeres:

(...) Sem hipérbole, afirmo que os atributos de Elias de Mello Ayres comparam-se ao brilhante. Múltiplas e cintilantes são as facetas do seu talento, da sua cultura, da sua operosidade, das suas lições, dos seus feitos, do seu civismo, da sua benemerência, do seu destemor, da sua fé!

Elias de Mello Ayres, preeminente educador, foi artista preeminente! Músico-compondo e executando, poeta, jornalista e orador. Inspirado vate, articulista ponderado e influente, orador aplaudidíssimo. Sendo Ciência, suas lições eram Arte. Sendo Discurso, seu verbo era Poesia. Seus escritos jornalísticos tinham profundidade e esplendor.

Com relação ao seu círculo de amizades, comenta Geraldo Claret de Mello Ayres, que o professor Elias cultivou, de forma duradoura, um número expressivo de amigos, nas várias instituições de ensino em que trabalhou. Ele foi, por várias vezes, presenteado com pinturas dos amigos Alípio e Archimedes Dutra e teve a honra de ser muitas vezes homenageado por amigos como Thales de Andrade. Teve também a oportunidade de estar presente e ter amparado nos braços, o grande amigo Erotides de Campos, em seu último momento de vida.

A educadora Laudelina Cotrim de Castro³⁹, formada em 1932 pela Escola Normal Oficial de Piracicaba, destacou-se como pianista, acordeonista, cantora e animadora cultural. Sua assinatura consta nos livros-ponto dos docentes da instituição a partir do ano de 1938. Conhecida pela personalidade multifacetada, pelo dinamismo e entusiasmo, enquanto docente na Escola Normal, foi organizadora de recitais, espetáculos teatrais e de balé, em que envolvia os estudantes normalistas, culminando no “Show dos Normalistas”, realizado anualmente no Teatro Santo Estevão. Estas festas, organizadas pela professora Laudelina, tinha a função de levantar fundos para a cerimônia de formatura dos normalistas, conforme relato de Jandyra Silveira Ramos.

Poucas informações foram encontradas a respeito dessa educadora nas bibliografias pesquisadas.

³⁹ Nascida em 12.04.1907. Falecida em Piracicaba/SP em 13.09.1981.

4.2 A Pintura

No cenário das artes plásticas se destacaram cinco professores membros da mesma família - os irmãos Dutra: Alípio, José Benedicto, Antonio Pádua, João e Archimedes. Formados pela Escola Complementar de Piracicaba, vieram a lecionar a disciplina de desenho e caligrafia na mesma, em diferentes anos, exceto José Benedicto que, embora tenha se dedicado à área educacional por toda vida, como docente e diretor escolar, atuou em diversas cidades paulistas menos na cidade de Piracicaba.

Os irmãos Dutra se tornaram personagens atuantes nos campos educacional e cultural piracicabanos por várias décadas, além de terem obtido projeção no universo artístico, alguns no âmbito nacional e internacional, como foi o caso de Alípio, Antonio Pádua e Archimedes Dutra. Receberam princípios nas esferas da música e das artes plásticas de seus familiares artistas, no entanto, pelos poucos recursos, não tiveram a chance de estudos em escolas de arte ou de música na infância e adolescência, tendo empreendido grandes esforços pessoais, ajuda-mútua e autodidatismo. Somente na idade adulta Alípio, Antonio Pádua e Arquimedes se valeram de seus talentos e estudos informais para participarem de concursos de pintura que oportunizaram seus estudos de aperfeiçoamento em conceituadas escolas de artes no exterior.

Além da influência direta das experiências artísticas do avô Miguel Ângelo e do pai Joaquim Miguel, os irmãos Dutra foram admiradores da pintura de José Ferraz de Almeida Junior⁴⁰ e de sua orientação estilística, sendo que o “adotaram como referência, seguiram seus passos e tinham-no como eterna inspiração”, segundo Cruz Filho (2007, p.38). Devotados à pátria, buscavam sempre retratar paisagens idílicas de sua terra natal e os afazeres das pessoas simples do povo. Como paulistas atuaram não só como combatentes voluntários em apoio à Revolução Constitucionalista de 1932, bem como desenhistas e ilustradores para a propaganda da campanha desse movimento.

Alípio Dutra⁴¹ (1891/1964) formou-se professor em 1909 pela Escola Complementar de Piracicaba, iniciando sua carreira lecionando na mesma, de 1910 a 1913. Enquanto estudante complementarista, Alípio mobilizou esforços em promover movimentos culturais na instituição, tendo sido um dos fundadores do Grêmio Normalista juntamente com vários colegas, dentre eles, Elias de Mello Ayres. Nota do J.P. em 09.02.1909 informou sobre a

⁴⁰ Pintor e desenhista brasileiro, nascido em Itu no ano de 1850 e falecido em Piracicaba em 1899. Provavelmente o primeiro artista brasileiro a conferir destaque a personagens simples e anônimos.

⁴¹ Nascido em Jaú/SP em 19.05.1891. Falecido em São Paulo/SP em 24.01.1964.

fundação desse grêmio, sendo os estudantes Alípio, vice-presidente e Elias, primeiro secretário.

Em 1912, enquanto professor da Escola Normal de Piracicaba, o professor Alípio fez sua primeira exposição de pintura em que ganhou um prêmio do Estado de São Paulo para aperfeiçoamento na Academia Julien de Paris, tendo ali estudado com mestres como Marcel Baschet, Henry Royer, Willian Laparra, Lucien Simon, entre outros nomes renomados da pintura europeia. Contudo, devido à deflagração da guerra em 1914, retornou ao Brasil sem concluir o curso. Entretanto, as técnicas aprendidas na Europa demonstraram-se de grande valia para o aprimoramento de sua pintura, já que nos anos posteriores participou de exposições em inúmeros eventos dos Salões de Belas Artes em São Paulo com sucesso e no Rio de Janeiro foi premiado.

Retornou à Europa em 1919, para trabalhar no Comissariado do Estado de São Paulo e concorreu em concurso para estudar na Academia Royale de Bruxelas, alcançando o primeiro lugar. Assumiu, posteriormente, a função de adido comercial adjunto na embaixada em Paris, época em que foi admitido na décima sexta posição em um concurso concorrido (600 candidatos para 20 vagas) para estudar na Escola Nacional de Belas Artes de Paris. (PFROMM NETTO, 2013 /VELLOSO, 2000). Alípio Dutra não retornou a lecionar na Escola Normal, seguindo com sua carreira diplomática, entretanto visitava Piracicaba frequentemente para ver sua família, contatar seus amigos e pintar as paisagens da cidade. Em 1919, ilustrou a primeira edição do livro *A Filha da Floresta* de seu amigo e professor Thales Castanho de Andrade, o qual se destacaria, posteriormente, como escritor de literatura infantil.

Suas experiências e conhecimentos adquiridos no exterior foram de grande benefício também para seus irmãos artistas, que se instruíram com ele, adquirindo as muitas técnicas europeias de pintura, sendo esses, seus sucessores como professores de desenho nesta instituição. Segundo Cruz Filho (2007, p.36), João Dutra, o irmão de Alípio, foi autodidata e “nasceu como artista, seguindo as pegadas do pai, Joaquim”, entretanto, “depois que começou a compartilhar dos conhecimentos dos irmãos, que estudaram nas melhores escolas do mundo, tornou-se erudito”, através de seu esforço em se apurar e avançar nos conhecimentos técnicos.

Alípio cultivou o espírito nacionalista e pintou paisagens da sua terra: do rio Piracicaba, de localidades da cidade e de costumes do povo. São de sua autoria as obras: “*Caipira Pescando*”; “*Ponteando a viola*”; “*Consertando a tarrafa*”; “*Socando o café*”; “*Jaraguá*”; “*Lavadeiras no rio*”; “*Casa de Caboclo*”; “*Touceira de bambu*”, entre outras.



Foto 43: “Lavadeiras no rio”, 1918. – Alípio Dutra.
Fonte: Velloso, A. C. Os Artistas Dutra: Oito gerações. 2000.

Em 1946, ganhou medalha de prata com “*Velha pitando*”, que executara em homenagem ao artista Almeida Junior, a quem tinha grande admiração. A Almeida Junior dedicou um livro não publicado e, ainda como escritor, foi coautor do livro “*História da pintura no Brasil*”. No ano de 1914, quando Alípio viajou para se especializar na Europa, a vaga de seu cargo na Escola Normal foi ocupada pelo professor e artista plástico Joaquim Raimundo Bueno de Mattos .



Foto 44: “Casa de caboclo”, 1919 – Alípio Dutra.
Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas Dutra: Oito gerações. 2000.

O professor Joaquim foi aluno e discípulo do conceituado pintor Almeida Junior que valorizava, em muitas de suas obras, a simplicidade da cultura caipira e, assim como seu mestre, o professor Joaquim de Mattos prestigiou o realismo e o regionalismo. Demonstrando um espírito extremamente nacionalista; apesar de ter participado de várias exposições e ter ganhado prêmios que possibilitariam seu aperfeiçoamento em grandes escolas europeias, optou por manter-se no país.

Lecionou na Escola Normal de 1914 até o final de 1932, tendo sido de grande influência para seus alunos normalistas, especialmente para Octávio Prates Ferreira⁴², que foi seu aluno normalista e discípulo na pintura. O professor Octávio, formado pela Escola Normal em 1918, posteriormente lecionou a disciplina de Trabalhos Manuais nesta mesma instituição em 1943, época em que ilustrou alguns livros didáticos escritos pelo professor Thales Castanho de Andrade. Neste ano exerceu a função de adido na Delegacia de Ensino de Piracicaba. Pintava principalmente em tela a óleo, aquarela e desenho a bico de pena. Executou várias obras de paisagens rurais piracicabanas. (PFROMM NETTO, 2013).

Segundo Cruz Filho (2002), Joaquim de Mattos foi uma grande referência nas artes plásticas no início do século XX. Realizou várias exposições entre as décadas de 1900 e 1920, tendo exposto suas obras em Piracicaba no Salão Morgado e na Universidade Popular de Piracicaba, como também nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nesta última conquistou a menção honrosa na Exposição Geral de Belas Artes (1916). Em 1921 realizou sua última exposição na União de Santo Agostinho em Campinas, juntamente com quadros elaborados por seu aluno e discípulo Octávio Prates Ferreira.

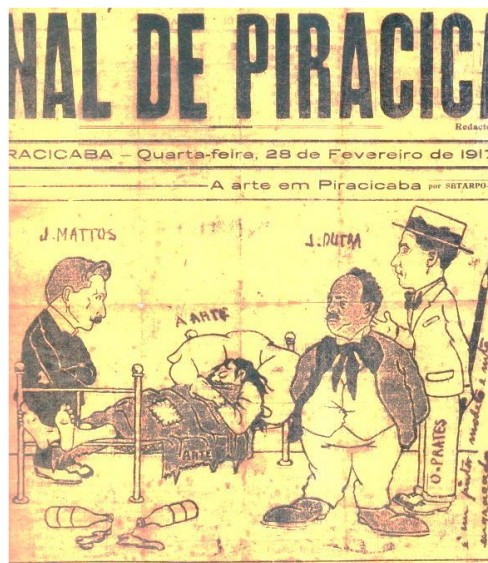


Foto 45: Charge sobre o estado da arte em Piracicaba. Jornal de Piracicaba, 1917.

Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas Dutra: Oito gerações. 2000.

⁴² Nascido em Rio das Pedras/SP em 21.04.1896. Falecido em Piracicaba em 02.04.1975.

De 1933 a 1936, assumiu o posto na disciplina de Desenho na Escola Normal de Piracicaba o professor Antônio de Pádua Dutra⁴³, que havia se formado em 1923 nesta instituição. Logo que se formou foi professor primário, lecionando na Escola-modelo de Casa Branca, tendo logo em seguida ocupado a cadeira de professor de desenho na Escola Normal também nesta cidade. Elaborou juntamente com seu irmão mais novo Archimedes Dutra, o projeto de uma disciplina de desenho voltada às necessidades do curso normal, vindo a ser concebida com o nome de Desenho Pedagógico. Esta disciplina veio a fazer parte do currículo nas escolas normais do estado de São Paulo, a partir da década de 1930.

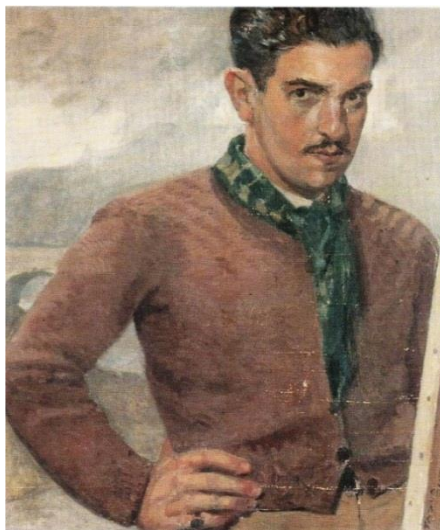


Foto 46: “Auto Retrato”.

Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas
Dutra: Oito gerações. 2000.

Na fase em que lecionou na Escola Normal de Piracicaba, presidiu o Centro do Professorado Paulista de Piracicaba, tendo organizado a criação de uma pinacoteca destinada a exposições diversas, especialmente de trabalhos realizados por docentes. O professor Antonio Pádua dedicou-se também à música – tocava saxofone – e realizou algumas composições musicais, dentre elas o foxtrote denominado “*Eu sou assim para você*”.

Foi reiterado colaborador da imprensa da região de Piracicaba, escrevendo crônicas, notas de viagens, poesias, artigos sobre educação e nacionalismo. Em 1937 teve uma coluna no jornal *Gazeta de Piracicaba*, onde discorria a respeito da biografia e obras de artistas como Michelangelo, Raphael e Leonardo Da Vinci. Sendo grande admirador de Almeida Júnior como seus irmãos, também escreveu sobre sua vida e obra em um jornal da cidade de Casa Branca.

Aprendeu pintura com o pai e irmãos mais velhos e, como artista plástico, participou de inúmeras exposições no Brasil. No exterior expôs na França, Itália e nos Estados Unidos.

⁴³Nascido em Piracicaba/SP em 30.05.1906. Falecido em Nápoles/Itália em 11.01.1939.

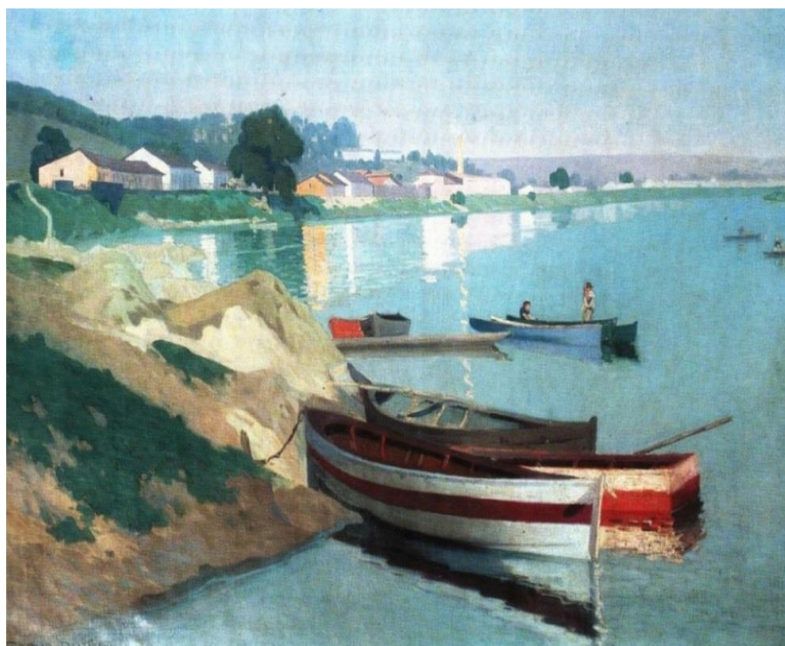


Foto 47: “Barcos ancorados”, 1927.

Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas Dutra: Oito gerações. 2000.

Obteve várias premiações no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro (menção honrosa – 1926; medalha de Bronze -1927 e medalha de Prata -1932) e no Salão Paulista de Belas Artes (menção honrosa -1936 e medalha de ouro -1939, póstuma). Em 1937, participou de um concurso público pelo Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo e ganhou o prêmio para aperfeiçoamento artístico na Academia de Belas Artes de Florença, para cursar arte na Reggia Academia di Belle Arti, tendo sido discípulo do artista italiano Felice Carena. Contudo, veio a falecer em 1939 em Nápoles-Itália, sem ter concluído seus estudos.

São de sua autoria: “Paisagem”, “Dorso” (medalha de honra ao mérito em Florença), “Margem do Rio Piracicaba”, “Depois da Missa”, “Barcos Ancorados”, “Desconfiada”, entre outras. Algumas de suas obras encontram-se na Pinacoteca do Estado de São Paulo e, outras, na Pinacoteca da Academia de Belas Artes de Florença. Na análise de Velloso (2000, p. 84) foi “um maiúsculo artista brasileiro, tanto na sensibilidade como na inconfundível técnica pessoal”.

Seu irmão João Dutra⁴⁴ foi seu substituto na Escola Normal, de 1937 até 1956, quando se aposentou. João Dutra formou-se no magistério em 1911 na Escola Normal de Piracicaba e atuou como professor primário em escolas de Campinas, Casa Branca e Tatuí. Foi músico e flautista. Como pintor se especializou em natureza morta, paisagens e retratos. Fazem parte de

⁴⁴ Nascido em Rio Claro/SP em 14.06.1893. Falecido em Piracicaba/SP em 25.12.1983.

sua safra, as obras: “Rua do Porto”; “Canto do Fogão”; “Ponte do Morato”; “Salto de Piracicaba à tarde”; “Interior” e “Rio Piracicaba”.



Foto 48: “Natureza morta”, 1924 - João Dutra.
Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas Dutra: Oito gerações. 2000.

O professor João, assim como seu irmão Alípio Dutra, fez fortes laços de amizade nesta instituição escolar, destacando-se a amizade com Thales Castanho de Andrade, pela longa convivência enquanto estudantes normalistas e, posteriormente, no período em que eram professores na Escola Normal de Piracicaba, tendo feito várias ilustrações para os livros de sua autoria.

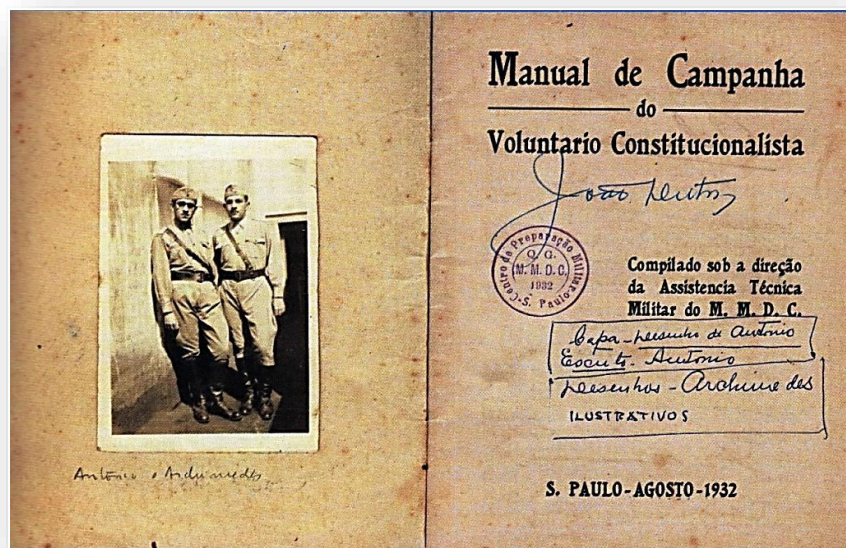


Foto 49: Manual da Campanha do Voluntário Constitucionalista. 1932.
Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas Dutra: Oito gerações. 2000.

Ao ser iniciada a Revolução Constitucionalista de 1932, os irmãos Dutra se prontificaram a se voluntariar como combatentes e divulgadores da campanha. Utilizando de seus dons artísticos, criaram selos e cartazes de propaganda do movimento e cartões postais para a correspondência dos combatentes. O “*Manual de Campanha do Voluntário Constitucionalista*” teve a capa executada por Antonio Pádua e as 28 ilustrações explicativas foram de autoria de Archimedes Dutra. (VELLOS0, 2000).

O irmão mais novo dos Dutra, Archimedes Dutra⁴⁵, diplomou-se como professor normalista pela Escola Normal Oficial de Piracicaba em 1927. Iniciou sua carreira docente em 1929 como professor de desenho na Escola Normal de São Carlos. Retornou somente em 1935 para Piracicaba para lecionar na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, até o ano de 1944.

Em 1944 assumiu a disciplina que ajudara a idealizar com seu irmão Antonio Pádua, de Desenho Pedagógico, na Escola Normal de Piracicaba em que se formou (a qual passaria a ser denominada, no ano seguinte, de Escola Normal “Sud Mennucci” de Piracicaba). Exerceu essa função, nesta instituição, até sua aposentadoria em 1963.

Concomitantemente à docência nesta escola, foi também professor de Desenho Artístico na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP de 1950 a 1954. Foi membro da comissão julgadora do Concurso de Ingresso de professores para o Magistério Secundário e Normal. Nesse período, também foi encarregado pelo Ministério da Educação em preparar os programas de Ensino de Desenho nas escolas de nível médio. Em 1955, foi convidado pelo diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, para organizar um programa de Ensino de Desenho para esta universidade. Integrou, em 1962, a equipe incumbida em ministrar curso de extensão universitária sobre Arte Antiga no Brasil, na Faculdade de Direito de São Paulo.

De acordo com Velloso (2000), o professor Archimedes demonstrou intensa vitalidade no desenvolvimento de sua carreira nas artes plásticas, vindo a participar de vários concursos para aperfeiçoamento no exterior. Foi bem-sucedido no concurso público pelo governo paulista em 1939 e participou, em 1947, de concurso na Itália, tendo obtido o primeiro lugar no ingresso na *Accademia di Belle Arti* de Roma, entre trezentos candidatos. Por seu desempenho classificou-se para estudos no último ano do curso desta academia, tendo se diplomado em 1948, em primeiro lugar. Segundo Pfromm Netto (2013), foi também aprovado, em 1947, no concurso para ingresso na *Reggia Accademia di San Luca* em Roma.

⁴⁵ Nascido em Piracicaba/SP em 06.06.1908. Falecido em 01.07.1983.

Archimedes Dutra recebeu inúmeras premiações por suas obras. No Salão Nacional de Belas Artes foi premiado em 1927, 1928, 1929, 1942 e 1943. No Salão Paulista de Belas Artes, recebeu prêmios em 1935, 1938, 1939, 1941, 1951, 1954, 1957, 1958, 1963 e 1979. Recebeu medalhas e prêmios em exposições realizadas em Jaboticabal, Limeira, Santa Bárbara D'Oeste e Rio Claro. No exterior expôs em Lisboa, Roma, Nova York e Paris.



Foto 50: “Casa do Capitão Povoador Antonio Corrêa Barbosa”.
Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas Dutra: Oito gerações, 2000.

Interessado em preservar a história da cidade de Piracicaba, idealizou a bandeira e o brasão da cidade, realizou o projeto do Marco da Bandeira, o mausoléu de Luiz de Queiroz na ESALQ, o mausoléu de Almeida Junior no cemitério Municipal, além de ter restaurado o Paço do Senhor do Horto, que havia sido erigido em 1873 por seu bisavô Miguelzinho Dutra. Defendeu, ainda, tese de doutorado acerca da contribuição piracicabana para a arte nacional.

No decurso de sua trajetória de vida, teve seu nome ligado a inúmeras iniciativas e realizações no âmbito artístico e cultural. Em Piracicaba, engajou-se na formação de instituições artísticas, sendo um dos responsáveis pela idealização do Salão Anual de Belas Artes, pela fundação da Associação de Artistas Plásticos de Piracicaba, pela criação da Pinacoteca Municipal e da Escola de Música de Piracicaba. Teve participação na organização do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, na elaboração de estudos para a construção do Estádio Municipal Barão de Serra Negra e foi membro do primeiro conselho de curadores da Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba. (PFROMM NETTO, 2013; VELLOSO, 2000).



Foto 51: Retrato de Sud Mennucci por Archimedes Dutra.
Fonte: Acervo Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes de Piracicaba.

O jornalista Losso Netto, em homenagem feita a seu amigo Archimedes, publicou um artigo com os seguintes dizeres:

[...] Archimedes Dutra foi o meu capitão. Sim: o meu capitão na esquadra de Bola ao Cesto, nos idos de 1927-28, na Escola Normal de Piracicaba. Atleta invejável, era o jovem pintor um “ás” na velocidade, na pontaria infalível na cesta, o driblador diabólico, que levantava campeonatos. E eu a obedecer-lhe o comando cegamente, feito com seu olhar penetrante e decisivo!

Como artista, somente a posteridade irá fazer crescer a importância de seu nome no cenário pictórico brasileiro. Não serão as medalhas que conquistou, e muitas, que atestarão o valor de sua obra. Os seus quadros vão permanecer, cada vez mais altissonantes, dizendo do vulto imenso de sua presença na arte brasileira. (*JORNAL DE PIRACICABA*, 12 de Julho de 1983).



Foto 52: Archimedes, Antonio de Pádua, João e Alípio Dutra, com escultor João Baotista Ferri.
Fonte: Velloso, A. C. F. Os Artistas Dutra: Oito gerações. 2000.

4.3 A Literatura

Vários dos docentes da Escola Normal se revelaram profícuos nas letras e muitos estiveram envolvidos na área jornalística, na escrita de obras referentes ao universo da educação ou de poesias, contos e romances.

O diretor Honorato Faustino foi um estudioso da língua pátria e escreveu as obras como “*Lições Práticas de Pontuação e Acentuação do A*” em 1919, e em 1939, lançou *Lições Práticas de pontuação do A pela figura da crase*. Devotado também ao universo cultural e estético, compôs vários hinos escolares, canções e poesias, além de ter escrito diversos artigos para os jornais locais. No período de 1922 a 1923, foi idealizador, juntamente com o educador Lourenço Filho, da *Revista de Educação*. (PFROMM NETTO, 2013).

Durante a docência na cadeira de português entre 1910 até 1924, o professor Joaquim da Silveira Santos⁴⁶ dedicou-se também à literatura. Adepto convicto do positivismo de Auguste Comte e membro da Igreja Positivista, ele escreveu obras como *A igreja católica e a escravidão; Auguste Comte, sua vida e sua obra e a biografia de Miguel Lemos*. Defensor convicto do regime republicano escreveu, no século XIX, vários artigos sobre o tema nos jornais paulistas *O Estado de São Paulo* e o *Diário Popular*.



Foto 53: Prof. Dr. Honorato Faustino e Prof. Dr. Lourenço Filho, ladeados por alunos do curso de magistério – 1922.

Fonte: Acervo da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

⁴⁶ Nascido em São Roque/SP em 01.06.1864 e falecido em 23.09.1947.

O professor Pedro de Mello⁴⁷ se destacou pelos seus variados interesses, sendo músico, escritor e filólogo; na área literária sua bibliografia inclui as publicações de: *Pela instrução e pelo progresso cívico e estético (1911)*, *O pronome “se” indefinido (1926)*, *Concerto Pró-Lázarus (1931)*, *Hinário poético-musical*, *A questão social brasileira e a solução racional (1933)* e *Dicionário Análogo da língua portuguesa (1940)*. (PFRONM NETTO, 2013).

Newton de Almeida Mello⁴⁸, filho do professor Pedro de Mello, também pertenceu ao quadro de docentes da Escola Normal de Piracicaba. Foi poeta e escritor, além de compositor e violonista. Colaborou, por vários anos, com jornais da cidade e escreveu um livro de poesias denominado *Carrilhões*. Seu poema “*O pranto da Piaga*” teve alguns trechos publicados no *Jornal de Piracicaba*, com ilustrações dos amigos Archimedes Dutra e Angelino Stella.

O professor José Rodrigues de Arruda diplomou-se- na Escola Normal de Piracicaba e em 1931 tornou-se professor-chefe de Educação (Psicologia, Pedagogia, Didática e História da Educação) nesta instituição e lecionou a disciplina de Psicologia até sua aposentadoria. Foi colaborador da imprensa, escrevendo para o *Jornal de Piracicaba* e *Diário de Piracicaba*. Foi autor dos livros “*Da Aprendizagem das Línguas Vivas e Mortas*” e “*Compêndio de Psicologia*”.

O professor, geógrafo e historiador Antônio Moraes Sampaio que exerceu a docência na disciplina de Geografia na Escola Normal de Piracicaba, na Escola Moraes Barros e no Colégio Piracicabano, nas décadas de 1930 e 1940, foi também vereador e líder da Câmara Municipal de Piracicaba. Publicou os livros: *Epopéia piracicabana e Estudo sobre a lenda Nhala Seca*.

O educador Thales Castanho de Andrade⁴⁹, que lecionou por vários anos na instituição se notabilizou por suas obras literárias. Os livros escritos por esse educador, a maioria voltado ao público infantil e juvenil, abordavam assuntos sobre a natureza, o modo de vida edílico no campo, as riquezas do Brasil, datas comemorativas e importantes eventos nacionais. Evidenciavam, muitas vezes, a preocupação do autor com a preservação do meio ambiente e instruíam sobre aspectos de conhecimentos de manejo do solo para a conservação da flora e da fauna regionais.

⁴⁷Nascido em Sorocaba/SP em 10.04.1857 e falecido em Piracicaba/SP em 25.05.1940.

⁴⁸ Nascido em Piracicaba/SP em 1905 e falecido em Araraquara em 12.06.1965.

⁴⁹Nascido em Piracicaba/SP em 15.09.1890. Falecido em São Paulo em 02.10.1977.



Foto 54: Thales Castanho de Andrade em álbum de formatura de 1920.

Fonte : Acervo da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

Em 1917, enquanto professor primário, Thales de Andrade escreveu sua primeira obra literária denominada *Saudade*. Entretanto, devido às dificuldades encontradas no setor editorial, veio publicá-la em 1919, época em que passou a colaborar do *Jornal de Piracicaba* e com o apoio desse meio midiático, esta e a sua segunda obra, *A Filha da Floresta*, foram impressas pela gráfica desse jornal. Em 1920, tendo chamado a atenção de Monteiro Lobato, então proprietário de uma editora de livros, foi convidado a publicar, a partir de sua 4ª edição, suas obras nesta editora.

Segundo Stanislavski (2011), o livro *Saudade* impulsionou o escritor a se firmar no universo da literatura infantil e a se configurar, nas décadas iniciais do século XX, como referência na literatura escolar quando várias de suas obras foram destinadas para a leitura nas escolas primárias brasileiras.

Na análise de André Dela Vale (2009), autor de *Tales de Andrade – Representações de Brasil*, esta obra de Thales de Andrade se inseriu no gênero literário denominado “Romance de Formação”. Este autor reflete que, envolto no contexto de patriotismo e busca da identidade nacional de seu tempo, o educador Thales, em *Saudade*, procura construir sua representação do Brasil, elegendo o meio rural e o homem do campo como os portadores sociais para a constituição da nação. Sua identificação com o mundo rural, pela sua experiência pessoal e seu trabalho como docente em escolas rurais, o impulsionaram na concepção de uma literatura de valorização à vida campestre e ao homem do campo - elementos temáticos de suas obras.

Em um texto publicado no *Jornal de Piracicaba* em 23 de julho 1970, intitulado como “*Gratidão*”, Thales de Andrade conta um pouco de sua trajetória de vida e relembra que ainda no tempo de estudante normalista, a educação campesina já era uma de suas preocupações, tendo, inclusive, escrito em 1911, quando cursava o 4º ano, um artigo para a revista escolar *Mentor*, em defesa do entrosamento entre a instrução e a agricultura.

Por vários anos se dedicou ao ensino elementar em escolas rurais e na Escola-Anexa à Escola Normal de Piracicaba, envolvendo-se profundamente no processo de alfabetização. Ao longo do tempo desenvolveu um método próprio de ensino que consistia no aprendizado ligado às imagens. Esse método culminou na criação da cartilha *Ler Brincando*, que foi adotada, anos mais tarde, nas escolas primárias paulistas e chegou a ser utilizada também pelo governo do México, para serem utilizadas em escolas públicas rurais. (PFROMM NETTO, 2013-STANISLAVSKY, 2011)

Ao todo, o professor Thales publicou 47 livros de 1919 a 1970, dentre eles a Coleção de Leituras Escolares Série Thales de Andrade, composta pelos livros: *Ler Brincando*, *Espelho*, *Alegria*, *Vida na Roça*, *Saudade*, *Campo e Cidade* e *Trabalho*. Essa coleção foi



Foto 55: Capa de algumas das obras de Thales de Andrade.

Fonte: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes de Piracicaba.

publicada de 1928 a 1964, em larga escala, pela Companhia Editora Nacional e se firmou como modelo de literatura educacional da época, segundo Stanislavski (2011). Os catálogos da editora de 1932 informavam que eram aprovados e adotados pela Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo, Paraná, Ceará, Rio Grande do Norte e outros estados.

Produziu 26 obras literárias que exploravam o universo lúdico com abordagem do gênero maravilhoso e fabuloso que compuseram a *Coleção Encanto e Verdade*, publicada pela Editora Melhoramentos, com os títulos: *A Filha da Floresta*, *El-Rei Dom Sapo*; *Bem-te-vi Feiticeiro*; *Dona Içá Rainha*; *Bela, a verdureira*; *Árvores Milagrosas*; *Pequeno Mágico*; *Totó Mau*; *Fim do Mundo*; *Caminho do Céu*; *Sono do Monstro*; *A Rainha Bruxa Branca*; *Castelo Maldito*; *Grito Milagroso*; *Gigante das Ondas*; *Morto e Vivo*; *A Cadeira Encantada*; *Mistério das Cores*; *A Estrela Mágica*; *Melhor Presente*; *Como Nasceu a Cidade Maravilhosa e Flor do Ipê*.

Alguns autores consideram que com obra *A Filha da Floresta*, Thales de Andrade foi o primeiro dos autores brasileiros a manifestar preocupação ecológica na literatura infantil, evidenciando a inquietação com a devastação das matas, incentivando o reflorestamento e o respeito à natureza. Alguns ainda creditam a Thales o pioneirismo no gênero da literatura infantil e juvenil pelas obras *Saudade e Filha da Floresta*, as quais teriam sido publicadas em 1919, antecedendo *A Menina de Narizinho Arrebitado* de Monteiro Lobato, que foi publicada em 1920.

Thales de Andrade formou-se pela Escola Normal de Piracicaba em 1911 e conviveu, enquanto estudante, com o diretor Honorato Faustino e com professores como João Batista Nogueira, Juvenal de Azevedo Penteado, João Firmino de Proença, Carlos Martins Soderó, Lázaro Lozano e Henrique Carneiro Seone, conforme consta dos livros-ponto do período de seus estudos, além de registro iconográfico (fotografia da década de 20) que o retrata enquanto docente da disciplina de História, ao lado de vários desses docentes.

Teve como colegas de turma: Leonel Vaz de Barros, João Dutra, Anísio Godinho, João Sampaio, Breno Ferraz do Amaral, Elias de Mello Ayres, entre outros. O educador Sud Mennucci⁵⁰, com quem estabeleceria contato por toda vida, compartilhando ideias e projetos na área educacional, conheceu na quarta série primária quando juntos cursaram o Grupo Escolar “Moraes Barros” e depois se reencontrariam no curso da escola normal, embora estivessem em turmas diferentes, conforme informado em Giesbrecht (1998).

Com referência à sua trajetória docente, ingressou no magistério em 1913, lecionando em uma escola rural da cidade de Jaú, depois veio a lecionar na cidade de Porto Ferreira em 1915, onde conheceu e tornou-se amigo do educador Lourenço Filho. Posteriormente, no

⁵⁰ Nascido em Piracicaba em 20.01.1892. Falecido em São Paulo em 22.07.1948. Foi um dos fundadores do Centro do Professorado Paulista e seu presidente por dezoito anos. Assumiu também o cargo de Diretor Geral do Ensino por diversas gestões e atuou como jornalista e diretor do Jornal *O Estado de São Paulo*. Defensor de um projeto escolar que considerasse a educação rural escreveu em 1930 a obra *A crise brasileira da Educação* em que ressaltou que as diretrizes do ensino tinham o foco principal na vida urbana e deixavam de lado os trabalhadores rurais que eram a população predominante no país da época.

início da década de 1920, também teve oportunidade de conviver com Lourenço Filho em Piracicaba. Lourenço Filho, nessa ocasião, foi incumbido de implantar as novas diretrizes pedagógicas estabelecidas pela Reforma Sampaio Dória na Escola Normal de Piracicaba e assumiu a cadeira de Psicologia e Pedagogia, na mesma época em que o professor Thales tornou-se Lente na disciplina de História Geral nesta mesma instituição, após ter deixado o cargo de professor na Escola-Anexa a esta.

As intensas atividades como educador, constantes de sua biografia colhida em Fromm Netto (2013) denotam que o professor Thales Castanho de Andrade tenha se dedicado à defesa de um projeto educativo de valorização do homem do campo, na expectativa de modernização e desenvolvimento do país pelo setor agrário. Na década de 1930, houve o interesse de sua parte em empreender experiências empíricas no sentido de conhecer mais profundamente o manuseio da terra e o desenvolvimento da pecuária, tendo montado um sítio em Piracicaba que compreendia um engenho de aguardente, uma olaria, um moinho de beneficiamento de milho, além de plantação de café e criação de porcos. Na década de 1940, de 1940 a 1948, exerceu a função de Inspetor Técnico do Ensino Rural. Na década de 1950, conforme Stanislavsky (2011), juntamente com Sud Mennucci, encampou o movimento para a criação de escolas de formação de professores para ensino em escolas rurais, que culminou na fundação da Escola Normal Dr. Mello Moraes em Piracicaba, ligada à Escola de Prática Agrícola fundada por Luiz de Queiroz.



Figura 56: Prof. Thales Castanho de Andrade, entre os professores da Escola Normal, na década de 20.

Fonte: Acervo da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.

Como cidadão, participou da Revolução Constitucionalista de 1932, foi vereador, presidente do Esporte Clube XV de Novembro e sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Como educador, excedeu a profissão da docência, atuando como

diretor da Escola Normal de Piracicaba, presidindo o Centro do Professorado Paulista, exercendo a função de Secretário da Educação do Estado de São Paulo e também Diretor Geral do Departamento de Ensino de 1948 a 1955. No período de sua gestão como diretor geral do ensino, promoveu uma campanha de grande porte denominado “Guerra Alfabetizadora”, precursora de movimentos nacionais para a alfabetização de adultos.

Como educador, entre outras coisas, incentivou a leitura e a produção literária de seus alunos, tendo, em 1927, organizado e editado um livro chamado *Histórias e história*, composto por contos escritos por seus alunos da Escola Normal de Piracicaba.

5 VOZES: EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO

*Foi alegre a minha vida
Neste templo em que estudei
Esta casa divertida
Com tristeza deixarei.*

*Trecho da canção “Despedida” de
Erotides de Campos*

Nesta seção são apresentadas as textualizações das entrevistas, seguidas, uma a uma, por uma análise à luz das informações e reflexões realizadas ao longo deste trabalho. Há aqui, ademais, algo de muito especial que é imprescindível ressaltar: trata-se de memórias, de lembranças de velhos. De pessoas que estão rememorando um passado que, tendo por medida a contemporaneidade, parece longínquo, distante no tempo e no espaço. Ao falarem de suas antigas vivências, segundo Bosi (2010) revivem e, nesse movimento, ressignificam a própria vida presente a cada frase, já que “lembrar não é reviver, é refazer-se”. (CHAUI, In BOSI, 2010, p.20).

Não há, nesse sentido, que subestimar a importância deste momento da entrevista em que antigas histórias pessoais são recontadas num redesenho engenhoso do passado, no qual é possível, nas minúcias, perceber detalhes, essas preciosas joias. É importante ressaltar o quão significativo é este momento no qual se dá a voz a alguém, principalmente a alguém que pertence a uma categoria, segundo a mesma autora, que “não tem mais armas”: “a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos que pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa”. (p.18).

Com o predomínio da história escrita, da apropriação desigual da escrita ao longo da história, as tradições orais – outrora maiores fontes de disseminação de saberes – são suprimidas até deixarem de acontecer. A escrita passa a ser legitimada como ciência, em contraponto à tradição oral e subjetiva. E nesse jogo dicotômico da objetividade *versus* subjetividade no âmbito do que se concebe como Ciência está localizada a História Oral. Na ultrapassagem desta visão, ainda no campo de discussões sobre Biologia e Psicologia, a dialética propõe outra relação com a subjetividade:

Pouco a pouco se percebeu, no entanto, que valores e emoções permaneciam escondidos nos próprios dados estatísticos já que as definições da finalidade da pesquisa e a definição das perguntas estavam profundamente ligadas à maneira de pensar e de sentir do pesquisador, o qual transpunha, assim, para os dados de maneira perigosa porque indizível, suas próprias percepções e seus preconceitos. Os

números perdiam sua auréola de objetividade, patenteando-se dotados de vieses anteriores ao momento da coleta, escondidos na formulação dos problemas e do questionário; ocultos, pareciam inexistentes. Porém influenciavam o levantamento desviando-o, muitas vezes, do rumo que devia seguir. (QUEIROZ, 1988, p. 15).

Porque fundamental, a História Oral se mantém presente no âmbito acadêmico, se firma numa prática metodológica que, de acordo com Simson (2000), tem caráter de instrumento político-ideológico quando ‘empodera’ sujeitos que não teriam canais de voz. Walter Benjamin (1985) alude à ideia de rememoração na superação da linearidade temporal⁵¹ e no contexto do marxismo a mesma irrompe na possibilidade do agora pleno e inchado do materialismo rumo à ideia de transformação social.

Nesse sentido, a História Oral permite a participação social e está, portanto, ligada a uma consciência da cidadania: trata-se de uma dinâmica extremamente viva, na qual todos os envolvidos – entrevistadora e entrevistados (as) adquirem consciência de si e dos seus processos, tocando o campo da elaboração das identidades sociais. Abre-se, aqui, um outro espaço de discussões quando a memória pessoal – biológica e psicológica – se distingue da memória coletiva ou grupal, essencialmente cultural e transcendente. (Meihsy, 2005).

Assim, todas as circunstâncias e meandros da realização das entrevistas contam e integram a narrativa que nasce na memória e se transformam na representação verbal e, depois, em fonte documental escrita: “Memória, imaginação, representação e estratégia são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente”. (Idem, p.65). Se toda narrativa é uma construção baseada em referências do passado, esquecimentos, nostalgias e deformações são dados de pesquisa e, portanto, fatores de análise.

Toca-se, neste ponto, numa reflexão inquietante a respeito das diferenças existentes entre memória e história: é a dinâmica da oralidade que as separa. Segundo Nora (1984), longe de serem sinônimos, “tudo opõe uma à outra”:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. (p.09).

⁵¹ Nas Teses sobre o conceito da História, Benjamin (1985), além de defender a descontinuidade no processo histórico, se coloca contra a concepção evolutiva da história, da narrativa da vida dos líderes, de conquistas e grandes batalhas. “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.” (p.223).

Segundo o autor, a História escreve o que a memória dita e é por isso que esses dois domínios merecem atenção, nesse sentido de um ‘mixto’ rumo à apreensão da realidade social. É nesse sentido e com vistas às considerações mencionadas que apresentamos, abaixo, as textualizações⁵² das entrevistas seguidas de suas respectivas análises.

5.1 Sr. Hélio Almeida Manfrinato

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia.
Marilena Chauí



Foto 57: Hélio Almeida Manfrinato, década de 1940.
Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Eu comecei a estudar violino e no quinto ano do ginásio fui convidado a tocar na orquestra do professor Benedicto Dutra Teixeira. Toquei com ela de 41 em diante e não parei mais de tocar...

Meu nome é Hélio Almeida Manfrinato. Nasci em 17.02.1922.

Sou formado em Agronomia. Formei-me na “Escola de Agronomia Luiz de Queiroz”.

No meu tempo de primário, como meus pais mudavam muito de endereço, primeiro eu fui matriculado no Grupo Moraes Barros que fica na praça mais próxima da Luiz de Queiroz, onde eu morava naquele tempo. Mas logo no segundo semestre, eles mudaram para o bairro

⁵² A textualização consiste em uma etapa mais elaborada, posterior à transcrição direta, da qual se obtém o ‘material bruto’ obtido das entrevistas.

Alto e fui matriculado no “Sud Mennucci”. Não. Era Escola Normal de Piracicaba. O que está escrito até hoje na frente: “Escola Normal”, depois passou a Escola “Sud Mennucci”. E fiz o primeiro ano com Sr. Alfredo Novembre, o segundo ano fiz com a esposa do sr. Alfredo que não me recordo o nome. Fiz ali o terceiro ano e comecei o quarto ano, mas acabei o quarto ano no “Grupo Barão do Rio Branco”, que foi onde terminei o grupo escolar. O ginásio eu fiz o primeiro ano no “Colégio Piracicabano” e do segundo ano em diante fiz na “Escola Normal”. É que naquele tempo eram cinco anos de ginásio. Formei-me no ginásio e fui orador da minha turma. A festa foi no Teatro Santo Estevão, que estava lotadíssimo. A Escola Normal era a escola da cidade! O Colégio Piracicabano era colégio pago como era o Assunção das freiras. Geralmente os protestantes iam pro Colégio Piracicabano e os católicos no Assunção. Não havia ainda o Colégio Dom Bosco.

Eu tive muito bons professores no ginásio, na Escola Normal. Eu fui aluno de Thales de Andrade⁵³, que escreveu os famosos livros de histórias infantis. Eu fui aluno de Erotides de Campos, de química. Ele era músico, mas não dava aula de Música. Eu fui aluno de Benedicto Dutra Teixeira e esse era de Música. Eu fui aluno do João e do Arquimedes Dutra, de Desenho. A aula era de desenho mais não de pintura propriamente dita. Eles eram além de bons desenhistas, eram bons em geometria descritiva... Nós os tínhamos aqui, no quarto e quinto ano. O João Dutra, por exemplo, deu aula no quarto e quinto anos para mim. A geometria descritiva era uma matéria da Matemática em que se calculava o desenho em viés, ângulos... Quando íamos fazer o quinto ano nós íamos despedindo do segundo semestre, despedindo dos professores... E, cada um era designado para falar com um professor e a mim coube falar com João Dutra, representando os alunos do quinto ano. Dos Dutra, da família Dutra teve desenhistas, pintores famosos e Dutra músicos. O João Dutra era bom professor, mas bravo, não podia brincar na aula dele.

Eu tive aulas com o professor Thales de Andrade na parte de História da Civilização. Eu o tive como professor nos últimos anos e ele também foi diretor da Escola Normal. Quando eu passei do Colégio Piracicabano, do primeiro para o segundo ano e eu quis me matricular aqui, eu passei por uma prova e o Thales era diretor, nessa época. Depois ele foi meu professor durante o curso, mas nessa época ele não era mais diretor. O Thales de Andrade se emocionava tanto em contar as historinhas, que ele chorava no meio delas. Ficava emocionado e nos percebíamos que ele estava com a voz embargada, nos respeitávamos...

⁵³ Com referência a este e demais docentes citados pelo entrevistado, ver detalhes no capítulo 4.

O professor Erotides de Campos foi na parte de Química e Benedicto Dutra Teixeira na parte de Música. Eu só tirava nota dez e já tinha começado tocar violino em 1936. Assim, tive nos anos do ginásio grandes professores, naquela época, que dominavam as Ciências Físicas e Naturais, na Matemática etc. Mas interessante... fatos pitorescos como o caso de Erotides de Campos...Eu já tocava violino e gostava das músicas de Erotides. Ele dava aulas de Química e eu não ousava em falar com ele sobre Música. O professor Dutra como sabia que eu tocava violino, eu nem fazia prova... Na prova oral, ele me chamava e falava duas palavras e você tirou dez... Pode ir embora. Os exames eram todos orais, de modo geral.

O professor Erotides de Campos, que era músico, era de uma caligrafia para música, exemplar! Parecia que era uma coisa escrita à máquina, a letra dele na partitura musical. Na aula de Música, tinha uma lousa com uma pauta: cinco linhas e quatro espaços. Aí, o lugar para colocar as notas e a clave... O Dutra não tinha boa letra, então quando chegava a aula dele que precisava escrever na lousa, ele falava ao servente: - Chama o Erotides de Campos, lá. E ele vinha e escrevia a música para ele na pauta da lousa. Em letras grandes e eu ficava encantado com a perfeição da letra. E depois quando eu vim a pertencer à orquestra, eu comecei a tocar mais em público, eu vi que as publicações escritas à mão dele era tão perfeitas que pareciam mesmo feitas com máquina de escrever. Naquele tempo não havia ainda máquina de escrever música, mas, era tipografia. Ele era excelente flautista, mas eu só fui ouvi-lo tocar quando participei da orquestra e isso foi de 1941 em diante. Ele tinha uma capacidade de escrever e de ouvir e escrever o que ouviu fantástica! E tocou na “Orquestra de Dutra Teixeira”. Era grande compositor de músicas populares, valsas. Músicas do povo, não músicas clássicas. Tocava flauta maravilhosamente bem. Era uma pessoa de cor, andava de palheta e terno branco. Era muito amigo de todos e da minha turma. Quando terminou o quinto ano, ele quis tirar fotos com todo mundo. Fiquei colega de Erotides quando comecei a tocar na “Orquestra de Amadores do Dutra” e muitas músicas de Erotides eram tocadas na orquestra. As últimas composições dele como “Murmúrios do Piracicaba” e “Ave-Maria”, que era antiga de Erotides ficou famosa, inclusive na Europa, e também duas ou três músicas outras que me fogem o nome...

Tive aula com o Sylvio Aguiar de Souza, professor de Português. Ele também era músico, mas não de tocar em orquestra. Tinha flauta, era músico de tocar para família, reuniões em casa, etc, tinha um grupinho que talvez fizesse as serenatas dele, mas não foi como Erotides que era de realmente grande atividade, compositor.

Fabiano Lozano não foi do meu tempo, mas eu sabia que tinha um coral que ele regia. O Benedicto Dutra era quem dava aulas de Música, no meu tempo. Lozano era para os

normalistas, mas na década de 20 e 30, depois foi convidado para ir para Pernambuco. Foi lá para o Nordeste, onde eles quiseram desenvolver a música. O professor Benedicto Dutra Teixeira, nessa época, assumiu o coral que ele tinha formado.

O Fabiano Lozano não era um músico completo que teria conhecimento mais profundo dos instrumentos, mas no plano do canto coral ele foi muito importante. Ele veio depois do Lázaro Lozano. Lázaro Lozano tem o mérito de ter sido antes do Fabiano, o que fez os primeiros conjuntos musicais em Piracicaba. Ele antecedeu o Fabiano Lozano. O Fabiano quando a família chegou, ele era menino ainda, com quinze anos por aí. E depois que o Lázaro deixou, ele continuou a obra da divulgação da música.

O trabalho que o Fabiano Lozano deixou muito foi à música escolar. Por ser professor de música nas escolas, começou na Escola Normal aqui e deu aula também no Colégio Piracicabano e lá ele começou a ter influência muito grande da música de corais, as músicas evangélicas, as protestantes. Eu sei, porque eu era da Igreja Metodista e conheci um pouco da parte do que Lozano fez lá. Então, ouvindo os americanos cantarem músicas de corais, de quatro vozes, duas vozes, três vozes, ele se enveredou por ali. No “Sud Mennucci”, a sua influência para as músicas de corais, foi enorme. Eu acredito mais que Lozano se dedicou tanto à música coral que levou a música de Piracicaba para rincões, em estados como Rio de Janeiro. No “Teatro Municipal do Rio de Janeiro” fez um enorme sucesso.

Eu não conheço peça erudita de Lozano, realmente não conheço. Mas, no canto orfeônico, Lozano foi formidável. Ele fez um livrinho chamado “*Alegria das Escolas*” que era muito usado, que divulgou muito a música... Eram canções folclóricas e músicas que ele compôs no campo da Música Escolar. Lozano quando estava na década de 30 a 41, que foi tempo eu tive aqui, ele se dedicava a música dos corais para os professores que se formavam na Escola Normal. Então, nasceu o coral “Orfeão Normalista”. Não era coral que se falava, era Orfeão com ph ainda... Normalista. E esse orfeão se tornou famoso em Piracicaba e divulgou pra todo o Estado de São Paulo, com Lozano à frente nisso.

Alguns dizem que ele foi o criador da orquestra sinfônica. Isso é errado. Não foi ele que criou a orquestra sinfônica. Lozano teve um conjunto de músicos. Digamos 2, 4, 6 violinos...1 violoncelo, 1 contrabaixo, teve Mimi que tocava o trompete, mas conhecido como piston. Todos os nomes apareceram... Um professor que eu tive aqui no “Sud”, na Escola Normal daquela época, o professor Vizioli, que tocava violino. Ele era professor de História Natural e ele era bom músico. Como ele teve vários professores... Naquele tempo ele foi meu professor e eu não sabia que ele tocava violino. Foi quando eu fiz o ginásio, 36 a 41. Eu o via

como professor de História Natural, que era dada no andar de cima. Eu sabia que músico era Erotides de Campos.

Existia o coral “Orfeão Normalista” regido pelo Fabiano Lozano, que divulgou a música pelo Estado e também no Rio de Janeiro e outros lugares. Mas, veja bem, isso ainda na década de 20. Em 1925, aconteceu o seguinte fato: O Orfeão Normalista, cada vez que se formava uma classe de professores, a hora que formava aquele grupo de professores primários, ia embora e acabava o coral. Isso aconteceu no início da década de 20. Quando chegou em 1925, surgiu a ideia de formar o Orfeão Piracicabano e quem iria reger? Lozano. Então fizeram a reunião dos músicos para formar o Orfeão Piracicabano e aí, numa reunião que foi feita parece que na Sociedade Italiana ou no Teatro Santo Estevão, resolveram organizar uma comissão para formar o Orfeão Piracicabano. Aqueles que cantavam no Orfeão Normalista e que se formavam e não iam embora, formaram o Orfeão Piracicabano. Foi feita uma reunião em que fizeram com pessoas importantes da cidade, que cantavam no Orfeão do Lozano para formar um grupo do “Orfeão Piracicabano”. No mês de Maio, fizeram essa reunião e formaram o “Orfeão Piracicabano”. Começou a ideia de cultura artística nessa mesma época. Formou-se Cultura Artística em São Paulo, a primeira... Então eles pensaram: vamos formar nossa Cultura Artística e aí o Orfeão Piracicabano nasce dentro dele. Em maio de 1925 fizeram a segunda reunião não mais pensando somente no Orfeão Piracicabano. Ele deveria existir dentro da Cultura Artística. Fizeram a segunda reunião da criação da Cultura Artística. Existe uma ata e quando eu fui presidente da Cultura Artística, agora antes do século XXI, em um mil novecentos e pouco, eu li todas as atas. Todas desde 1925 e vi como se formou, as pessoas que formaram. Lozano, então, passou a ser o criador da Cultura Artística. O professor Antonio Santos Veiga, que foi meu professor de Português, ele foi o primeiro presidente da Cultura Artística. Ele era do grupo, aí vem Losso Netto, Leandro Guerrini e o pessoal todo da época. Losso Netto cantou no Orfeão do Lozano. Enfim, há tanta coisa. Você deveria ler essas atas.

Eu vou dizer o seguinte: Lozano foi grande músico para música de coral, de orfeão, para música de escola. Mas, ele não foi um fundador de uma orquestra. Há muito mais mérito em Benedicto Dutra Teixeira, que foi o fundador de uma orquestra, que formou uma orquestra. Também o maestro Van den Branden, que toquei. Esses fizeram tudo para a orquestral e Lozano fez um pequeno conjunto que não podemos dizer que foi ele o fundador da Orquestra Sinfônica de Piracicaba. Antes de Fabiano Lozano, teve Lázaro Lozano, o irmão dele, que tem o mérito de ter feito o primeiro conjunto musical e não ele. Ele se dedicou muito mais e aí vem o mérito dele que, ao formar a Cultura Artística, em 1925, Lozano foi a

peça mais importante. Mas, ele não era dedicado à música orquestral, ele era dedicado, de corpo e alma, para música orfeônica. Isso é tão importante que se esclareça, porque depois dele veio Benedicto Dutra que tinha uma orquestra de amador chamada “Orquestra de Amadores Benedicto Dutra Teixeira”. Tive a honra de ser o primeiro violinista dessa orquestra... Depois dele Edgar Van Den Branden veio a ser o maestro da orquestra.

Olha, também não se divulga muito do que eu vou falar agora: Mas naquele almanaque da história do século passado do Cecílio Elias Netto, você pode procurar que fala da “Universidade Popular”⁵⁴. Nessa universidade se reuniam os artistas de Piracicaba. Vários professores de Piracicaba... Sabe onde ficava localizada? Eu sei, porque vivi nesses anos, mas não estava ligando para essa universidade porque eu era criança. Com 10 ou 12 anos... Nem tinha começado estudar violino. Onde é o Cristóvão Colombo, na esquina da rua Governador com a Prudente. O clube Cristóvão Colombo, antes era naquela esquina da São José, aquele prédio velho que tem ali e embaixo era uma farmácia e o clube era em cima. Ali, tendo como o presidente Emor Zambello, foi construído, graças ao seu esforço, o Cristóvão Colombo daquela esquina da rua Prudente. Aí foi a sede da Universidade Popular de Piracicaba, que formou farmacêuticos, dentistas, várias pessoas se formaram e trabalharam aqui em Piracicaba. E aí se reunia, quem?... Toda a nata da cultura piracicabana. Por exemplo, Leandro Guerrini, um excelente professor que também foi um dos iniciadores da Biblioteca Pública de Piracicaba. Eu convivi com Leandro Guerrini, que morou aqui perto e era professor particular. Como músico, não era grande músico. Ele tocava flauta e foi, de corpo e alma, dedicado à Música. Eu me lembro dele ensinando música num prédio onde é hoje o prédio Brasil. No centro, foi um dos primeiros edifício de andares. Era um prédio velho e eu passava por ali e ouvia o Guerrini solfejando com os alunos.

Tinha Anísio Godinho que também era músico, baixinho... e também lecionava na Escola Normal. Mello Ayres foi meu professor e ele foi importante na cidade!

Como a Escola Normal era a melhor escola que nós tínhamos, havia muita procura para as pessoas entrarem no ginásio. Eu por exemplo, fiz o ginásio lá e fiz o vestibular depois para entrar na Escola de Agronomia. Passei por dois anos no colégio anexo à Escola. O ‘coleginho’, que era o colegial. Muitos professores agrônomos davam aula no coleginho. Como o professor Demóstenes, era professor de Química. Era um professor excelente e ele foi contemporâneo meu quando eu estudava. Aí se formou e veio trabalhar aqui na Escola Normal.

⁵⁴ Com referência a esta Universidade há detalhes no capítulo 3, página 51 dessa dissertação.

Mas, falando na música... Eu comecei a estudar violino e no quinto ano fui convidado a tocar na orquestra do professor Benedicto Dutra Teixeira. Toquei com ela de 41 em diante e não parei mais de tocar... Mas como o Dutra foi levado também para São Paulo pelo Lozano. O Lozano foi convidado para trabalhar em São Paulo no departamento de cultura, música e etc. Ele fez um trabalho maravilhoso e depois chamou o Benedicto para ir lá também. Então o Benedicto deixou um pouco a orquestra que chamava “Orquestra de Amadores”. Na época, ainda não era “*Orquestra Benedicto Dutra*” ainda. Passou a esse nome quando ele morreu se não me engano em 1962. Havia um famoso maestro chamado Carlos Brasiliense que tocava viola na orquestra e era importante na cidade. Sua esposa chamada Melita Brasiliense foi minha professora de geografia e era também uma pianista excelente. Carlos Brasiliense tocava viola que são as cordas de orquestra. Então, ele faleceu exatamente quando o maestro Van Den Branden estava regendo a orquestra que era do Dutra, a “Orquestra Amadora de Piracicaba”.

Então, ficou sem viola e a viola era importante, da família das cordas, precisava alguém tocar. Então o maestro Van den Branden, falou assim: Eu preciso de alguém que queira tocar viola. Quem toca violino pode tocar viola, estudando um pouco, pode tocar viola. O violino lê na clave de Sol e em viola lê em clave de Dó. Entende? O violoncelo se lê na clave de Fá e Dó. Mas a viola de Dó, completamente diferente da clave de Sol. Aí, ninguém quis. Eu era do naipe do segundo violino. Então, terminou o ensaio, quando todo mundo foi embora eu falei com Van den Branden: Escuta, maestro, é muito complicado o estudo de viola? Não, não é complicado. Quer pegar a viola? Falei: Como seria? Ele pegou um papel em branco e riscou cinco linhas, que é uma pauta, com a clave de Dó no começo e escreveu a escala de Dó Maior nesse papel. Disse: Sabendo isso aqui, você toca. Então, peguei a viola, que não tinha nem caixa, era um saco de flanela, e um arco. Eu trouxe pra casa isso e estudei aquela semana. Uma vez por dia eu pegava a viola e tocava. Quando chegou o último dia para apresentação, “peguei” a música da viola e fui para o ensaio. No primeiro ensaio sentei na cadeira da viola e nunca mais larguei! Deixei o violino, continuei tocando o violino na igreja, em vários lugares, mas passei para a viola. Eu era o único na cidade que tocava esse instrumento. Isso foi até 50. De 41 até 1950.

A Cultura Artística, nessa época, perdeu o lugar, o Teatro Santo Estevão, em 1953. Ao contrário do que o prefeito queria, que o povo queria, demoliram o Teatro Santo Estevão. Uma estupidez! Não teve cabimento. Era um prédio histórico, que deveria ser reconstruído. Eu acho que um dia ainda vai ser reconstruído. Ficava no centro do jardim. Aí, sem o lugar da cultura.... Aquele que era nosso teatro! O São José, embora fosse um teatro fantástico, não

tinha acústica para orquestra boa, então ninguém ia lá. A Orquestra dos do Dutra ia toda no Santo Estevão. Em 53 o demoliram e a Cultura Artística que vivia lá perdeu o lugar. O Teatro Losso Netto levou mais de quinze anos para ser construído. Então convidaram a Cultura para a Escola de Música Mahle. O maestro Ernesto Mahle tinha vindo da Alemanha, com conhecimento em Música e se casou com a Cidinha, que inclusive tinha se formado também na Escola Normal, mais seguiu a carreira na Música... Todo mundo quando ele chegou quis ajudá-lo no seu empreendimento de montar a Escola de Música em Piracicaba e havia muita troca entre o Benedicto Dutra e o Mahle. Aí ficaram por mais quinze anos funcionando na Escola de Música, sobre a presidência da Cidinha Mahle. A ponto de confundirem a Cultura Artística com a Escola de Música. Chamavam a Escola de Música de Cultura Artística.

Aí começaram a formar conjuntos... O maestro Egildo Rizzi, que era regente da Orquestra junto com o Dutra, na década de 40 e 50, ficou independente porque não gostava do tipo de música alemã que o Ernest Mahle tocava, pelo sistema dodecafônico... O maestro Van den Branden ficou independente, O maestro Benedicto também queria tocar o que o povo gostava e houve assim dissidências... Em 1980, veio a Bernadete Sampaio, uma pianista... Ela ficou presidente da Cultura, ela deu vida à Cultura Artística e ela mudou, tirou da Escola de Música e colocou no Clube de Campo. Ficou dois ou três mandatos de 2 anos. A Bernadete, que também é filha da Escola de Música, estudou piano, ela e a Celiza...as duas começaram o trabalho no Clube de Campo. Deram uma sala e levaram piano. Aí, o que aconteceu: começaram a fazer o trabalho lá e depois no Teatro Losso Netto. Em 1990, a Bernadete saiu da Cultura Artística e entrou o Cláudio Costa, que foi eleito como presidente até 1998. De 1998 até 2005, portanto 7 anos, paralisou os concertos...

Um grupo se reunia, nesse tempo, na casa do Egildo Rizzi. Quando chegou na década de 80, começaram aqueles músicos mais adiantados: Olênio Veiga, Valdir Belluco, Leolita na flauta, formaram os primeiros conjuntos que se reuniam na casa do Reginaldo Rizzi, que tinha uma sala mais ou menos desse tamanho (mostrando sua sala). Tinha o piano que ele tocava e o violoncelo que ele tocava. Reuniam lá 7 ou 8 e pegaram as músicas que eles tocavam antes e começaram a tocar. Estavam sentido falta de um regente. Eu regia o coral da Igreja Metodista, já fazia 40 anos. Formei o coral da Agronomia, que o hoje rege com outro profissional. Eu formei aquele coral, mas não ganhava, pois já era professor e não podia ganhar como músico. E não me interessava também em receber.

Eles me chamaram para começar a reger esse conjunto na casa do Rizzi. Eu nunca tinha sido regente de orquestra, eu toquei em orquestra por 40 anos, na Orquestra do Mahle,

mas não regi orquestra, regi coral, corais grandes. Cheguei a ter um coral de 90 vozes lá na escola. Fomos cantar em São Paulo, em vários lugares e várias vezes no Teatro Municipal.

Demorei dois ou três meses e eu um dia fui lá, eles estavam ensaiando e entrei. Deram-me uma partitura para acompanhar e eu não levei nada, nem violino, nem nada. Ai, sentei, acompanhei e Opa! Está bom isso aí! Gostei de ver. Fica nosso regente, eles disseram. Vamos tentar. Se der certo continuo, se não der certo eu paro. Eu conheço partitura de instrumento de sopro. Toco violino e viola. Mas foi indo, foi indo e quando assustei tinha 12, 13 músicos.... Alunos do Mahle da Escola de Música, que tinham vários instrumentos souberam de nossa “orquestrinha” e foram lá uns quatro ou cinco estudantes adiantados. Dá pra gente tocar com você? Eu disse: Venha e de oito já tinha 12, 13,14... Aí, eu vi que faltava uns instrumentos e não cabia mais na sala. Dois ou três violoncelos, seis, sete violinos, né?! E o Rizzi, que era antes o regente da orquestra dele, começou a tocar também piano. Quando assustei tinha 30! Aí, falei: Opa, tá ficando grande, não cabe mais aqui. Ai, o Thame era o prefeito... Ele foi nosso aluno na Escola de Agronomia. Falamos pro Thame: Ô, Thame, não dá para a gente ensaiar no Teatro? Dá, vá lá. Vá lá. Aí então quando em 1994, eu estava com uma orquestra com 50 músicos. Violinos todos bons, madeiras – as quatro madeiras ótimas. Metais e tudo de percussão. Faltava alguns, fomos pedir músicos de Campinas. Quando chega em 94, a Rosângela foi convidada para ser diretora, presidente de nosso grupo. Então ela ficou presidente do grupo e em 94 nós fizemos um estatuto. Registramos no cartório com o nome de Orquestra Sinfônica de Piracicaba. Eu era o regente titular dessa orquestra na época.

Hoje está com o maestro Jamil Maluf. Agora a prefeitura viu a necessidade de colocar dinheiro. A Rosângela que é a secretária da cultura tem uma verba mínima para a Música, infelizmente. A cidade está pedindo uma orquestra sinfônica. Existe já a nossa orquestra sinfônica desde 94. São vinte e um anos que esta orquestra sinfônica existe e eu a regi até 1997. Nessa época, houve pressão para se colar música caipira na orquestra, então decidi sair. Mas o Reginaldo Rizzi gosta de música caipira e pegou a regência. De 1997 em diante ele regiu a orquestra sinfônica. Deu certo agora que Jamil Maluf, que veio da Orquestra Municipal de São Paulo e aceitou a reger aqui.

5.1.1 Análise da entrevista: a memória se desdobra e surgem novos atores

Pela análise dos dados da entrevista foi possível constatar semelhanças de alguns dos dados obtidos em fontes bibliográficas como, por exemplo, a confirmação das disciplinas ministradas por antigos professores citados, a forma de criação da Sociedade de Cultura

Artística de Piracicaba por membros docentes da Escola Normal e o apontamento da relevância dessa entidade e do espaço cultural Teatro Santo Estevão para o desenvolvimento no âmbito cultural da época.

É importante ressaltar a capacidade de memória apresentada pelo entrevistado bem como a concisão de sua narrativa na descrição de datas, tanto referentes aos dados sobre a instituição escolar estudada, quanto com relação à entidade musical, quando analisada à luz dos documentos do acervo da instituição escolar e de algumas bibliografias que corroboram com sua narrativa.

Um ponto de destaque depreendido da entrevista com o Sr. Hélio foi com referência suas observações sobre as relações interpessoais e de características pessoais de alguns dos docentes da Escola Normal. Ressaltou, por exemplo, o caráter cooperativo e de amizade no relacionamento entre os docentes Erotides de Campos e Benedicto Dutra Teixeira, o que aponta a coesão existente em prol do desenvolvimento do aprendizado da Música. Além disso, sua fala evoca uma instituição que teria abrigado rede de intercâmbios entre os educadores que atuavam na Escola Normal com outros de instituições como a ESALQ, o Colégio Piracicabano e o Colégio Assunção, culminando em forças mobilizadoras de um processo de enriquecimento intelectual e cultural diversificado, tanto no interior dessas instituições, como no universo social da intelectualidade piracicabana.

Na sua fala estabelece-se uma análise na condição de antigo membro da Sociedade da Cultura Artística e presidente dessa entidade por longo tempo, embasando o relato a respeito dos dados históricos sobre a fundação da mesma pelas leituras efetuadas das atas de reuniões, desde sua fundação em 1925. Tendo suscitado algumas reflexões a respeito do percurso histórico desta entidade ligada à área musical na cidade de Piracicaba, sendo possível inferir que a mesma se manteve produtiva até a atualidade, embora seu avanço não tenha se sucedido de forma linear após a perda, na década de 1950, de sede fixa, representada pelo Teatro Santo Estevão nas décadas anteriores.

Por meio dos fragmentos das lembranças de suas experiências na Escola surgiram nomes de professores que ainda não haviam sido arrolados na pesquisa, a exemplo do professor Sylvio Aguiar e Souza⁵⁵ que, formado em 1911 nesta mesma instituição, lecionou a disciplina de Português. Segundo Pfromm Netto (2013), além de ter sido ligado à música, esse educador exerceu influência na imprensa local, divulgando por vários anos artigos,

⁵⁵ Nascido em Piracicaba/SP em 07.04.1893. Falecido no ano de 1962. Seu nome consta no livro-ponto do ano de 1928 como professor do 4º Ano B da Escola Primária-Anexa. Em 1933 lecionando a disciplina de Português na Escola Normal Oficial.

poesias e contos, além de ter sido um dos fundadores do Aero Clube de Piracicaba, em 1938. Sobre esse professor o entrevistado, em conversa informal, lembrou-se de um fato marcante que alarmou a cidade em meados da década de 1930: Em desavença com seu colega – o professor de geografia Antônio Moraes Sampaio, por este ter escrito um artigo no jornal com críticas a uma de suas obras, teria desferido vários disparos de arma, sem porém, tê-lo atingindo.⁵⁶ Este episódio dá a ver que havia também ocorrências de atritos e disputas no relacionamento entre os docentes da instituição investigada.

Anízio Ferraz Godinho⁵⁷, também mencionado nos relatos do Sr. Hélio, foi um educador que participou ativamente da vida da instituição, tendo exercido ali vários cargos: professor na Escola Primária-Anexa; assistente geral da administração; vice-diretor e diretor. Este docente foi também escritor, musicista e compositor, tendo elaborado a coletânea “*O Cancioneiro Escolar*”, juntamente com os docentes Erotides de Campos e José de Toledo Pousa, com prefácio do professor Elias de Mello Ayres. Foi o idealizador, em 1925, da Liga infantil de Bola ao Cesto nesta instituição, dando abertura às primeiras equipes estudantis na modalidade do basquete na localidade. Escreveu a obra *Botânica Divertida*, publicada em 1950 através da Editora Melhoramentos de São Paulo.

Outro nome mencionado foi o do professor, músico, advogado e político João Batista Vizioli⁵⁸. Na década de 1920, participou como músico, juntamente com Fabiano Lozano e Erotides de Campos, na orquestra que tocou nos Cines Íris e Politeama (época do cinema mudo) e atuou como professor da Disciplina de *História Natural* na década de 1930.

A presença marcante das duas instituições confessionais e particulares na modalidade de ensino secundário constantes do relato – o Colégio Assunção (católica) e o Colégio Piracicabano (protestante) – abriu dois pontos à reflexão: o primeiro, relativo ao fato de que estas duas instituições, que se fundamentavam em concepções religiosas que coexistiram na época de forma conflituosa, em nível interativo – por iniciativa de seus docentes, se relacionavam em trocar conhecimentos e produzir cultura tranquilamente e ao mesmo tempo com a Escola Normal de Piracicaba, que figurava como única opção de ensino laico na mencionada modalidade de ensino.

⁵⁶Fonte: <http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/especial/os-grandes-crimes-de-piracicaba-parte-ii/>.

⁵⁷ Nascido em Piracicaba/SP em 13.02.1893. Falecido no ano de 1966. Seu nome consta no livro-ponto do ano de 1928, lecionado para o 4º Ano A da Escola Primária-anexa. Em 1931 consta como vice-diretor da Escola Normal sob a direção de Laurival J. P. de Queiroz.

⁵⁸ Falecido em 1962. Seu nome consta no livro-ponto da instituição ministrando aulas de História Natural para o Curso Fundamental, a partir do ano de 1934.

O segundo ponto de reflexão se relaciona com o primeiro: percebe-se, a partir deste dado de pesquisa que, apesar da Escola Normal ser a única escola secundária de cunho gratuito na cidade, devido ao alto grau de exigências nos exames seletivos e às poucas vagas existentes, o acesso a ela era extremamente elitista e excludente e deixava do lado de fora os alunos das classes populares. Este fato se faz notar quando o entrevistado refere que sob aquela atmosfera se “reunia toda a nata da sociedade piracicabana”. Estas informações são importantes à compreensão da mobilidade social na época e ilustra uma sociedade que era governada pelas oligarquias agrárias. Decorre inferir que a cultura musical produzida ali, sobressaiu à cultura popular produzida paralelamente, a exemplo de manifestações como o *Batuque de Umbigada*, de origem africana, manifestado pela população afrodescendente que vivia às franjas – ainda que configurando importante referência para a formação da identidade musical de Piracicaba, segundo Hussar (2012)⁵⁹ – desta efervescência cultural e da história musical do Município. No entanto, importante ressaltar que a produção musical organizada por professores como Fabiano Lozano, Benedicto Dutra Teixeira, Elias de Mello Ayres e Erotides de Campos, embora estruturada em técnicas e conhecimentos da música erudita, esforçou-se no estabelecimento de pontes com a música popular e folclórica, como o próprio entrevistado observou.

De fato, este relato reforça e complementa as demais fontes analisadas e nos revela muito acerca da importância da Escola Normal na disseminação de um certo tipo de cultura musical e estética na cidade de Piracicaba, contendo detalhes importantes das relações sociais estabelecidas naqueles circuitos culturais, além de ilustrar de forma riquíssima o contexto social e político da época em que o Brasil começava a cunhar sua identidade como República, ainda sob fortes resquícios oligárquicos. É importante voltar o olhar para esta história ilustrada rumo à compreensão das nossas relações socioculturais, nossa formação econômica e nossas referências estéticas.

A ênfase do Sr. Hélio em retratar percepções do universo social da sua juventude permitiu vislumbrar que houve, nas décadas posteriores à época de Fabiano Lozano, destacadas personalidades que continuaram a ativar movimentos em prol do incremento da Música em Piracicaba, a exemplo de: Benedicto Dutra Teixeira; Edgar Van Den Branden⁶⁰;

⁵⁹ Em sua Dissertação de Mestrado, intitulada “*Uma história musical de Piracicaba: memória e tradição*”, a autora relata a importância das manifestações musicais populares, a exemplo do Batuque de Umbigada e da Seresta, colocando-as lado a lado à Música Orquestral e ao Canto Coral (Orfeão) em importância para a identidade musical da cidade.

⁶⁰ Maestro, violinista e professor de origem belga, convidado pela Sociedade da Cultura Artística de Piracicaba a reger a Orquestra Piracicabana de Amadores na década de 1940.

Leandro Guerrini; Carlos Brasiliense; Melitta Brasiliense; Olênio Veiga, Egildo e Reginaldo Rizzi, entre os outros docentes da Escola Normal, já mencionados.

Leandro Guerrini⁶¹, também mencionado pelo depoente, foi aluno de flauta e flautim de Erotides de Campos e também compunha o conjunto orquestral que tocava para o cinema mudo. Segundo Pfromm Netto (2013), esse educador tinha ‘natureza multifacetada’: foi jornalista, escritor, teatrólogo, historiador e professor. Foi entusiasta e ativista na criação e participação de eventos culturais na cidade ao longo de sua trajetória de vida, juntamente com sua esposa, a professora, cantora lírica e escritora de obras infantis e juvenis Jaçanã Guerrini. Formou, na juventude, um grupo musical chamado “*Os Vigilantes*”, além de ter escrito, ao longo do tempo, várias peças teatrais, peças radiofônicas, contos, crônicas, artigos de jornais e obras historiográficas. Foi redator-chefe do *Jornal de Piracicaba*, idealizador e diretor da primeira Biblioteca Pública Municipal (criada nas dependências da Universidade Popular) e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, mantendo-se em contato permanente com os diversos grupos culturais existentes na época, compreendendo em seu rol de amizade e intercâmbio, o grupo de educadores formados na Escola Normal de Piracicaba. Lecionou as disciplinas de Português e Música na Escola do Comércio Cristóvão Colombo, no Colégio Assunção e na Escola Normal Oficial de Piracicaba.⁶²

É também importante observar que o dodecafonismo⁶³ utilizado pelo maestro Ernest Mahle em suas composições, embora tenha causado estranhamento no meio musical no momento de sua introdução em Piracicaba, conforme atesta o depoimento do entrevistado, trouxe, ao longo do tempo, inovações para o universo musical piracicabano, tendo sido a cidade de Piracicaba uma das pioneiras na recepção desse sistema musical através do movimento Pró-Arte, fundado em São Paulo pelo maestro alemão H. J. Koellreutter e acampado localmente, em 09 de Março de 1953.

Segundo relato, o músico Reginaldo Rizzi fez parte, como violoncelista, da antiga “Orquestra de Amadores” fundada pelo professor Benedicto Dutra Teixeira e tocou nesta nas décadas posteriores, quando da regência de Egildo Rizzi (seu pai) e de Rossini Rolim Dutra (filho do professor Benedicto Dutra). Como explicita, o Sr. Hélio foi impulsionado por Reginaldo Rizzi a principiar a regência de uma nova orquestra e juntamente com a

⁶¹ Nascido em Piracicaba/SP em 23.02.1896. Falecido em Piracicaba/SP em 05.07.1990.

⁶² Registros de sua atuação como docente na Escola Normal não foram localizados, nos período de 1913 a 1940.

⁶³ Sistema de estruturação atonal de alturas das doze notas musicais, criado pelo compositor austríaco Arnold Schoenberg, na década de 1920. Foi introduzido no Brasil pelo compositor Hans Joachim Koellreutter e passou a ser amplamente utilizado por diversos compositores brasileiros como Guerra Peixe, Edino Krieger, Cláudio Santoro, José Penalva.

participação de outros antigos músicos como Olênio Veiga, Valdir Belluco, Leo Olita; houve também a mobilização desse grupo para a criação da “Orquestra Filarmônica de Piracicaba”, na década de 1990.

Houve, na comunicação do Sr. Hélio, a ênfase em retratar percepções do contexto social de sua época, sendo permitido vislumbrar, através de seus relatos, o seu ingresso no universo musical em que as primeiras experiências se deram enquanto estudante da escola pesquisada, decorrente de incentivos de seu professor da disciplina de Música, o professor Benedicto Dutra Teixeira. Foi possível detectar a dimensão deste encaminhamento para a vida pessoal do Sr. Hélio que, a partir de então, apresentou uma identificação progressiva com o círculo musical formado pela Sociedade da Cultura Artística, vindo a se dedicar ao estudo do canto coral e da música orquestral durante toda sua trajetória de vida, tendo participado da criação e regência do coral da Escola Superior de Agronomia onde foi professor universitário, da regência do coral da Igreja Metodista de Piracicaba por 40 anos e da fundação e regência da Orquestra Filarmônica de Piracicaba.

Nos últimos cinco anos de sua vida, o depoente desenvolveu um projeto voltado ao ensino de música instrumental para crianças de classes populares, juntamente com os membros da Orquestra Filarmônica de Piracicaba, atendendo, aproximadamente, 70 alunos. Este fato marca este extravasamento ao qual nos referimos: não houve somente referências estéticas ligadas à presença do prédio da Escola, que ainda suscita as mesmas impressões em quem passa por ele. A cultura ali produzida percorreu a cidade, habitou as salas de muitas famílias, tramou amizades, estabeleceu uma certa estesia à qual ainda permanecemos muito ligados. Mais tarde alcançou, mesmo que timidamente, as classes populares, como é possível inferir diante dos fatos narrados.

O Sr. Hélio veio a falecer em 18 de setembro de 2015 e até seus últimos dias, conforme depoimento de sua esposa Sra. Cléa, dedicou-se com muito empenho e alegria ao projeto acima mencionado.

5.2 Sr. Geraldo Claret de Mello Ayres

Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.
Marilena Chauí.

Tinha a Escola de Agronomia “Luiz de Queiroz”, voltada mais para as ciências, para a exata. Mas cultura humanística mesmo era o “Sud”, a Escola Normal. (...) Então, os professores lá formavam a casta da cultura piracicabana.

Meu nome é Geraldo Claret de Mello Ayres. Nasci em 22.10.1928 em Pirassununga.

Sou engenheiro agrônomo, formado pela Luiz de Queiroz, mas me especializei em bioquímica. Comecei a carreira universitária um ano depois de formado porque eu ganhei a primeira bolsa do Instituto Brasileiro do Café.

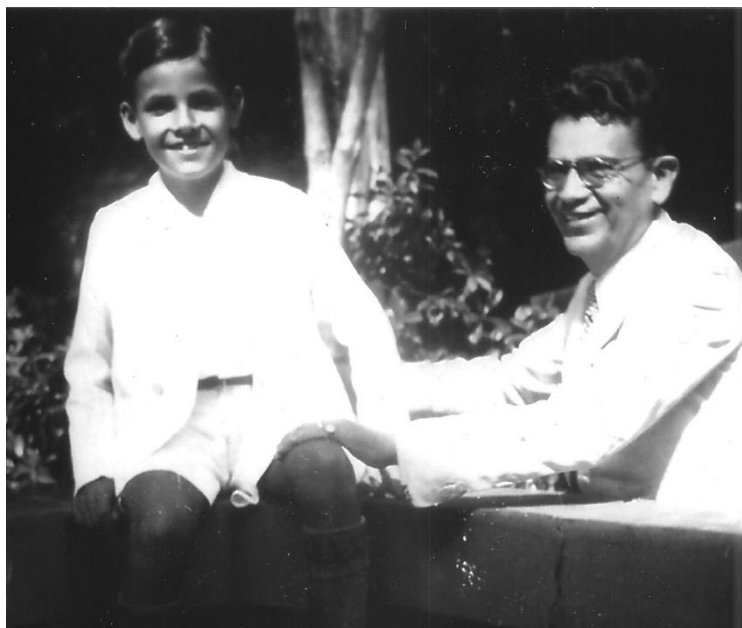


Foto 58: Geraldo de Mello Ayres, na infância, com o pai - Profº Elias.
Fonte: Acervo Pessoal do entrevistado.

Trabalhei um ano no Instituto Agrônomo de Campinas, fazendo um estudo pioneiro sobre microanatomia do cafeeiro. Logo depois fiz doutoramento na Luiz de Queiroz e aí trabalhei nove anos. Comecei aí em 1954. Em 1957 criaram a Faculdade de Odontologia de Piracicaba, um instituto isolado do ensino superior, não vinculado a nenhuma universidade. Não havia outros institutos em Piracicaba. E não tinha dentista credenciado para administrar e instalar o curso de bioquímica e então eu fui convidado. Acumulei um ano lá na Escola e aqui na FOP (Faculdade de Odontologia de Piracicaba). Aliás, a primeira faculdade de farmácia e odontologia, mas a farmácia nunca foi instalada. Bom, fiquei um ano e saiu o tempo integral para mim na Luiz de Queiroz e tive que deixar a FOP. Naquele tempo fiz cursos, bolsas de estudos...Quando o que era responsável pela cátedra em fisiologia que tinha anexo à bioquímica, pediu demissão e eu fui convidado para voltar para a FOP, na condição de catedrático contratado. Aceitei, mas tremendo de medo, assumi uma responsabilidade muito grande. Duas disciplinas, a bioquímica e a fisiologia... Fiz toda minha carreira universitária na

Unicamp, depois da FOP foi integral, até atingir a posição mais alta de professor titular. Me aposentei na Unicamp, mas continuei depois na Unimep, quando criaram os cursos biológicos, precisaram de especialistas no setor biológico. E eu fui convidado. Fui o pioneiro da bioquímica e dei seis ou sete cursos na Unimep. Trabalhei 29 anos na Unimep e ao todo, desde o Instituto Agrônomo, USP, Unicamp e Unimep, trabalhei certinho 53 anos. Publiquei inúmeros trabalhos de pesquisas, orientei várias teses de doutoramento, enfim, participei de trabalhos científicos internacionais e foi uma vida muito gostosa.

Eu nasci em Pirassununga, porque meu pai trabalhou de 20 a 36 em Pirassununga, lecionando na Escola Normal de lá. Então, eu e minha irmã logo acima de mim, nascemos lá e as outras nasceram em Piracicaba. Quando eu fiz o primeiro ano de grupo, em 1936 a professora era Maria das Dores Pinto, Dona Dora que me alfabetizou. Correu tudo bem e foi na Escola Normal Oficial de Pirassununga, que foi criada e instalada praticamente no mesmo tempo que a de Piracicaba. É uma escola muito bonita, que tem corredores de mármore... O Fernando Costa que era muito amigo de meu pai por sinal, era todo chegado em Pirassununga. Ele morou em Pirassununga e tinha fábrica de tecidos em Pirassununga. Diziam na época que ele trocou as plantas, que a de Pirassununga deveria ser aqui e a de Piracicaba lá. Mas, ele adorava Pirassununga e era pessoa influente no Estado. Foi inclusive interventor do Estado. Eu tive a satisfação de almoçar com Fernando Costa e dona Anita, esposa dele. A esposa dele era amicíssima de minha mãe e ele de meu pai. Jogavam xadrez juntos. O meu tabuleiro de xadrez até hoje era de Fernando Costa. Essa amizade foi até o final.

Em 13 de dezembro de 1936, nós viemos para Piracicaba e chegamos aqui pela Paulista. Uma viagem longa, porque tinha de vir de Pirassununga à Nova Odessa. Fazia baldeação de trem e parava três horas e meia em Nova Odessa esperando para que viesse a composição depois de São Paulo. Depois havia uma manobra, em que engatava outros vagões que vinha para ramal de Piracicaba. Chovia muito quando chegamos aqui...Comecei a minha vida aqui no curso primário, anexo à Escola Normal, que ficava no mesmo prédio, só que com diretoria diferente. Na qual a minha mãe era professora e o meu pai também. Minha mãe Maria Amélia de Aguiar Ayres e meu pai Elias de Mello Ayres. A minha primeira diretora chamava Olivia Bianco. Ela vinha com carruagem, com cavalos e cocheiros! Sabe onde fica a Cidade Jardim, que tem o Grupo Dr. Prudente? Na Travessa Alemã? Ali começava a chácara da Dona Olívia Bianco. A minha primeira professora, da segunda e terceira série daqui foi a professora Ercília Junqueira, Dona “Ciloca”, que eu queria muito bem. Era muito dócil, muito meiga, um doce de professora... Do segundo e terceiro. Depois passei para o quarto ano e a

professora era Maria Cecília Almeida – Dona “Cicita”, que se aposentou em setembro de 39 e daí veio substituí-la Mário Gatti, que tinha sido aluno do meu pai. E que depois, (como é o mundo né?!) eu fui ser professor na FOP da Cecília que é a filha dele.

Meu pai já estava dando aula na Normal. Eu me formei no curso primário anexo à Escola Normal Oficial de Piracicaba. Na época foi (diretores) Dona Olívia Bianco, depois foram Afonso Fioravanti e depois Antonio Belmudes Toledo.

De lá eu fui fazer ginásio, passei com 100! Eu fiz o ginásio no Assunção, quatro anos. Eu tive na segunda série, naquele tempo o ginásio era cinco anos e as escolas superiores tinham dois de cursinho anexo para pré-vestibular. Mas, em 1942 veio a Reforma do Gustavo Capanema, que era ministro da educação, que mudou, aí veio ginásio com quatro anos e o colegial com três anos...Dicotimizado: científico e clássico. O científico, teoricamente, para os alunos que iriam cursar faculdades técnicas, científicas, biológicas e exatas, e o clássico, para as humanas. Mas, no fim, davam direito a tudo. Então, foi uma reforma que eu não sei até que ponto foi válida. O que sei é que na primeira série, antes da reforma, eu tive latim, francês, português, inglês, matemática, logaritmo... Na primeira série, a molecadinha de 11 anos! Quando estava todo mundo enforcado, na segunda série veio a reforma e aí suavizou.

Bom, terminei o Assunção e tive que fazer o científico no “Sud” e o número de candidatos era maior que as vagas. Eram nove ou onze vagas para vinte e oito candidatos. A banca era formada por Francisco Mariano da Costa (Matemática), Antonio Moraes Sampaio-o “Antonelo” (geografia) e português acho que era Sylvio de Souza. Bom, o fato é que entrei e fiz os três anos no Sud, que na época se chamava Escola Normal de Piracicaba. Teve um fato muito triste: No primeiro ano, logo no primeiro dia da aula de química veio o professor Erotides de Campos. Era amicíssimo de meu pai e tem muitas músicas em parceria.... No dia seguinte ele faleceu. Ele faleceu nos braços de meu pai! Nós morávamos na José Pinto de Almeida, entre São José e Prudente e ele morava, em um sobradinho, logo virando a Prudente. Depois do almoço ele se sentiu mal e a dona Tita, esposa dele, não tinham filhos, correu em casa. – Seu Mello, o Erotides está passando muito mal! Meu pai foi correndo lá e só deu tempo de segurar a cabeça dele e ele faleceu. Ele estava fazendo a capa da última música que fizeram em parceria. Nos outros dias veio um professor terror, Demóstenes dos Santos Correa. A minha turma foi a primeira com Demóstenes Correa. Ele era exigente. Era engenheiro agrônomo, mas tinha uma personalidade esquisita, diferente... Ele dava aulas de costas para a classe. Fazia chamada, virava e dava aula com giz na mão direita e com o apagador na esquerda. Então, eu me lembro, um dia ele começou assim: “Substância é um elemento que subsiste em si só”... Mas não explicava nada e ia escrevendo. Quando chegava,

por exemplo, com quatro linhas, ele ia apagando e escrevendo em cima. Assim foram os três anos que tive com o professor Demóstenes. Era um idealista! No segundo ano que era de Química Orgânica, ele fazia debates. Ele dividia a classe em dois times. Elegia, de cada time, cinco ou seis alunos mais destacados. Apresentava temas que ele escrevia, em coisas certas e erradas. E os alunos tinham que destrinchar e debater... Era um professor extraordinário, foi que criou praticamente o primeiro laboratório na Escola Normal, mas era terrível. Eu peguei segunda época com ele de Química Orgânica. Tive professores extraordinários... Francisco Mariano da Costa foi meu professor de Matemática. Hélio Penteado de Castro foi de Física, ele era de muita retidão, mas era uma fera! Português, excelente professora: Olga Milhomens Costa. Como essa professora sabia conduzir a classe e sabia ensinar! Era de uma competência extraordinária. Já no ginásio eu tinha tido um professor de português muito bom, José Rodrigues de Arruda, o “Arrudinha”, que dava psicologia no Sud. Bom, os professores de destaque: Arquimedes Dutra, de desenho geométrico. Arquimedes Dutra entrava na classe com o compasso, o giz e régua, chegava diante da classe e pegava o giz e fazia um círculo à mão, depois ele vinha com o compasso e conferia. Era um círculo perfeito, coisa impressionante. Ele não fazia isso por vaidade, não. Acho que fazia por satisfação. O irmão mais novo dele, Antonio de Pádua, ele foi para Itália fazer um curso de pintura, numa escola famosa, mas depois de dois anos ele morreu do coração, lá. Mas o Archimedes Dutra foi o maior de todos. Tinha o João Dutra. O Alípio Dutra que fez aquele quadro ali...da freira e presenteou para meu pai. Aquele ali, (mostrando um quadro na parede), o Archimedes fez especialmente para meu pai: é a casa que nasceu Osvaldo Cruz, em São João de Paraitinga. O meu pai era professor de biologia e ele fez questão de presentear o meu pai...Tem até a dedicatória, se o tempo não apagou.

No “Sud”, eu tive essas disciplinas principais. Depois, eram outras, assim, como espanhol, Música foi com Rossini Dutra. O pai dele, o Benedicto Dutra teve algumas músicas em parceria com o meu pai, inclusive o “Hino do Colégio Assunção”. A Geografia com o “Antonelo” - Antonio Moraes Sampaio. O Antonelo era muito inteligente, mas uma fera também. Formei-me no científico, mas eu queria fazer direito e não tive condições. Não havia ainda a Unimep, que muito serviço prestou à Piracicaba. Pode não ter sido a melhor faculdade, e não foi mesmo, no começo. Mas, já diziam que a imagem do Bom Jesus, lá em cima da torre, falava: Ou você estuda Agronomia, ou vai para o Normal ou vai cortar cana! Aí eu fiz um mês de cursinho particular com Ézio Apezatto que era estudante de agronomia. Deu um mês de aula para mim, duas vezes por semana, de Física e o resto eu estudei por conta. Prestei o exame na Luiz de Queiroz e tive a satisfação de entrar em 11º lugar.

Meu pai, o professor Elias de Mello Ayres, nasceu em Capivari, mas passou a infância e fez o grupo em Rio das Pedras. Ele era muito parecido com meu avô. Meu avô se chamava Elias Cândido Ayres e era realmente cândido. Ele era farmacêutico e era muito comum perdoar a dívida dos mais pobres. E meu pai foi muito bom. Era um santo, santo por princípio, por conduta, por tudo. Minha mãe era mais brava, mais enérgica.

Meu pai teve três objetivos que ele alcançou na vida: ele quis ter a casa própria, eficiência na profissão e uma família em ordem. Ele começou como professor primário e minha mãe também. Em Rio das Pedras, no Barão de Serra Negra, que era um grupo que tinha e que tem até hoje. De lá foi para Pirassununga, em 1920. Foi ser professor de biologia educacional. Naquele tempo, tinha tão poucos professores que quando surgia um que se despontasse pela inteligência e tal, era aquinhado, não sei qual era o critério usado na época para ele sair de professor primário em Rio das Pedras para ser Lente de biologia educacional na Escola Normal Oficial de Pirassununga. E isso aconteceu com outros, inclusive Erotides de Campos. Bom lá ele foi, dezesseis anos, professor, mas ele prestou concurso como rábula, advogado provisionado. Tinham poucos advogados, então prestavam concursos e podiam assumir atividades advocatícias dentro de certos limites e da gravidade dos casos. Só causa cíveis, criminais, não. Foi jornalista. Meu pai foi grande orador, poeta. O Hino de Pirassununga foi de autoria dele, a letra. A música de Antenor de Mello e a letra de Elias de Mello Ayres. O hino da Associação Esportiva Pirassununguense, a letra é de meu pai. Meu pai deixou uns dez ou doze hinos, em que a letra é dele. O Hino da Escola Dr. Prudente, a letra é dele, a música acho que é do Benedicto Dutra. E o hino do Assunção, a música é do Erotides de Campos e a letra é de meu pai.

Meu pai era sistemático. Assim que levantava, ia tomar banho. Um dia ele saiu embrulhado na toalha, voou para o escritório... A inspiração veio no banho: “O colégio de Anchieta de outrora, deu-nos essa gente viril...” Era o Hino do Colégio Assunção... Meu pai era totalmente otimista, detestava pessoas pessimistas.

Ele teve cinco filhos que viveram, dois morreram em Pirassununga, que não conheci. Teve a mais velha Maria Aparecida de Aguiar Ayres. A segunda Maria Benedita de Aguiar Ayres foi também professora. De inteligência brilhante, mais brava que era uma fera! Depois Maria Cecília Aguiar Ayres, como ela foi bonita! Linda! Pianista, cantava, compunha... Depois Maria Stela de Aguiar Ayres, que era minha amiguinha porque era a mais próxima em idade. Depois eu o caçula. E nesse meio tempo nasceram José e Terezinha que faleceram. A Cida, a Maria Aparecida era o xodó de meu pai. Era muito boazinha, meiga e tinha uma covinha... Erotides de Campos fez uma música para ela, chamada “*Covinhas do seu rosto*”.

Meu pai importou pra ela da Alemanha, em 1926, eu não tinha nascido ainda, um piano alemão, famoso até hoje.

Meu pai, com catorze anos regia a banda de Rio das Pedras. Depois, ele tocava clarineta. Mas naquele tempo, ele perdeu todos os dentes e não pode mais tocar clarineta. A odontologia, naquela época era muito fraquinha e as pessoas não sabiam como higienizar direito os dentes e perdia logo os dentes... Usava ponte e daí tocava violino. Lá em casa, na rua José Pinto de Almeida, Cida ao piano e meu pai no violino...Uma beleza!

Meu pai nunca deu um puxão de cabelo nos filhos. Ele quis viver bem. Veio para cá em 36 e trabalhou até 1960. Antes de vir, em dezembro definitivamente, ele veio em setembro para tomar posse. De setembro a dezembro ficou morando na casa de uma tia e de minha avó. Nesse meio tempo, ele comprou a casa. Não recebeu herança e nem ganhou na loteria. Ele, professor normalista e minha mãe, professora primária, tiveram a capacidade de, através de um financiamento chamado Montepio daquele tempo, compraram uma das dez melhores e mais bonitas casas aqui de Piracicaba. Hoje eu pergunto: que professor normalista junto com uma professora primária, que hoje se fala de fundamental, poderiam comprar uma casa, sequer na periferia? Meu pai ganhava igual a juiz de direito. Era Lente... Mas meu pai trabalhou no Sud. Ele falava muito bem, era poeta, jornalista e colaborou muito com o Jornal Piracicaba. Foi, praticamente enquanto viveu, secretário e mesário da Santa Casa de Misericórdia.

A Escola Normal representava, na época, a elite da cultura de Piracicaba. Tinha a Luiz de Queiroz, mas a Luiz de Queiroz era voltada mais para a ciência, para a exata. Mas cultura humanística mesmo era o Sud, a Escola Normal... Então, os professores lá, formavam a casta da cultura piracicabana. E até morrer meu pai foi secretário da mesa diretora da Santa Casa. E enquanto viveu meu pai foi orador na Cultura Artística. Meu pai foi um dos membros do conselho coordenador das entidades civis de Piracicaba. Que anos depois, eu fui a ser também. Então, meu pai foi um homem dedicado para a cultura e para a sociedade. Em Pirassununga, meu pai era político. Ele era antigetulista e quando estourou a revolução de 9 de julho, eu não tinha quatro anos ainda...Mas, eu me lembro do meu pai fardado. E saiu o primeiro batalhão de Pirassununga. Ele falou para minha mãe, eu faço um discurso em palanque, incitando a mocidade a ir. Tenho que dar o exemplo. No segundo batalhão de Pirassununga, ele deixou minha mãe com os cinco filhos e se mandou para a revolução. Sofreu muito porque São Paulo perdeu e ele ficou suspenso por castigo, do poderio da força do Getúlio que mandava em São Paulo, três meses sem receber um tostão. Começou o Estado Novo. Meu pai sofreu muito em Pirassununga, por causa da política. Com o agravante que a

seis quadras de casa tinha um quartel de cavalaria e tinha um capitão, capitão Oswaldo e se não ia com a cara de um, chamava dois ordenanças e surravam. Meu pai não apanhou porque Deus protegeu. O meu padrinho de batismo, que era professor de ginástica em Pirassununga, Pedro Gimenez, apanhou. Esse capitão, uma noite, por não ser convidado para uma festa de formatura da Escola Normal, sabe o que fez? Quando ia começar a festa e o baile, mandou cortar todos os fios...

Veja a personalidade de meu pai: Ele era curioso... Defendeu São Paulo, veio para cá e prometeu não entrar mais em política. Mas, amicíssimo do Dr. Samuel Neves, companheiro desde a mocidade... Samuel Neves era farmacêutico e médico, casado com a dona Lucila, que era filha do engenheiro Zanota que fez o portal do cemitério, cuja concepção foi de um artista italiano, o Cezarino Corso.

Então, o Dr. Samuel Neves tinha apoio financeiro. Foi um médico extremamente bondoso. Ele só cobrava dos ricos. Naquele tempo não tinha SUS, não tinha Unimed, não tinha nada...Então, a pobreza ia lá, ele receitava e ainda dava o dinheiro para comprar remédio. Foi um exemplo. E ele convidou meu pai para ser candidato a vereador, porque ele foi candidato a prefeito. E meu pai se candidatou. Nunca vi meu pai sofrer tanto! Eu distribui mais de quinhentos envelopes, a pé. Veja bem: meu pai, professor no Sud, professor no Assunção, católico praticante, filha freira, da Cultura Artística, da Santa Casa...Sabe quantos votos ele teve? Trinta! Meu pai ficou, uma semana, acabrunhado, sem sair de casa. A maior decepção! Mas, por outro lado foi bom, porque a câmara que foi eleita, foi a primeira de decretado o Estado Novo e entrou cada tipo lá... Ao lado de Hélio Penteado de Castro que foi eleito, Noedi Costa advogado que foi eleito e Acari de Oliveira Mendes que foi eleito, foram eleitos outros... Cada tipo! Esses três, ilustres, não aguentaram três meses e pediram demissão.

Meu pai, em meados de 1940, ele criou a semana da criança em Piracicaba. Foi a primeira semana da criança que houve em Piracicaba, no mês de Outubro. Ele homenageou a criança que trabalha (aquele engraxatinho ou aqueles que cortavam graminhas)... Também a criança que estuda, o recém-nascido, a criança doente. Ele achou seis características funcionais das crianças e as alunas faziam trabalho... Eu me lembro: a Nestlé mandava para meu pai amostras grátis de leites e desde aquela época meu pai distribuía para a pobreza... Então, artigos de jornal, visitar escolas e as alunas vibravam... Meu pai foi um idealista e nunca exigiu um tostão de ninguém. Nunca fez dívida que não pudesse pagar, comprava tudo à vista. E fazia as letras de músicas dele.

Erotides de Campos ele conheceu em Pirassununga. Erotides de Campos era mulato e cortava o cabelo bem “rentinho”. Era uma alma pura, pura, pura... Os amigos, quando ele estava sentado no bar, passavam e falavam: Como vai esse cafezal aí?

Ele fez a música “Ave Maria” em Pirassununga. Quantas vezes eu vi Erotides de Campos tocar o piano em casa! Ele tocava flauta também. A flauta dele está no Museu Prudente de Moraes. Ele nasceu em Cabreúva, uma cidadezinha perto da (rodovia) Castelo Branco. Eu sei um fato impressionante: Ele tinha a bandinha dele, de molecadinha. Devia ter uns 18, 17 anos e lá tinha a banda de Cabreúva. E ele e a turminha dele, mal tinham os instrumentos. Ele ia assistir, do lado de fora do muro da casa, o ensaio da banda e escrevia musicalmente. Escrevia pauta e se pensava que era impresso! Era impressionante a clave de Sol dele! E Erotides, na hora do concurso municipal, ele de ouvido captou a dos outros, e ganhou! E pouca gente sabe que ele é de Cabreúva. Ele foi 90% intuição, porque arte e inteligência não escolhem berços... Inteligência, sensibilidade e capacidade não escolhem berço. A providência é que destaca.

Meu pai morreu praticamente na classe. Ele não se aposentou no “Sud”... Ele, uns seis meses antes de pedir a aposentadoria, porque permutou com Armando Mendes Vollet, que era da biologia educacional em Tietê. E uns seis meses antes de meu pai aposentar, eles permutaram. Foi a maneira encontrada para Armando Mendes Vollet vir trabalhar em Piracicaba, que tanto queria. E aí passado esses meses, meu pai se aposentou na Escola Plínio Rodrigues de Moraes em Tietê. Mas continuou no Assunção. Estava diabético e naquele tempo a cardiologia, a endocrinologia estavam engatinhando ainda... Ele estava dando aula e se sentiu mal e caiu. As alunas e as freiras é que o atenderam. As freiras chamaram o provedor da Santa Casa, Dr. Nelson Meirelles, que era amigo de meu pai. E do Assunção o levaram para a Santa Casa.

No dia 4 de junho de 1960, eu estava em Ribeirão Preto, porque fiquei um ano na faculdade de medicina, no departamento de bioquímica. Chegou um telefonema às 10 horas da manhã, no laboratório. Minha irmã: Geraldo, papai teve um enfarto. Falei: Ele morreu? Não, tá vivo ainda. Vim voando de carro pra cá. Todos os filhos que estavam fora vieram para Piracicaba. No dia 10 de junho, ele morreu nos braços de minha mãe.

No dia 02 de junho, quando ele fez 70 anos, as irmãs e as alunas do Assunção fizeram uma festa muito bonita, que eu não assisti porque estava em Ribeirão. E nessa festa ele declarou que queria trabalhar no Assunção até morrer. No dia 2, no dia 4 ele teve o enfarto e no dia 10 ele morreu! Eu soube que ele visitou também naquela semana, a Escola Normal e se emocionou muito. Parecia que ele estava prevendo...

Agora, nunca teve vaidade, nunca publicou um livro. Ele era poeta, tem poesias lindas, daquela época em que tinha carro de boi ainda... mas poucas foram publicadas. Ele datilografou e tirou cópia de uma coletânea de poesias para um concurso de São Paulo ou Rio, não sei... Só sei o Título: “As contas de meu Rosário”. Mandou uma cópia e a outra ficou e essa que ficou não sei que fim levou. Ele participou de mais de seis, sete vezes, do concurso que a Secretaria da Educação fazia em São Paulo para a admissão de professores para o ensino secundário. Ele foi membro e professor da banca de Biologia Educacional em São Paulo. Na época em que foi servir a Secretaria de Educação.

Na época da Escola Normal ele conviveu com Erotides de Campos, Benedicto Dutra, Procópio Ferreira. Não, o Procópio era do Assunção. Thales de Andrade, Sud Mennucci, Jetrho Vaz de Toledo, José Rodrigues de Arruda.

O Thales de Andrade foi o primeiro ecologista do Estado de São Paulo! Ele escreveu o Fim do Mundo, A Filha da Floresta, El Rei Dom Sapo, mas todos voltados para a agricultura, prevendo a aridez que viria... Eu lembro de fotos nos livros desse solo que se vê no Nordeste, esses depósitos de água que vão secando aparecem no livro. Foi um ecologista, defensor do ruralismo. Meu pai tinha escrito uma música “Rumo ao Campo” e a música, acho que era do Erotides de Campos. Essa música ficou sendo hino, nas escolas normais rurais. O Fernando Costa teve e o Thales, depois, esse idealismo de criar escolas rurais. Piracicaba tinha uma escola normal rural, lá no Piracicamirim. O Fernando Costa era muito bem intencionado e quando foi interventor, ele construiu cinco escolas práticas de agricultura. Uma em Ribeirão Preto, uma em Jaboticabal, uma em Itapetininga e as duas outras eu não sei. Talvez nem se concretizaram... Naquele tempo não tinha televisão, mas tinha rádio, tinha chuveiro elétrico, colchão de mola e o que acontece... O rapaz vinha do sítio, passava três ou quatro anos na escola, se encontrava com o urbanismo e não voltava mais para o sítio. Foi assim, que todas desapareceram. As instalações de Ribeirão Preto serviram de embrião da faculdade de Medicina, que é USP. A escola de Itapetininga não sei no que virou... A de Jaboticabal, hoje é universidade também. Então foi um sonho, na verdadeira acepção da palavra. Um idealismo que não passou de um sonho, porque não deu certo.

Tinha a velha frase: O Brasil é um país essencialmente agrícola. A frase era um emblema, do governo, da população e das classes políticas. Com a imigração dos italianos, dos japoneses, dos portugueses e outros como alemães, polacos, poloneses... é que começou a indústria.

Mas, na escola havia também a professora Laudelina Cotrim de Castro. A dona Laudelina era muito bonita, bonita em todos os sentidos. Bonita de alma. Aquela casa que tem

na Rua XV, esquina com a José Pinto de Almeida foi a Dona Laudelina que construiu. O marido dela, o Castrinho, era dono do Hotel Central, dono remanescente do Hotel Central. E a Dona Laudelina, muito culta, muito entusiasmada, tocava piano. Eu não sei qual era a disciplina dela... Eu acho que era Didática. Bom, a Dona Laudelina...Tinha o Teatro Estevão, que foi a única bobagem que o Samuel Neves como prefeito fez, foi derrubar o teatro. Tinha uma acústica extraordinária. E a Dona Laudelina organizava festivais de normalistas e das crianças. Festivais musicais. Eu lembro, eu era adolescente e como eram lindos os festivais! Sempre no Santo Estevão. Ela encenou Branca de Neve. Branca de Neve foi uma menina que tinha se queimado quando criança, a Vera Pinto César e Cecilia minha irmã foi a madrastra...Stela, que era logo acima de mim, foi camponesa. Eu lembro tudo isso, sabe?!

Piracicaba tinha duas casas de espetáculo. Tinha o Broadway – o cinema da elite e tinha o São José – que era do povão. Depois o Coronel Barbosa comprou o Cine São José e o transformou em teatro.

Mas, tenho que fazer justiça à minha mãe... Minha mãe nunca foi reconhecida, mesmo porque ela era muito fechada. Muito austera. Meu pai morreu em 60 e ela em 68. Até morrer, minha mãe usava meia, duas combinações e vestido de manga comprida. Muito austera. E muito inteligente. Quando ela veio pra cá, ela pediu autorização pra instalar um sistema didático que ela bolou. Um centro de interesses. Ela dava aula no 4º ano lá na Escola anexa à Escola Normal. Então, ela conseguiu autorização para ao longo do ano criar quatro centros de interesse. Primeiro: o café. Ao redor do estudo do café, ela ensinava geografia, história, botânica, indústria, matemática, metros quadrados... Ao final, as alunas faziam uma festinha. Depois a cana. Através da cana ela ensinava geografia, porque vinham as correntes trazendo escravos, as mudas de cana, distribuição ao longo do Brasil. Ela ensinava história, geografia, botânica, metro cúbico de caminhão, alqueires, matemática... Então foi café, cana, algodão e mais uma que não me lembro agora...Eu ia nas festinhas. Eu lembro que em uma delas foi a bandeira nacional, feita com balas cobertas com papel verde, amarelo e azul. As alunas fizeram a bandeira como símbolo da cana-de-açúcar.

5.2.1 Análise da entrevista: conversa informal

Ao rememorar assuntos pertinentes à trajetória de vida de seu pai como educador, o Sr. Geraldo apresentou-se bastante emocionado e prolixo nas suas lembranças, entretanto, na entrevista gravada deixou de relatar a respeito de suas próprias vivências na área da estética, quando aluno da instituição – sua narrativa foi uma visita à sua infância, aos laços de

família e com as famílias mencionadas, aos círculos sociais, às preciosas relações com os amigos. Foi um rememorar da infância, do tempo de uma vida gostosa, da segurança dos laços sociais mais sólidos e da reafirmação de seu *locus* social. Muitas das suas expressões remetem a isso, das quais a emblemática: “Naquela época, ou você ia para a ESALQ, ou para a Escola Normal ou ia cortar cana”. Essa frase também dá a ver a relevância da instituição investigada para Piracicaba da época - tratando-se de uma entre duas escolas secundárias públicas de cunho profissionalizante da cidade.

Foi necessário, portanto, anotar em um diário de campo suas memórias a esse respeito – que vieram à tona em uma conversa informal logo após a entrevista – nas quais relatou ter herdado um “espírito” mais pragmático de sua mãe, mais voltado para área científica; contudo, teve algumas participações em eventos culturais na escola e presenciou também vários saraus, peças de teatro e concertos organizados pela Associação da Cultura Artística em que seu pai era membro e orador. Embora não tenha sido aluno da professora Laudelina Cotrim de Castro, recordou com entusiasmo dos festivais e peças teatrais que esta docente desenvolvia na Escola Normal de Piracicaba e apresentava, em ocasiões especiais, no Teatro Santo Estevão. A boa disposição e a alegria com que essa docente realizava esses eventos culturais, naquela época, ficaram guardadas, quase intactas, em sua memória.

Na sua vivência enquanto aluno do ensino primário, o Sr. Geraldo recordou os nomes dos diretores da escola pesquisada, dentre eles Olívia Bianco⁶⁴. Esta educadora se formou no ano de 1900 e fez parte da primeira turma de educadores formados pela Escola Complementar de Piracicaba, quando ainda se localizava na Rua do Rosário. Após exercer a docência no Primeiro Grupo Escolar de Piracicaba, passou a lecionar na Escola Normal de Piracicaba, na década de 1920, se aposentando nesta instituição em 1939. Advinda de família de classe média emergente, a professora Olívia teve possibilidades de uma educação refinada, sendo poliglota e apreciadora das artes. Na juventude participou ativamente de saraus artístico-literários e fez parte de um grupo teatral juntamente com amigos como João Silveira Mello, Francisco de Assis Iglésias e Paula de Moraes Barros. Em 1906, foi uma das fundadoras da Escola Noturna 25 de Março para alfabetização de mulheres operárias e, paralelamente à suas funções nas instituições escolares, preparou inúmeros jovens gratuitamente para o ingresso no ensino público.⁶⁵ Na Escola Normal exerceu vários cargos, sendo professora na disciplina de

⁶⁴ Nascida em Piracicaba em 07.05.1883. Seu nome consta do livro-ponto da Escola Normal, ocupando a função de professora da disciplina de Ginástica, a partir do ano de 1922.

⁶⁵ Artigo de 15 de outubro de 1991 – *Jornal de Piracicaba*

Ginástica feminina, diretora da Escola Primária-Anexa, professora substituta na disciplina de Inglês e Francês e ocupou o cargo de Assistente da 1ª sessão de Pedagogia, no curso de Formação Profissional (Normal).

O professor Antonio Belmudes Toledo⁶⁶, além de professor, exerceu a profissão de cirurgião dentista e foi político, dividindo a liderança do Partido Social Democrático em Piracicaba com os professores José Vizioli e Jorge Coury na década de 1940. Atuou como educador da Escola Normal de Piracicaba por vários anos, desde a década de 1920, como diretor da mesma em 1939/1940 e em 1945 e também exerceu a docência na Escola Superior de Agronomia. Participou da criação do Esporte Clube XV de Novembro com demais professores desta instituição escolar e foi um de seus diretores.

A Reforma Educacional de Gustavo Capanema, realizada de 1942 a 1946, no contexto do ideário do governo Vargas, foi citada pelo entrevistado como tendo sido de grande impacto para os alunos do ensino secundário, ao qual ele fazia parte. De fato, com a reestruturação do ensino secundário, o ginasial que era de cinco anos passou há quatro anos e o colegial de quatro passou há três anos, com divisão entre ensino clássico e científico. A lei do ensino secundário, conforme o Art. 4º, Capítulo II, especificava que o ensino clássico concorreria para a formação intelectual, tendo um maior conhecimento de filosofia e acentuado estudo das letras antigas; no curso científico a formação seria marcada por um estudo maior no campo das ciências.⁶⁷

Nas memórias do Sr. Geraldo a respeito do ciclo secundário, inclui-se o nome do professor Demóstenes dos Santos Correa⁶⁸, que lecionou a disciplina de Química. Esta informação corrobora com a narrativa do Sr. Hélio Manfrinato que mencionou, em seu depoimento, que esse docente foi seu contemporâneo no curso de Engenharia Agrônoma na ESALQ e passou a lecionar na Escola Normal de Piracicaba depois de formado. Este educador também exerceu o jornalismo e manteve uma coluna no *Jornal de Piracicaba*, denominada “*De gente, fatos e coisas*” sobre eventos históricos ocorridos na cidade.

⁶⁶ Nascido em Piracicaba em 1896. Falecido em Piracicaba em 1971.

⁶⁷ Aranha (2006) reflete que nesta reforma educacional os cursos de formação secundária nas escolas oficiais não acompanharam o ritmo do desenvolvimento tecnológico da indústria em expansão e permaneceram acadêmicos e propedêuticos e, nas suas bases, discriminador e antidemocrático por haver mantido as exigências de exames e provas de seleção, bem como na recomendação de que a educação secundária das mulheres se fizesse “em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina”, explícito no artigo 25 do decreto Lei n. 4244/42.

⁶⁸ Nascido em 1913. Falecido em Piracicaba em 1980.

O professor Francisco Mariano da Costa⁶⁹, professor de Matemática na época dos estudos do Sr. Geraldo, se formou em 1906 na Escola Complementar de Piracicaba e exerceu a docência em diversas escolas do Estado de São Paulo. Foi diretor de escolas, inspetor regional de ensino e delegado regional de ensino. Na Escola Normal de Piracicaba lecionou as disciplinas de Português, Didática e Matemática, além de dar cursos preparatórios para ingresso de estudantes na ESALQ.

A disciplina de Física na Escola Normal de Piracicaba, na época do entrevistado, era ministrada pelo professor Hélio Penteado de Castro⁷⁰. Este professor lecionou também a disciplina de Química e esteve ligado a várias outras instituições escolares piracicabanas como a ESALQ e o Colégio Piracicabano. Atuou também como inspetor escolar, vereador e vice-presidente da Câmara Municipal de Piracicaba.

Fazem parte das recordações do entrevistado os professores Antônio Moraes Sampaio, Jethro Vaz de Toledo, Olga Milhomens⁷¹ e Rossini Dutra. O professor Jethro Vaz de Toledo⁷² foi professor, jornalista e redator de jornal. Iniciou a docência na Escola Normal de Piracicaba na década de 1920, como preparador de aulas de educação física, depois de alguns anos assumiu a cadeira de educação como titular na disciplina de Sociologia. Lecionou português e latim no Colégio Piracicabano.

Rossini Rolim Dutra⁷³ se formou professor pela Escola Normal de Piracicaba e ali lecionou a disciplina de Música e Canto Orfeônico, em meados da década de 1940, continuando o legado musical deixado pelo seu pai - Benedicto Dutra Teixeira, até vir a se aposentar em 1976. Foi músico (violinista e violista) e atuou também como advogado. Foi regente da Orquestra de Amadores de Piracicaba e participou de inúmeros eventos musicais em Piracicaba, na juventude integrou o grupo musical “*Os Vigilantes*”, formado por Leandro Guerrini. Atuou também como docente no Colégio Nossa Senhora d’Assunção, na Escola Estadual Benedito Ferreira da Costa e na Antiga Escola Normal Rural. Compôs os hinos das escolas estaduais Benedito Dutra Teixeira e Jorge Coury.

Estes dados de pesquisa ampliam nossas referências do quadro docente da então Escola Normal e suscitam importante reflexão a respeito de dois pontos: o primeiro tem a ver

⁶⁹ Nascido em Tietê/SP em 13.10.1885. Falecido em São Paulo em 12.11.1951.

⁷⁰ Nascido no séc. XIX. Falecido no sec. XX.

⁷¹ A seu respeito não foram encontrados registros nos livros pontos pesquisados e nenhum dado bibliográfico.

⁷² Nascido em Capivari/SP, 18.3.1899. Falecido em São Paulo/SP, 31.3.1968.

⁷³ Nascido em Piracicaba em 24.10.1918. Falecido em Piracicaba, 21.3.2000.

com o fato de que os docentes possuíam uma formação extremamente interessante: eram pessoas cultas, inteligentes, muito bem preparadas, ainda que ‘de classe média’. Muitos eram filhos de professores de instituições similares, a exemplo do próprio Sr. Geraldo que ressalta, inclusive, a valorização que aqueles docentes tinham, nesta época, em termos de reconhecimento social, como difusores de uma cultura humanística e de reconhecimento econômico, tendo acesso a uma vida estável e confortável. Possuíam prestígio e estavam muito bem localizados no tecido social, compondo e formando a “nata” da sociedade Piracicabana.

O depoente ao discorrer sobre o conceito ideológico hegemônico de sua época ilustra o contexto vivenciado mencionando o interesse do político Fernando de Souza Costa em implantar escolas agrícolas e escolas normais rurais no Estado de São Paulo. Este personagem foi formado pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” de Piracicaba, foi vereador (1912), prefeito de Pirassununga, deputado estadual (1919) e secretário da Agricultura (1927 — 1930). Fundou o Instituto Biológico e o Parque da Água Branca e realizou pesquisas de exploração de petróleo. No governo de Getúlio Vargas foi ministro da agricultura. Criou o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônômicas e os Serviços de Informação Agrícola e Economia Rural. Impulsionou a cultura do trigo no país, e foi quem dirigiu a descoberta do petróleo no Brasil, em 21 de janeiro de 1939, na cidade de Lobato (Salvador).

Outro ponto importante e que reforça, ilustrando muito bem o contexto social da época, é a estreita ligação – e este dado está presente em todas as falas aqui reunidas – entre esta “nata” e as políticas local e nacional: quando o Sr. Geraldo fala da inserção política de seu pai, seu lugar social fica bem claro e toda sua narrativa remete a este lugar e a própria alusão à expressão ‘casta’ remete a uma condição que vai orientar aquela cultura ali produzida.

É mister destacar a importância da professora Olívia Bianco como propagadora da educação para as classes populares e da alfabetização de mulheres operárias – o que era, na época, uma demanda da transformação econômica decorrente da insurgência das primeiras indústrias na cidade, das profundas transformações gerais acarretadas pela Revolução Industrial. Muito importante é o destaque para o método trazido por sua mãe, a professora Maria Amélia de Aguiar Ayres, muito próximo ao que conhecemos atualmente como aulas temáticas ou aulas desenvolvidas a partir de eixos temáticos.

O Sr. Geraldo, “gozando de muita disposição e saúde” – como afirmou várias vezes em nossa conversa, após ter se aposentado como docente tem se dedicado como atual

presidente do Rotary Club Paulista de Piracicaba no desenvolvimento de vários projetos sociais, como por exemplo, no apoio à Campanha de combate à Poliomelite e um projeto itinerante de ensino profissionalizante.

5.3 Sra. Jandira Silveira Ramos

A memória é um cabedal infinito, do qual só registramos um fragmento.
Ecléa Bosi

Quando fiz o normal éramos em 40 moças e 40 rapazes, todos muito amigos. Depois, às vezes, quando lecionávamos em outras cidades, nos encontrávamos no trem e sempre conversávamos do tempo de estudantes e do Orfeão. Com Orfeão íamos para São Paulo, Ribeirão Preto e outras cidades. Foi um tempo muito bom...



Foto 59: A professora de Música Jandyra Silveira Leite (à direita) com o Orfeão de Normalistas da Escola Normal de Paraguaçu Paulista, 1957.
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Meu nome é Jandyra Silveira Ramos. Nasci em 12.02.1932.

Formei-me como professora de Ensino Elementar e como professora de Música. Estudei na Escola Normal de Piracicaba durante sete anos, desde a quinta série e me formei no magistério em 1950. Durante o curso Normal, estudei no período da manhã, em três anos, que era classificado como Pré-Normal, Primeiro Ano Normal e Segundo Ano Normal, mas

depois mudaram essa denominação. À tarde tinha os cursos Ginásial, Colegial Clássico e Científico.

Meus tios estudaram lá, os meus irmãos mais velhos também. Para nós era um orgulho entrar nessa escola. Para entrar tinha o exame de seleção e era bem difícil... Para a gente era muito importante entrar lá, porque a escola sempre foi bem conceituada... Eu fiz parte do Orfeão das Normalistas e depois estudei piano no Conservatório de Música Carlos Gomes de Campinas. Fui pouco tempo professora primária e quando me diplomei no curso do Conservatório Orfeônico da PUC de Campinas, que me habilitou para lecionar a disciplina de Música em ginásios, lecionei por 25 anos a disciplina de Música... Trabalhei em várias cidades como Santo Anastácio, Palmital, Paraguaçu Paulista, Araraquara. Depois aqui em Piracicaba lecionei na Escola Jorge Coury e depois na Escola Sud Mennucci. Mas logo o governo terminou com o curso de Música e passou para o curso de Educação Artística, que conjugava música, desenho e trabalhos manuais. Como eu tinha feito o concurso só para Educação Musical, eu fiquei por pouco tempo ajudando com que fosse preciso na parte de Música, orientando as crianças que cantavam, até a minha aposentadoria... Da Escola Jorge Coury eu tenho muito boas lembranças. Eu lembro que queria que os alunos conhecessem bem a música, então, eu os levava sempre para assistir aos concertos e aos concursos que a Escola de Música de Piracicaba promovia. Era de nível muito alto, com júri que vinha de fora e as apresentações eram muito bonitas. Para os alunos que ouviam pela primeira vez era um impacto e muitos se interessavam em estudar música. Aí, eu comecei a formar conjuntinhos no Jorge Coury para participar dos concursos na Escola de Música. Quando fui ver, só numa classe tinha os melhores: tocavam oboé, clarineta... Eu fiquei muito contente por conseguir bolsas de estudos para alguns na Escola de Música. Lembro muito do Washington Barella, do Luiz Fernando Guimarães Souza – esses dois disputavam quem era melhor no oboé... Eram excelentes! Tinha o Guilherme Garbosa, muito bom na clarineta. Hoje eles estão muito bem, são “doutores dos instrumentos”, são reconhecidos no Brasil e no exterior.

Tive professores muito bons na Escola Normal de Piracicaba, porque a escola era muito bem organizada. Tínhamos sala de desenho especial, sala de geografia. Tinha um professor muito competente, o seu Antonio Moraes Sampaio que era famoso, inclusive participou da Revolução de 32. Tinha até um livrinho que ele fazia explicação diária sobre a Revolução. Um professor muito interessado, explicava coisas práticas e levava sempre objetos e novidades para os alunos. Chegou a nos levar na casa dele à noite para explicar as constelações! Fora do horário de aula! Então ele era um professor muito interessado, esforçado e tinha muito orgulho de trabalhar na Escola Normal. Fazia com que escrevêssemos

para outros países pedindo materiais para as aulas. Lembro que fizemos amizade com alguns americanos de Salt Lake City que mandaram alguns livros muito bons para compor nossa biblioteca de geografia.

Tinha o professor de Ciências, o seu Diniz que era muito estudioso. Ele criou um museu de ciências na escola, que tinha várias espécies de animais. Ele chegou a conservar nesse museu muitas urnas mortuárias de indígenas que tinha encontrado nas margens do Rio Piracicaba.

Eu adorava, era uma alegria ir para escola. Eu era assim, meio medíocre, mas tinha moças muito talentosas na parte de esportes, na parte de estudos mesmo. E de modo geral, todos tinham orgulho de estudar nessa escola.

Tinha separação entre homens e mulheres que era feita por um tapume e um portãozinho que ligava as duas áreas, mas quando havia, por exemplo, testes de salto de extensão, com vara, de corrida, a gente passava para o lado dos homens. Mas a gente sempre se encontrava. Com o Orfeão era ótimo porque nós viajávamos. Quando fiz o normal éramos em 40 moças e 40 rapazes, todos muito amigos. Depois, às vezes, quando lecionávamos em outras cidades, nos encontrávamos no trem e sempre conversávamos do tempo de estudantes e do Orfeão. Com Orfeão íamos para São Paulo, Ribeirão Preto e outras cidades. Foi um tempo muito bom...

Na época era o professor Benedicto Dutra que dava aulas de Música e ele compunha... Eu tinha uma colega (que há pouco tempo faleceu) que tinha uma voz maravilhosa, limpíssima. Ela era solista de nosso Orfeão e eu tocava muito com ela. A gente fazia sessões litero-musicais. Um dia o seu Benedicto deixou uma música que ele tinha composto em cima do piano e eu comecei a tocar e a Nilza a cantar. Quando ele chegou ficou tão contente! E olhe que ele não deixava sua música para qualquer um! Ele me convidou para tocar com ele na casa dele. Quando mocinho tocava violino e tocou muitas vezes com a minha avó Maria Amélia, que cantava na igreja. Mas ele era muito exigente. O programa de ensino de Música nesse tempo era difícil, parecido com os específicos para conservatório de música. Em época de prova, passávamos apertado e enchia minha casa porque todos iam lá estudar comigo.

No ginásio, eu gostava muito das aulas do professor de Latim, o Sr. Guilherme Vitti. A professora Cecília Mello Ayres, era uma ótima professora de História. No curso Normal os professores eram excelentes: o professor Arruda de Psicologia, Sr. Jetrho Vaz de Sociologia. Tinha um professor bem antigo, já velhinho e não parava de trabalhar, o Sr. Manassés Efraim Pereira que era professor de francês e todo mundo que era aluno dele sabia o Hino da França!

Tinha a professora Laudelina Cotrim que era famosa no curso normal, porque era muito animada, ela promovia shows para os alunos arrumarem dinheiro para a formatura.

Tinha o professor Elias de Mello Ayres que também já era idoso, dava Biologia. Ele era o orador oficial do Orfeão dos Normalistas e viajava sempre com a gente e fazia todas as apresentações. Eu me lembro de uma viagem que fizemos para Ribeirão. Fomos para Campinas pela Estação Paulista e depois pegamos a Mogiana. A Mogiana era muito lerda, mas a viagem foi ótima porque o pessoal foi aprontando um monte de brincadeiras, íamos fazendo graça, era uma festa... Era a uma companhia de estradas de ferro, que saia de Campinas e fomos para Ribeirão com ela. Mas ia parando em cada estação e todos desciam. Quando o trem apitava saíamos correndo e havia brincadeiras, de pintar o rosto de quem estava dormindo, amarrar os sapatos para não conseguir levantar... Sei que aprontávamos! Mas, o pessoal era muito bom... Amigos que pareciam irmãos da gente. Havia muito entrosamento entre a gente.

A Escola Normal sempre foi bem conceituada. Teve educadores como Honorato Faustino, Erotides de Campos, Lázaro Lozano. São nomes conhecidos e muito importantes na Escola Normal. No meu tempo não cheguei a conhecê-los, as pessoas mais antigas da cidade os tinham conhecido e comentavam muito sobre eles. Eu entrei em contato com muitos materiais elaborados por eles tanto enquanto estudante normalista, por meio do professor Benedicto Dutra que detinha o acervo musical como partituras, composições, hinos e arranjos para corais deixados por eles.

Depois de formada como professora de música, eu vim a utilizar o material fornecido pela Secretaria da Educação que havia sido feito por Fabiano Lozano. Era um dos melhores materiais de música que tinha na época... Ainda hoje a gente pega o material dele para usar em pequenos conjuntos, porque ele fazia arranjos muito bons. Ele fazia adaptação de trechos de canções famosas de grandes autores europeus para ser usadas nas escolas primárias. Nessas adaptações ele colocava coisas de conhecimentos para as crianças, de como se comportar, para ser educada... Ele tinha uma visão danada! Tinha melodias muito boas com adaptação das músicas de Schumann, de Mozart, de Beethoven. Quando participava do Orfeão cantávamos algumas músicas deles, do professor Benedicto Dutra, do professor Soderó. Cantávamos também músicas regionais como Luar do Sertão, Guacyra, Maringá e outras canções melodiosas. O professor Benedicto ficou famoso com a música “Casca de Cristalina”. Tinha a canção, acho que era do Honorato Faustino, a “Bandinha da Roça”, que solfejando imitava uma bandinha...

A Escola Normal de Piracicaba teve um prestígio muito grande. Era a época das Escolas Normais, como as de Itapetininga, de Pirassununga, de São Carlos... Todas elas eram famosas e os professores eram respeitados como se fossem professores de universidades. Piracicaba tinha mesmo pessoas muito cultas, tinha um centro cultural formado por professores que também davam aula na Escola de Agronomia. Eles participavam da vida musical da cidade e muitos deles são os que fundaram a Cultura Artística com o Fabiano Lozano e depois houve alguns que ajudaram a fundar a Escola de Música de Piracicaba. Um grupo muito culto, muito preparado que passou pela Escola Normal de Piracicaba...

5.3.1 Análise da entrevista: um tempo muito bom

O fluxo das lembranças do vivido estabeleceu-se pela ordem relacional, pelas memórias afetivas de suas relações com seus colegas e professores. Os relacionamentos interpessoais entre os discentes, nomes de alguns docentes que atuavam no processo educativo no campo cultural-estético da instituição pesquisada, corroboraram com outras fontes já coletadas, na confirmação de nomes como do professor Benedicto Dutra Teixeira e Elias de Mello Ayres.

Os antigos professores ligados à Música como Fabiano Lozano, Erotides de Campos e o antigo diretor Honorato Faustino eram anteriores ao seu tempo, contudo a depoente comentou a respeito deles como se os tivesse conhecido, deslocando-se da memória individual para dar vazão ao que é de ordem da memória social⁷⁴ - saberes dos mais antigos, informações que seus parentes (tios e irmãos) mais velhos compartilharam com ela.

Além de explicitar em sua narrativa, demonstrou por meio de apresentação de um considerável acervo, o valor atribuído aos materiais didáticos elaborados por esses antigos docentes, que foram utilizados na sua época de estudante em aulas de Música e de canto orfeônico, na Escola Normal de Piracicaba. Por considerá-los de boa qualidade, contribuíram para sua atuação enquanto docente, tendo sido, principalmente, os materiais elaborados pelo professor Fabiano Lozano, referenciais para ministrar suas aulas. Destacou, ainda, a importância da Escola de Música de Piracicaba – fundada com a colaboração do professor Archimedes Dutra – para a cidade de Piracicaba, bem como para alguns de seus alunos da

⁷⁴ Para Walter Benjamin (1985, p. 201), “o narrador conta o que ele extrai da experiência: sua própria ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências de seus ouvintes”. Refletimos com esse autor, que raramente encontramos, em nossos dias, pessoas capazes de narrar com propriedade e ouvintes dispostos a fazer uma escuta paciente e proveitosa das experiências dos mais velhos.

escola pública, contemplados por bolsas de estudos nesta entidade e que se tornaram expoentes musicistas, reconhecidos nacional e internacionalmente.

A narrativa rememorativa de seu tempo de estudante traz diversos nomes de professores, como o de seu professor de Latim, Guilherme Vitti⁷⁵ que, além de docente, foi historiador, tendo sido conhecido como “guardião da memória da cidade”. Foi autor de várias obras literárias: *Manual da História de Piracicaba*; *Esperança de Uma Vida Nova*; *História Colorida de Piracicaba Bicentenária*; *Gramática Latina Sintética e Histórico do Bairro Santana, com suas tradições ancestrais*. Colaborou com artigos editados pelo *Jornal de Piracicaba*. Foi tradutor de cartas e obras do dialeto trentino e do latim vindas do Vaticano⁷⁶.

A Sra Jandyra menciona carinhosamente a professora Maria Cecília Mello Ayres, filha do professor Elias de Mello Ayres, da qual obtivemos algumas poucas informações pelo depoimento do entrevistado Geraldo Claret de Mello Ayres, sem ter encontrado outros dados bibliográficos desta educadora que lecionou a disciplina de História⁷⁷. O professor Manassés Efraim Pereira⁷⁸, já idoso nos tempos de estudante da Sra. Jandyra, dedicou cinquenta anos de sua vida no ensino da língua francesa, tendo sido professor na Escola Normal de Piracicaba, onde também se formara. Nesta instituição exerceu a função de vice-diretor por vários anos. Lecionou igualmente no Colégio Piracicabano e na Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo.

A referência às aulas do professor Antonio Moraes Sampaio, conhecido como professor “Antonelo”, que ministrava a disciplina de Geografia, nos leva a inferir que seus métodos de ensino estariam fundamentados na concepção da pedagogia escolanovista⁷⁹,

⁷⁵ Nascido em Piracicaba em 25.07.1915 – Falecido em Piracicaba em 30.09.2015.

⁷⁶ Dados obtidos on line em: http://historia.camarapiracicaba.sp.gov.br/vereador/181-guilherme_vitti; <http://www.aprovincia.com.br/vida-provinciana/entrevista/a-cidade-de-guilherme-vitti/>.

⁷⁷ Como mencionamos anteriormente, há poucos registros oficiais a respeito das mulheres que exerciam a docência na Escola Normal de Piracicaba, na época investigada.

⁷⁸ Nascido em Piracicaba no ano de 1885. Falecido em Piracicaba no ano de 1971. Seu nome consta no livro-ponto da instituição pesquisada, a partir de 1926.

⁷⁹ No movimento de inserção dos métodos escolanovistas no sistema de ensino da época, há de se ressaltar a importância da criação e divulgação cultural e científica elaborada por Anísio Teixeira quando da Reforma de Instrução Pública do Distrito Federal de 1931 a 1935, no tocante ao entendimento da função social da escola como instância mediadora de práticas científicas, culturais e artísticas e na elaboração de medidas para sua acessibilidade a todos os alunos. Na composição dos projetos voltados a promoção nestas áreas, o reformador Anísio Teixeira contou com a colaboração de intelectuais de renome como Jônathas Serrano, Roquete Pinto, Cecília Meireles, Lourenço Filho, Artur Ramos, Cândido Portinari, Villa-Lobos e Paschoal Leme. (NUNES, 1992).

ligada a uma educação mais ativa, onde a participação e a autonomia do aluno se faziam constantes em aulas práticas, de manipulação e experimentação⁸⁰.

Há a mesma impressão com relação às aulas de ciências ministradas pelo professor Diniz. Este educador fundou o “Clube de Ciências” criado junto à Escola Normal, que incluía um museu constituído por vários artefatos de natureza biológica e arqueológica. Este museu abrigou achados arqueológicos de origem pré-colombiana. O professor Moacyr Diniz além de professor de ciências foi músico (violinista) e participou de orquestras que se apresentavam em festas, além de realizar sonoplastia na época do cinema mudo. Formou-se professor pela Escola Normal de Piracicaba e diplomou-se como dentista na Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo. Publicou duas obras: *Os dentes e a saúde* e *Deus e a ciência do homem moderno*. Lecionou em outras instituições escolares como o Colégio Piracicabano e no Colégio Assunção.

A referência sobre a iniciativa do professor “Antonelo” em debater questões pertinentes à Revolução Constitucionalista de 1932, após décadas do acontecimento, suscitou a reflexão sobre a repercussão desse evento para esta comunidade de ensino. Observou-se que houve expressiva mobilização e engajamento de vários professores da Escola Normal de Piracicaba neste movimento paulista, a exemplo dos docentes: Erotides de Campos, Elias de Mello Ayres, Alípio Dutra, Antonio Pádua Dutra, João Dutra, Archimedes Dutra, Olívia Bianco, Thales Castanho de Andrade, Antonio Osvaldo Ferraz, dentre outros⁸¹.

Relembrando aquilo que fez parte do seu vivido, indo de volta à sua época de juventude e às memórias das relações de amizade, foi possível perceber que, para ela, assim como para os demais depoentes, estar na Escola Normal era um ‘orgulho’, algo galgado com esforço, pois a seleção era severa, algo que garantia um espaço social bastante nobre. Ficaram muito presentes em sua fala: a dinâmica das aulas, as aventuras vividas nas viagens, nos jogos, nas relações. Sua fala apreende o vigor dos tempos de menina, dos tempos bons da Escola, onde ela adorava estar, onde ela se reconhecia e tecia sua identidade social.

Atualmente, apesar de ter adquirido Parkinson, menciona que dificilmente fica em casa, está sempre ‘na ativa’, trabalhando em projetos relacionados à música. Pelo menos uma vez por semana pratica piano na Escola de Música de Piracicaba, local onde encontra amigos

⁸⁰ Sobre a concepção de Dewey: “As classes deixavam de ser locais onde os alunos estivessem sempre em silêncio, ou sem qualquer comunicação entre si, para se tornarem pequenas sociedades, que imprimissem nos alunos atitudes favoráveis ao trabalho em comunidade”. (Lourenço Filho, 1950. p. 133).

⁸¹ Fonte: <http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/estudos-piracicabanos/piracicaba-uma-das-forcas-da-revolucao-constitucionalista-de-1932/>. Acessado em 10.04.2016.

de longa data e prestigia regularmente os eventos de canto coral, promovidos pela sede Colibri – Associação Brasil Parkinson de Piracicaba, através dos quais exercita seu talento, num contínuo tecer vivo, ativo, da sua identidade social.

5.4 Sr. João de Oliveira Bueno Filho

Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre é uma tarefa, uma paciente reconstrução.
Marilena Chauí

Muitas vezes, agora, ao acordar eu ouço a última musiquinha que o professor Benedicto Dutra cantava conosco em classe... Acordo com ela na cabeça! Era assim: “Eu já fui menino, corado e gordinho... Depois eu fui mocinho e hoje eu sou velhinho...”



Foto 60: João de Oliveira Bueno Filho em visita à atual Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba.
Fonte: Jornal de Piracicaba

Meu nome é João de Oliveira Bueno Filho. Nasci em 10.01.1924.

Eu fiz o meu primário no Grupo Escolar Moraes Barros, da primeira a quarta série, de 1931 a 34. Depois em 1935 eu entrei na Escola Normal Oficial de Piracicaba para fazer o ginásio e fiz o ginásio lá por cinco anos. Fui reprovado um ano, na quarta série ginasial.

Naquele ano havia 41 alunos na classe e foram reprovados 38! A gente levava muito na brincadeira a escola... Depois passei, parei por um ano com os estudos e depois eu decidi

fazer o que eu tinha combinado com meu pai desde criança - a Engenharia Mecânica. Mas, acontece que meu pai estava em dificuldades para manutenção da família e eu percebia que as coisas estavam difíceis para ele, então desisti desse curso. Não o queria onerar mais do que já estava, porque eu tinha vários irmãos e meu pai muitos gastos. Pensando assim, eu decidi pelo curso normal, porque queria um diploma mais significativo. Esse curso me garantiria um diploma como professor primário. Meu pai foi contra, dizendo que professor ganhava muito pouco e eu disse que não pensava em lecionar, era apenas para ter o título. Eu me matriculei para o exame de seleção da Escola Normal. Era um exame de admissão com provas orais e escritas, fiz o vestibular e passei. De 1941 a 43 eu fiz o curso normal e fui diplomado. Parei de estudar e fui ajudar meu pai como balconista na loja de ferramentas dele... Eu tinha sido, no ginásio, um bom aluno de Matemática e Física. O professor de Física, que era o sr. “Dudu” Almeida Prado, sempre comentava que eu era muito bom nesta disciplina! Na classe sempre me incentivava e me tratava como seu melhor aluno! E eu realmente gostava de Física, estudava os livros antecipadamente e quando ele dava a matéria eu já sabia. No Normal eu parei com esses estudos, porque não se exigia essa matéria no curso.

Fiquei balconista na loja de ferramentas e um dia um dos amigos de meu pai o procurou dizendo que havia uma escola no interior precisando de professor de Física. Ele sugeriu que eu fosse preencher essa vaga. Meu pai veio falar comigo e eu vi que eram aulas para o curso colegial de uma escola em Penápolis. Eu aceitei, mas foi uma ousadia... No entanto, passei pelos exames e consegui assumir a cadeira de Física. Isso foi em agosto de 1945. Eu me dei muito bem porque, enquanto estudante, eu observava quais eram as dificuldades de meus colegas e me antecipei com meus alunos para que não tivessem as mesmas dificuldades.

Em 1948, após dois anos e meio como professor, o governo do estado abriu um concurso e prestei esse concurso. Com um número grande de inscritos, eu era o único que não tinha faculdade e eu passei! Muitos que tinham faculdade não passaram – de quase duzentos candidatos só passaram catorze! Eu passei... Então eu me considero um vencedor! Meu interesse era escolher Piracicaba – A Escola Normal de Piracicaba, mas uma senhora com melhor nota que eu a escolheu e então eu perdi a chance. Escolhi Tietê e fiquei aguardando que essa senhora saísse de Piracicaba. Isso se deu acho que em 1951 ou 52 e eu vim para cá, num concurso de remoção. Quando vim para cá vi que havia poucas aulas para a disciplina de Física no curso do científico e era comum que o professor de Física assumisse as sobras da disciplina de Matemática. Antes eu assumia as sobras em escolas de Capivari e Tietê e assim salvava um pouco minha renda, aumentando os meus vencimentos.

Na Escola Normal de Piracicaba não havia sobras de Matemática porque havia dois professores e para o professor de Física não sobrava nada... Então eu iria ganhar menos do que ganhava em Tietê! Procurei outras escolas para pegar aulas de Matemática e não havia. Fiquei zangado porque piorou minha situação econômica, mas fiquei dando aulas de Física uns três anos ao menos e depois fui convidado a substituir o diretor Arlindo Rufatto em suas férias. Então fui nomeado diretor por trinta dias durante as férias do Arlindo e ocorreu em minha curta gestão um fato muito desagradável! Naquele tempo havia exames orais, quatro exames escritos e um exame oral, no final do ano. O mês de novembro era dedicado a exames orais e durante os exames orais, um aluno atirou em um dos professores! Eu procurei tomar as providências que deveriam ser tomadas. Suspendi todas as atividades, prendi o aluno em uma sala e chamei a polícia. O tiro machucou o professor, mas ele não morreu - a bala passou pertinho do coração. O aluno não se tornou um assassino por pouco! Por fim, do aluno não soube mais nada e não sei se foi condenado... Procurei me desligar desse assunto e até hoje eu não sei.

Depois fiz concurso para ser diretor de colégio. Naquele tempo havia distinção entre diretor de grupo escolar e diretor de colégio, com cargos diferentes e salários diferentes. Eu fiz concurso para ser diretor de colégio porque o salário era mais alto e passei nesse concurso, mas tive que residir longe de Piracicaba. Deixei minha família, meus pais e irmãos e fui para Martinópolis que fica perto de Presidente Prudente.

Fiquei um tempo, depois o governo abriu concurso para Supervisor de Ensino, com salário maior do que de diretor. Eu gostava do cargo de diretor, mas com a chance de ganhar um pouco mais, fiz o concurso e fui trabalhar em Guarulhos. Trabalhei vários anos em Guarulhos e lá fui nomeado Delegado de Ensino. Na época era o cargo mais alto que havia na área da educação, depois do cargo de Secretário de Educação do Estado. Um cargo de alto valor, porque não era um concurso, era um cargo de nomeação... Lidei muito bem com o cargo de delegado de ensino, lidei muito bem com os supervisores e me dei muito bem com os diretores das escolas. Aposentei-me nesse cargo em 1980.

Depois, como tinha feito faculdade de direito, eu fui advogar. Advoguei quase vinte anos e como já estava cansado deixei o escritório de advocacia. Eu tinha uma biblioteca muito boa de Direito e nesse ano que fechei o escritório, formou-se neste campo um sobrinho meu e eu doe a ele esta biblioteca de 600 livros, como presente de formatura! Depois, me dediquei a um hobby... Sempre gostei de ferramentas desde criança... Quando eu tinha cinco anos de idade, me lembro de meu pai me perguntar qual brinquedo eu gostaria de ganhar e eu respondi que era um martelo, para eu poder fazer meus próprios brinquedos! E ultimamente sem ter

muito que fazer, me dediquei a confeccionar instrumentos musicais - violões, violas e cavaquinhos, instrumentos de cordas. Aqui (no Lar dos Velhinhos) eu também montei minha oficina com várias ferramentas, mas agora tenho tido tonturas e parei um pouco. Eu fiz também duas arpas! Uma delas, um proprietário de restaurante quis comprar e a outra eu doei para a Escola de Música de Piracicaba. Não tenho grandes conhecimentos musicais, mas gosto muito de música, de preferência música clássica.

Na escola normal, quando estudante eu tinha aulas com o professor Benedicto Dutra Teixeira, que era enérgico, mas era muito bom professor... Cantávamos músicas de escola, hinos. Depois fiquei amigo do seu filho, Rossini Dutra, que passou a dar aulas tanto no ginásio como no colegial, baseado nos livros deixados pelo Fabiano Lozano, como seu pai. Eram solfejos... Muitas vezes, agora, ao acordar eu ouço a última musiquinha que o professor Benedicto Dutra cantava conosco em classe... Acordo com ela na cabeça! É assim: “Eu já fui menino, corado e gordinho... Depois eu fui mocinho e hoje eu sou velhinho”... Não me lembro de toda ela, mas é mais ou menos assim.

Eu gostava muito do professor Erotides de Campos que dava aulas de Química. Erotides era uma grande alma! Era bom músico e compositor. Compôs várias músicas lindas. Eu gostava muito do Erotides! Tive aulas de História com o professor Thales de Andrade, mas na maior parte do tempo ele foi o diretor da escola. Ele foi um bom professor, do estilo bonachão... Tive aulas de Pedagogia com a professora Laudelina Cotrim quando fiz o curso normal e inclusive era sempre se referia a mim em suas aulas. Parecia que gostava muito de mim! No desenho, eu fui aluno do professor João Dutra e muito pouquinho do Archimedes Dutra. Eu gostava dos dois, mas eu preferia o Archimedes, que era mais chegado a nós... Eles davam aula de desenho a lápis. A gente tinha um caderno de desenho e o professor João sempre dava exercícios para fazer em casa, por exemplo - desenhar uma folha de uva... A gente ia para casa a procura de uma folha de uva para desenhar! Eu era bom nisso. Eu terminava o meu e depois ajudava os colegas que tinha mais dificuldades... Também ajudava as meninas, como a Eleonora e a Zaida que tinham dificuldades de desenhar as folhas de abóboras e outras mais.

Quando eu tinha uns catorze anos, havia um professor que escreveu um livro sobre a matéria que ele ministrava, que era Português, o Sr. Silvio de Aguiar Souza e, o professor de Geografia – Sr. Antônio Moraes Sampaio – o professor “Antonelo”, escreveu um artigo para o jornal colocando alguns pontos que ele achava que estava errado no livro! O professor de Português não gostou de ser corrigido e deu vários tiros no professor de geografia, mas

nenhum acertou! Esse acontecimento foi um alvoroço na cidade, muitos comentários! No fim, eles continuaram lá na escola, ensinado suas disciplinas e se vendo todos os dias...

Lembro-me de todos os professores que eu tive na Escola Normal! Nas primeiras séries eu tive aulas com o professor Antônio de Santos Veiga – de Matemática, que dava aula na primeira, na segunda série e depois na terceira, as quarta e quinta séries eram aulas com o professor Francisco Mariano da Costa. Nós tínhamos Inglês a partir da segunda série, mas tínhamos o Francês na primeira série com o professor Manassés Efraim Pereira. Em Português, na primeira série era o professor Sebastião Avelino Lordello e na segunda série em diante era o professor Sylvio Aguiar Souza. Em geografia era o professor “Antonelo” e em História era o professor Thales Castanho de Andrade. O Thales foi diretor e depois quem o substituiu foi a professora Melita Brasileira, se não me engano. Também tive o professor Dario Brasil como professor de Latim e o professor Erotides de Campos foi o professor de Química. Como professor de Física eu tive o professor Hélio Penteado de Castro, mas ele só me deu uma ou duas aulas e foi nomeado para um cargo em São Paulo e o professor “Dudu” Prado o substituiu. O “Dudu” era muito bom! No curso normal tive a professora Laudelina Cotrim de Castro em Pedagogia. Tinha o Antônio Belmudes de Toledo, mas não lembro a disciplina que ele dava. Também tive o professor Benedicto Dutra Teixeira que foi meu professor de ginásio e também do normal, na disciplina de Música. João Dutra, que era primo do Benedicto, dava aulas de Desenho. Em Sociologia eu tive o sr. Jethro Vaz de Toledo e Elias de Mello Ayres em Biologia. O professor Adolfo de Carvalho foi meu professor de Inglês e depois a professora Celina de Oliveira o substituiu. Em Trabalho Manual eu tive o professor Octávio Prates, que nos ensinava muitos trabalhos de marcenaria e usar a serra “tico-tico”. Tive como diretores o sr. Antônio Vollet Sachs que era muito enérgico e depois o Thales de Andrade que era muito bom, que era bem humorado. Não era um diretor castigador e depois veio o Lamartine Coimbra e era também bem enérgico. O vice-diretor era o Anísio Godinho.

No meu tempo havia bastante comemoração na escola, de datas cívicas e desfiles... Também no Teatro Santo Estevão. Eu passeava muito no Teatro Santo Estevão. O Centro do Professorado Paulista funcionou um tempo ali, em 1935 por aí, e eu ia para lá jogar *ping-pong*, que hoje se fala tênis de mesa. Toda noite eu ia jogar lá com meus amigos, só os rapazes. Eu também participava de bailes para dançar. Havia lá no Teatro as “brincadeiras dançantes”, nos sábados à tarde e aí as meninas também compareciam.

A escola era muito exigente, os professores eram todos muito exigentes e isso fazia com que os alunos se esforçassem. Eu acho que eu sempre falei o português melhor que

muitos meus amigos por aí... Os professores de Português sempre nos corrigiam e até os professores de outras matérias também, quando falávamos algo errado! Nas aulas de Português tínhamos aulas de vários autores e literatos. Com o tempo, eu mesmo escrevi três livros sobre Direito! O tema era sobre casamento, separação e divórcio. Fui homenageado por advogados e até juízes de Direito! Eu recebi telefonemas até do Sul – de Santa Catarina, de pessoas me cumprimentando pelo meu livro!

Meu tempo de escola foi muito bom. Vivendo naquele tempo a gente não sabia valorizar, mas agora, a gente percebe como foi bom. Antes a gente achava que havia pouca liberdade, as pessoas eram muito bravas, a disciplina era muito rígida e hoje a gente vê que não era assim... Eu sem fazer faculdade, consegui fazer tanta coisa e venci muitas dificuldades na vida!

5.4.1 – Análise da entrevista: retrospectiva pontuada de emoções

Ao reviver cenas que marcaram os anos de sua pré-adolescência ao início da fase adulta, passadas no interior da instituição pesquisada, o depoente demonstrou-se saudoso de seu tempo de estudante e das amizades que fizera naquela época. Lembrou com alegria do apoio que prestava aos amigos em dificuldades, revelando que já naquela época demonstrava aptidão para a docência.

Em depoimento não gravado (anotado em caderno de campo), o depoente expressou uma grande alegria – de ter, naquela mesma semana da entrevista, visitado e percorrido os antigos corredores da escola pesquisada. Comentou que se encontrava muito mais emotivo com relação ao seu passado em decorrência das muitas recordações que afloraram com a contemplação daquele espaço que foi bastante significativo em sua vida⁸². Narrou que depois desse acontecimento teria lembrado e sonhado com várias das pessoas que fizeram parte de seu círculo social naquela época.

Em sua narrativa, o depoente apresentou nítidas lembranças do contato com seus antigos professores, relatando seus nomes completos e as disciplinas que ministravam, revelando uma memória bem preservada e corroborando com dados fornecidos por outros depoentes e fontes bibliográficas já pesquisadas.

⁸² Sua visita à escola, juntamente com demais antigos ex- alunos e ex-professores, foi noticiada pelo *Jornal de Piracicaba* em 07.06.2016.

Demonstrou especial carinho e admiração ao citar os nomes dos professores Erotides de Campos, Thales Castanho de Andrade e Archimedes Dutra, dando a ver que tivera maior empatia por estes educadores por permitirem aos alunos um relacionamento mais próximo e pessoal. Não obstante, também pontuou acontecimentos que revelaram desajustes de alta gravidade no relacionamento interpessoal entre alguns docentes, bem como entre docente e discente, ocorridos no contexto escolar, que gravou na memória enquanto estudante e no exercício da direção da instituição estudada.

O Sr. João trouxe à luz vários nomes de educadores como Adolfo de Carvalho, Dario Brasil, Benedito Almeida Prado Jr⁸³, Sebastião Avelino Lordello⁸⁴, Antônio Vollet Sachs e Lamartine Coimbra, os quais ainda não tinham sido elencados na pesquisa e por meio de análises nos livros pontos dos períodos aludidos, foi constatado que faziam parte do quadro funcional da instituição e que lecionaram nas datas mencionadas pelo depoente.

O professor Adolfo de Carvalho⁸⁵, que lecionou a disciplina de Inglês na instituição pesquisada, estudou na antiga Escola Complementar de Piracicaba até o último ano do curso de magistério e estaria entre os alunos da primeira turma de complementaristas da cidade de 1900, no entanto, optou por diplomar-se pela Escola Normal da Praça da República em São Paulo neste mesmo ano. Lecionou em diversas instituições públicas piracicabanas como a ESALQ bem como instituições particulares como o Colégio Piracicabano e foi diretor do Grupo Escolar Barão do Rio Branco de Piracicaba.

O professor Dario Brasil teve similar trajetória de estudos e como o seu colega de turma Adolfo Carvalho diplomando-se em 1900 pela Escola Normal da Praça da República, embora tenha feito o curso quase a termo na Escola Complementar de Piracicaba. Este docente exerceu a função de Lente de Geografia na Escola Complementar de Piracicaba (na Rua do Rosário) e lecionou a disciplina de Latim na Escola Normal de Piracicaba por vários anos. Fez parte da comissão de redação da *Revista de Educação* idealizada na década de 1920 por Lourenço Filho e Honorato Faustino. Atuou como advogado e também foi professor e diretor-presidente da Faculdade de Direito Moraes Barros, na década de 1930.

⁸³ Seu nome consta no livro-ponto de 1934 como preparador de Física e Química (substituto do professor titular-Hélio Pentead de Castro). Não foram encontradas maiores informações a respeito deste docente.

⁸⁴ Seu nome consta no livro ponto como assistente de Português a partir de 1935, na gestão de Thales Castanho de Andrade. Não foram obtidos maiores dados sobre esse docente.

⁸⁵ Nascido em 08.04.1882. Falecido em Piracicaba 07.01.1955.

Alberto Vollet Sachs⁸⁶ que dirigiu a instituição estudada de 1938 a 1939 formou-se nesta mesma instituição (enquanto Escola Normal Oficial), fazendo por muitos anos também parte do seu corpo-docente. Enquanto estudante normalista participou da equipe masculina de Bola ao Cesto pelo Grêmio Normalista de Piracicaba e juntamente com seus colegas de equipe: Fernando Febeliano da Costa Filho, Benedito de Almeida Prado Junior, Archimedes Dutra, Osvaldo de Godoi, Sebastião Gusmão e Flávio Moraes Piza, venceu por 11 a 6 a equipe de Casa Branca, no Primeiro Torneio Intermunicipal acontecido em 24 de março de 1924⁸⁷. Exerceu o cargo de inspetor escolar por vários anos na região, tendo sido, na década de 1950, vice-prefeito da cidade de Piracicaba, na gestão de Luciano Guidotti. Lamartine Teixeira Coimbra, outro educador mencionado pelo depoente, formou-se pela Escola Normal de Piracicaba em 1919, tendo lecionado em escolas públicas de várias cidades da região. Foi supervisor de ensino em São José do Rio Preto, Franca e Ribeirão Preto e foi diretor nas escolas normais de Pirassununga e Piracicaba (de 1940 a 1951).

Mencionado pelo Sr. João, o Teatro Santo Estevão se despontou não somente como de importância para a divulgação cultural e artística como enfatizado em outros depoimentos, passou a se configurar nessa narrativa também como local de interação e diversão entre os jovens piracicabanos.

Por fim, pela rica narração do Sr. José, notou-se que, com a reconstrução de sua história e (re)elaboração a respeito de sua trajetória profissional na área da educação, foram surgindo reflexões no sentido da consideração de que sua preparação e os conhecimentos adquiridos nesta instituição de formação teriam proporcionado importantes subsídios para sua ascensão e realização no campo profissional, tendo papel relevante também em sua vida pessoal. O seu discurso, pontuado por alusões às questões de ordem cultural e estética, tanto com relação a sua desenvoltura na escrita de livros, quanto por sua apreciação da música clássica e seu interesse pela manufatura de instrumentos musicais, denotaram a incorporação de seu universo de vivências, também distinguidos no seu espaço de formação e nos contatos estabelecidos com educadores que teciam essa prática, dia-a-dia, dentro da instituição investigada e também exterior a ela.

⁸⁶ Nascido em 15.09.1906.

⁸⁷ Fonte: Prefeitura de Piracicaba - *Histórico Piracicaba: Da Bola a Cesta ao Basquete*. Em <http://www.piracicaba.sp.gov.br/imprimir/ex+atletas+do+basquete+do+xv+foram+homenageadas+apos+50+anos.aspx>. Acessado em 10.06.2016.

O Sr. João veio a falecer no dia 21 de junho de 2016, poucos dias após ter visitado a escola pesquisada e revivido suas experiências pessoais e parte de sua história de vida no relato concedido para esse estudo.

5.5 Sra. Maria Ignez Trevisan

Fui lá sozinha e não precisou nem pai, nem mãe para me levar. Fui sozinha fazer minha matrícula!

Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana.
Ecléia Bossi

Eu gostava de praticar esportes e no ginásio eu participava de toda aquela parte de atletismo, de arremesso de peso e disco, salto em altura, desfilava como baliza. Na época, havia muitas atividades esportivas por causa dos jogos intercolegiais e a gente ia a noite fazer as competições.



Foto 61: Maria Ignez Trevisan em desfile cívico, na década de 1950. Acervo pessoal da entrevistada.

Marilu Trevisan é o meu nome artístico. Meu nome para título de documento é Maria Ignez Trevisan. Eu nasci em 11.06.1938 em Monte Alegre e vim para Piracicaba com dois aninhos. Morava perto da *Escola Sud Mennucci* e meu sonho era estudar nesta escola!

Quando eu tinha seis anos e meio, eu resolvi me matricular. Fui lá sozinha e não precisou nem pai, nem mãe para me levar. Fui sozinha fazer minha matrícula! Chegando lá me foi perguntado qual era o nome de meu pai e eu respondi: Qual pai? Tenho dois: um que tem cabelo e outro que não tem cabelo... Porque a minha mãe tinha falecido e eu fui criada por outra família que era meu tio e minha tia. Minha tia era irmã de meu pai e aquilo tudo era uma grande confusão para minha cabeça... Mas, foi uma época muito boa.

Quando eu fui fazer essa “matricula” tinha uma servente que morava em frente à minha casa que me viu lá e então interferiu e disse que me conhecia. Disse que eu morava em frente a sua casa e deu o nome completo de minha mãe e de meu pai de criação. Mas o pessoal da escola não podia me matricular porque eu ainda não tinha idade suficiente e assim mesmo eu fui aceita como ouvinte! Depois no ano seguinte pude ingressar como estudante e fiz o ano inteiro. Fiz até a oitava série lá, que na verdade se chamava 4ª série do curso ginásial. Eu não quis fazer colegial e me matriculei na Escola Normal Rural Professor José de Mello Moraes. Foi muito interessante esse curso! A escola ficava dentro da ESALQ e estudávamos o período integral (manhã e tarde). Era uma escola de ensino prático e teórico e o curso foi realmente muito bom! Depois fui embora para São Paulo para ingressar no curso de Belas Artes, onde hoje é a Pinacoteca do Estado. Em seguida viajei para Europa, Estados Unidos, fiz alguns cursos e voltei para Piracicaba. Fiz concurso e entrei como professora de Educação Artística na própria Escola Sud Mennucci e lá me aposentei!

Eu sempre gostei de artes, sempre desenhei e sempre gostei de música, mas no Sud na época de minha infância a gente tinha educação física no curso primário e eu gostava muito de esportes. Eu gostava de praticar esportes e no ginásio eu participava de toda aquela parte de atletismo, de arremesso de peso e disco, salto em altura, desfilava como baliza. Na época, havia muitas atividades esportivas por causa dos jogos intercolégiais e a gente ia a noite fazer as competições. Eu jogava vôlei e jogava muito bem, apesar de ser pequenininha. No Magistério eu joguei vôlei para Piracicaba.

Eu tinha uma professora de Educação Física chamada Iara e ela era muito bonita e elegante. Ela não era de Piracicaba, vinha de São Paulo e ficava hospedada no Hotel Central! Ia dar aulas de taxi! Quando havia desfiles da escola, ela nos acompanhava de bolsa, luvas e de salto alto! A gente desfilava de calças compridas e coletinho e um dia eu disse para ela mudar o nosso uniforme para uma sainha curta. Ela ficou em dúvida em colocar a gente no desfile de pernas de fora... E eu muito “enxerida”, acabei fazendo um uniforme para ela ver: mandei fazer uma bota branca, um uniforme de setim azul e amarelo – um calçãozinho azul e a sainha de godê amarela, gravata borboleta e camisa branca e o colete. Fiz até uma cartola!

Vesti e fui no “Sud” para ela ver, mas não foi aprovado não! Olhe, eu era bem ativa nessa parte, mas de repente acabei fazendo escola de arte!!!

Quando criança eu era bem moleca mesmo! Eu lembro que ficava no recreio até a última hora depois que dava o sinal... Não ia com as outras crianças, não entrava de nenhum jeito, só para fazer graça... Depois que todo mundo entrava e a porta para o pátio do recreio era fechada, eu pulava a janela do fundo da classe, de saia e tudo! Não se usava calça comprida, o uniforme era saia...

Outra coisa que eu sempre fazia depois de mais grandinha, era “matar” aulas de sábado. Antigamente tinha aulas aos sábados e não podia faltar, mas quando não tinha provas – as sabatinas, eu ia para a *matiné*. Como no cinema não podia entrar de uniforme eu levava uma blusinha na malinha e me trocava em algum barzinho... E comigo eu levava uma turminha...Um dia fui chamada pela diretora que me passou um sermão dizendo que eu estava levando meus amigos para o mau caminho.

Eu me lembro de uma professora chamada Dona Zelinda que dava aulas de Português. Ela era tão rígida, tão rígida, que ela dava nota negativa para os alunos que escrevessem qualquer coisa errada. Um dia ela deu uma tarefa que era de comentar uma poesia de um autor já falecido. Eu gostava muito de declamar e levei uma poesia de Olavo Bilac (até hoje eu sei de cor essa poesia). E chegando lá a professora me disse que eu nem sabia ler a poesia! Então, eu declamei sem ler a poesia inteirinha para classe e ela me deu a nota máxima! Depois de anos vim perceber que a poesia nem era de Olavo Bilac! E a professora, tão rígida e exigente não sabia... E ela exigia que a gente decorasse os clássicos, até Camões e as regras gramaticais... Bom, o “Sud” era muito rigoroso mesmo. E era muito difícil de entrar lá, difícil de passar de ano! Eu nunca reprovei... Depois essa professora se afastou por gravidez e eu fiquei contente porque ela dava nota baixa e reprovava todo mundo! Veio no seu lugar o professor Benedito Andrade. Nossa, foi incomparável! Ele era de uma capacidade, tão culto! Era um negro simpático, agradável e que dramatizava suas aulas, as poesias, os contos. Entrava na sala de aula e sabia exatamente onde tinha parado o conteúdo na aula anterior. E olhe que quando fui professora, eu dava aulas em cinco quintas séries e não conseguia lembrar onde tinha parado a matéria! Sempre recorria às minhas anotações... Mas, no geral os professores eram todos “linha dura”. No primário eu tinha uma professora tão brava que ela castigava a gente! Coitadinha de uma menina que era minha parceirinha de carteira, porque quando ela não fazia direito suas lições, a professora desmanchava seus cabelos e fazia várias tranças. Ela tinha que ir embora daquela maneira e era um castigo que a menina sentia muito, porque naquela época não se usava fazer uma porção de tranças daquele jeito!

Lembro também dos bons professores. Quando estava no primário, a Dona Laudelina Cotrim de Castro reuniu um grupo para fazer uma peça para homenagear o Thales de Andrade e o seu livro *Saudade* e nós fizemos uma parte cantada. Ela nos ensaiou muito bem e fomos apresentar no Teatro Santo Estevão. Belíssimo! Uma judiação tê-lo demolido! Eu fico até emocionada em lembrar! Na parte superior do Teatro Santo Estevão funcionava uma biblioteca e antes de entrar para a escola eu já ia lá tirar livro. Mesmo não sabendo ler eu ficava vendo as figuras e formulando as histórias na cabeça. No dia seguinte devolvia o livro.

No andar de cima do “Sud” funcionava também uma biblioteca e a Dona Marli Percin, hoje historiadora, trabalhou como bibliotecária lá, mas não recordo bem qual foi a época. Depois de adulta, fiz uma grande amizade com ela! Eu expunha meus trabalhos artísticos sobre folclore e sobre a Festa do Divino e a Marli sempre foi minha companheira nessas exposições!

Eu gostava da parte superior da escola. Tinha o salão nobre que eu achava lindo e imenso! Acho que porque eu era muito pequeninha, porque depois quando fui professora e levava todos os alunos lá em cima, o achava pequeno! No meu tempo de professora, com a reforma do ensino de 1971 nós tínhamos que ministrar não só o desenho geométrico como era prática anterior e eu tive que fazer um novo curso em Educação Artística. No currículo escolar foi incluso música moderna, não tinha mais a técnica de solfejo. As bandinhas das crianças começaram a utilizar objetos que eles achavam dentro de suas próprias casas (tampa de panela, garfo, faca, pauzinhos etc)! Era muito barulhento, mas muito interessante! Eles adoravam aquilo... Houve mudança no desenho e plástica do meu tempo, se tornou música, teatro, artes plásticas. Fazíamos de tudo: colagens, desenhos, cantos, pinturas e folclore. Era uma loucura! Todos os alunos participavam com bolinha de gude, pula-corda, papagaio, fazíamos muitas pipas... Minhas aulas eram bem práticas.

No meu tempo de estudante eu tive oito anos de Música, sempre com o professor Rossini Dutra. Quatro anos no ginásio e depois no Magistério mais quatro anos. Tive sempre a parte bem técnica, do solfejo e canto. O professor Rossini montava os corais e cantávamos muitas canções populares. Eu sempre gostei de cantar e de música. Quando eu passei a dar aulas eu cantava muito com os alunos. Cantava tanto que até os diretores estranhavam porque já tinha caído de moda cantar na sala de aula! Era uma prática que eu já havia adquirido do meu tempo de escola e não só ali, porque eu participei de muitos acampamentos do grupo “*Falando da Vida*”, de direção americana e aprendi músicas muito interessantes. E assim, na escola eu inventava letras mais técnicas para poder ensinar os conteúdos às crianças!

Quem me preparou para fazer o vestibular da Faculdade de Belas Artes foi o professor Benedito Costa, que depois veio a ser meu diretor quando eu fui professora. Excelente professor de desenho, tanto quanto o professor Archimedes Dutra. Ele me preparou um mês para o vestibular e eu também já havia aprendido no ginásio, com o professor Archimedes Dutra a geometria descritiva, que era bem complicada. E eu acabei passando com nota dez em geometria descritiva! Os alunos lá ficaram abismados e achavam que eu sabia muito! Na faculdade, o professor só dava os primeiros pontos básicos que eu tinha aprendido na oitava série! E o professor Costa me ensinou os dez pontos para o exame de vestibular. E isso me serve até hoje, porque é uma coisa adquirida que flui normalmente na obra da gente. Eu tenho visão para perspectiva e geometria descritiva por causa da minha inteligência visual. Mas eu sei que o abstrato é muito difícil de ser assimilado, então eu preparava as minhas aulas com muitos materiais concretos. Eu desenhava muito na lousa para a resolução dos problemas matemáticos, trazia material de papel, de papelão, de tudo que eu conseguisse para tornar as aulas mais compreensíveis para as crianças...

5.5.1 Análise da entrevista: torrente pouco linear nas lembranças

Quando a menina Maria Ignez fez a tentativa de se matricular na escola em frente à sua casa, esta ainda se denominava *Escola Normal de Piracicaba* e no ano seguinte – 1945 passou a se chamar *Escola Normal Sud Mennucci*⁸⁸. No término do seu curso ginásial esta instituição tinha novamente alterado o nome para *Instituto Educacional Sud Mennucci*⁸⁹ e ao retornar na condição de professora de Artes em meados da década de 1970⁹⁰, havia se modificado, outra vez, para *Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Sud Mennucci*.

⁸⁸ Em 1 de março de 1945 foi atribuído à escola o nome de um de seus alunos, o jornalista e grande personalidade na área educacional, Sud Mennucci.

⁸⁹ Em 7 de agosto de 1953, foi assinado um decreto transformando a Escola Normal Sud Mennucci de Piracicaba em Instituto de Educação "Sud Mennucci" de Piracicaba. Segundo Saviani (2009), com o advento de institutos de educação em 1932, por iniciativa do educador Anísio Teixeira, uma nova fase se abriu para a formação docente, tendo sido concebidos como espaços educativos tanto para formação e prática do ensino como também para a pesquisa.

⁹⁰ No dia 20 de janeiro de 1976, o nome se alterou para Escola de Primeiro e Segundo Graus "Sud Mennucci". Em agosto de 1971 foi sancionada a Lei n.º 5692/71 que fixava as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, no governo do general Emílio Garrastazu Médici. Conforme a análise de Saviani (1988) esta lei completou o ciclo de reformas educacionais desencadeadas com o objetivo de ajustar a educação brasileira à ruptura política perpetrada pelo Golpe Militar de 1964, reforçando a tendência tecnicista de ensino, anteriormente encampada pela Lei 5540/68.

No seu depoimento, elaborado de maneira vivaz e emotiva sobre as memórias de sua trajetória de estudante, a Sra. Marilu trouxe as recordações de cenas vividas que alternavam a infância, a adolescência e também a fase adulta enquanto docente, sem a preocupação em estabelecer uma sequência cronológica, apenas seguindo as emoções que iam se desenrolando e fluindo, a partir de seus sentimentos ao folhear um antigo álbum de fotografias em preto e branco. As imagens de fotografias no contexto escolar a retratavam em várias fases, sempre sorridente e cercada de amigos e algumas fotografias até pareceram capturar a energia apreendida nas diversas atividades exploratórias na área dos esportes e atuando como baliza de frente em desfiles cívicos, nas ruas da cidade. Potência mantida até a atualidade e que parece energizar o ambiente de seu ateliê de pintura e que transparece nitidamente em suas obras de xilogravuras - muitas com referências às paisagens e tradições piracicabanas.

As lembranças emotivas participadas a respeito de seus professores de desenho – Archimedes Dutra e Benedito Costa, que a teriam ensinado conhecimentos muito úteis para seu percurso na faculdade de Artes, demonstram nitidamente a admiração e gratidão por esses mestres. Em seu relato fica evidenciado que as experiências individuais e intersubjetivas vivenciadas neste ambiente escolar tiveram papel relevante e contribuíram para formação de sua identidade singular.

O professor Benedito Evangelista Costa⁹¹, lembrado carinhosamente pela depoente, foi professor, artista plástico e engenheiro agrônomo. Formou-se professor pela Escola Normal de Piracicaba e no curso de engenheiro agrônomo pela ESALQ. Lecionou a disciplina de Desenho nesta instituição escolar pesquisada e entre 1968 a 1976 ocupou o cargo de direção na mesma, ocasião em que a depoente ocupou o cargo de professora de Artes. Enquanto artista plástico foi discípulo de Frei Paulo Maria de Sorocaba e participou de inúmeras exposições nos Salões de Belas Artes de Piracicaba e de Campinas.

Outro docente lembrado pela depoente foi o professor Benedito de Andrade⁹² que assumiu a cadeira de Português na Escola Normal Sud Mennucci na década de 1950. Além de professor, foi escritor, jornalista, orador, radialista e vereador. Na sua terra natal colaborou em periódicos e foi fundador da Sociedade Negra Brasileira. Escreveu para o “Correio Popular” de Campinas e colaborou com a imprensa piracicabana com artigos, poesias, contos e crônicas. Versado em vários idiomas como grego, russo, inglês, francês e espanhol. Foi co-

⁹¹ Nascido em Piracicaba em 24.06.1921. Falecido em Piracicaba em 23.08.1988.

⁹² Nascido em São José do Rio Pardo em 10.09.1913. Falecido em Piracicaba em 28.12.1976.

autor da obra “*Antologia Piracicabana*” com o também professor, musicista e poeta Benedito Almeida Junior.

Ao comentar sobre o curso de formação de professores que realizou na *Escola Normal Rural Prof. José de Mello Moraes*, anexa à *Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*, a Sra. Marilu realçou a boa qualidade do ensino que era ministrado nesta unidade escolar. De fato, a julgar pelo currículo de base proposto, tratava-se de um curso integral que oferecia amplitude na formação dos discentes – tanto no campo teórico como prático, constando na grade curricular as seguintes disciplinas: Metodologia e Prática do Ensino; Psicologia Geral e Educacional; Anatomia e Fisiologia Humanas e Biologia Educacional; Sociologia Educacional e Rural; Higiene, Puericultura e Profilaxia Rural; História da Educação e do Ruralismo; Economia Rural; Português; Ciências Físicas e Naturais; Desenho Pedagógico; Matemática e Noções de Estatísticas; Educação Física, Recreação e Jogos; Música e Canto Orfeônico; Trabalhos Manuais e Economia Doméstica; Agricultura Geral e Especial; Zootecnia; Tecnologia Agrícola. Entretanto, observou-se que esta modalidade de ensino não perdurou por muito tempo, tendo a instituição sido transferida para outro local e destinada a atender outras demandas educacionais.

A depoente, assim como os demais entrevistados nesse estudo, revelou um forte laço afetivo estabelecido com o ambiente cultural Teatro Santo Estevão. Demonstrou um grande sentimento de perda, tendo lastimado, como todos os outros entrevistados, o desaparecimento desse espaço que tanto significado teve para sua vida social.

Notou-se, por meio de comparação com os depoimentos da Sra. Jandyra, Sr. João e Sra. Marilu, outra coincidência – no âmbito de inserção na carreira docente – quanto ao desejo de retornar à instituição de formação para exercer suas atividades profissionais. Esse fato nos permite apreender as imagens construídas acerca do *status* ocupado pela instituição pesquisada, junto ao imaginário dos depoentes e ao universo simbólico ou de representações, em que esta instituição escolar se posicionou, tanto diante da comunidade educacional quanto da população geral da cidade.

A Sra. Marilu tem se dedicado exclusivamente às artes plásticas desde sua aposentadoria como docente - “muito mais do que do amanhecer ao entardecer” como ela mesma observou, participando de mostras coletivas e individuais no país e no exterior e ministrando oficinas em seu ateliê. Ultimamente, tem se ocupado com a produção de um livro autobiográfico em que rememora os seus 40 anos de trajetória artística com a reprodução de várias de suas obras de xilogravura, técnica que é pioneira na cidade de Piracicaba.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Numa saudade que punge e mata,
Que sorte ingrata longe de ti,
Em um suspiro triste e sem termo,
Vivo no ermo, dês que parti.
Piracicaba que eu adoro tanto,
Cheia de flores,
Cheia de encantos ...
Ninguém compreende a grande dor que sente
O filho ausente a suspirar por ti! (...)*

*Trecho do Hino de Piracicaba
Prof.º Newton de Almeida Mello*

O sentimento de identidade e de pertencimento são processos que guardam estreita ligação com o lugar de vida dos sujeitos e dos grupos sociais, num determinado espaço-temporal, sendo um constructo histórico, político, social e cultural da mais extrema importância que vem sendo abordados e refletidos por variadas bibliografias em diversos âmbitos das ciências humanas.

Gaston Bachelard (1993) na obra *A Poética do Espaço*, em sua abordagem poético-lírica, realiza uma análise em escala intimista - de espaços particulares, refletindo através da “topoanálise”⁹³ a conjunção da vivência sensível, subjetiva e natural que o indivíduo desenvolve com os espaços geográficos, ou seja, a relação psicoemotiva, afetiva e sensorial que cada sujeito evidencia com o espaço vivido. A casa, os cômodos, os móveis e até mesmo os interiores de gavetas fazem parte de sua temática.

Tal concepção indica certa proximidade com os estudos de Tuan (1980) com relação aos ambientes físicos e o termo “topofilia” cunhado por ele e que define “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. (p, 107). Atentando não somente à percepção das pessoas com o espaço e sim em termos mais abrangentes e complexos como as atribuições de sentidos, as atitudes, as significações, os valores, as construções simbólicas e as leituras de mundo que são formuladas a partir de um lugar em comum.

Ao longo desse trabalho, foram nos fundos de gavetas pouco abertas que se materializaram fotografias antigas, poesias em papéis amarelados, canções em partituras desgastadas, recortes de antigas notícias de jornais e livros com figuras esmaecidas pelo

⁹³ Bachelard (1993, p. 28) cunhou o termo topoanálise e o definiu como “o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima”. (grifo nosso)

tempo - peças-chave para que os depoentes encontrassem os vestígios deixados de sua época de estudantes e estímulos para que rememorassem um passado já bem distante no tempo. Foram suas ricas narrativas somadas aos vários indícios encontrados em outros “lugares de memória” (Nora, 1984)⁹⁴, que congregados, possibilitou a este trabalho adquirir corpo e consistência.

No contato com “o mundo de coisas velhas” (Camargo, 2000) começaram a ganhar relevo uma antiga comunidade de pessoas ligadas ao ensino formal piracicabano e foram se despontando algumas de suas experiências particulares. Passou a ser delineada a dimensão de suas relações intersubjetivas, a se vislumbrar os seus lugares de sociabilidade e surgiram as fontes de classificação para suas criações no campo das representações artísticas e culturais.

Aos poucos, muitas evidências deram visibilidade aos laços desenvolvidos por esse antigo grupo de docentes com seu espaço de vivência que foi a Escola Normal de Piracicaba em comunhão com a própria cidade de Piracicaba. Foram se revelando tanto o empenho individual quanto o coletivo que pautou suas ações na construção de uma cultura peculiar, em face ao contexto de gradual consolidação do ideário republicano.

Esses sujeitos históricos, inseridos numa conjuntura de tensões, crises e lutas no processo de constituição da nova ordem republicana⁹⁵, em que se fazia importante fundamentar uma identidade nacional⁹⁶ e frente à estruturação de um novo paradigma educacional, compareceram na organização do modelo escolar seriado, graduado e científico, tendo sido relevantes suas contribuições para as transformações operadas na modernização das escolas de ensino primário, secundário e de formação de professores de muitas cidades do interior paulista.

Como homens e mulheres de seu tempo, vivenciaram um período demarcado pelo forte apelo nacionalista e *entusiasmo pela educação*, sendo possível inferir que tenham se mobilizado na demonstração de espírito cívico e patriótico, no respeito aos deveres de

⁹⁴ Conceito formulado por Pierre Nora na obra *Les Lieux de Mémoire*, editada a partir de 1984, na França. Para Nora, os “lugares de memória” vão de objetos materiais e concretos ao mais abstrato e simbólico que possibilitam a rememoração do vivido.

⁹⁵ Período em que muito se prometeu e pouco se cumpriu com relação aos direitos à cidadania e à participação de todos no âmbito da educação e em que as condições histórico-sociais entravam em contradição com o dever de função social da formação docente e as concretas possibilidades para sua efetivação. (AZEVEDO, 1976).

⁹⁶ Em conjunto com Ortiz (2006) e Hall (2003), reflete-se que a identidade nacional é uma construção simbólica, um sistema de representações culturais que não é natural e neutro. Hall (2003, p.50) a define como uma “comunidade imaginada”, sendo a cultura nacional “um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos”, fazendo parte de um conceito imaginário que passou a ser erigido fortemente na modernidade, abrangendo uma relação dinâmica entre a dimensão política inerente às relações sociais.

cidadãos e de amor à Pátria e a seus símbolos e em sendo professores, tenham aderido ao *otimismo pedagógico*⁹⁷, tão em voga naquela época.

Envoltos em uma atmosfera que a própria arquitetura do edifício da Escola Normal de Piracicaba sugeria, desenvolveram composições instrumentais, hinos, canções e poesias que expressaram claros sinais de um espírito voltado à ascensão do ideal público e democrático no espaço escolar e na crença da escola como a mais importante instância para o desenvolvimento e progresso do país, como demonstram as produções estéticas dos professores Honorato Faustino, Erotides de Campos, Elias de Mello Ayres e outros.

Ancorados em um modelo educacional de estrutura autoritária e elitista, muitos dos docentes da Escola Normal de Piracicaba, elencados e investigados neste estudo, podem ter reproduzido em suas práticas docentes e em suas dinâmicas sociais, muito ou um pouco das contradições contidas na organização educacional, política e social da época, sustentando uma postura ideológica, rígida, austera e disciplinadora, como explicitado pelas narrativas dos depoentes neste estudo. Entretanto, o balanço geral de suas reflexões aponta no sentido da conformação de um quadro positivo com relação às ações educativas desses antigos docentes⁹⁸.

Advindos de um contexto rural e de forte tradição da cultura caipira, as criações artísticas de alguns desses educadores, refletiram um pouco dos costumes, dos anseios e dos sentimentos de parte da sociedade de seu tempo e suas obras compuseram uma fonte de informações para a historiografia, permitindo a reconstrução do ambiente social, intelectual e cultural da sociedade piracicabana naquele tempo histórico.

As cenas das ruas e bairros da Piracicaba do início do século XX, retratadas pelas pinturas dos irmãos Dutra, constituem hoje fontes iconográficas - uma significativa contribuição dos professores-artistas para a história da cidade. Ao retratarem os afazeres e a

⁹⁷ Como já mencionado no Capítulo 2 dessa dissertação, o advento da República carrou expectativas diversas na sociedade brasileira, principalmente quanto a impulsionar o “progresso nacional”, tendo a educação adquirido um papel supervalorizado junto a alguns segmentos sociais - entendida como a base para resolver os problemas brasileiros. Esse movimento foi cunhado por Nagle (1976) na categoria de “entusiasmo pela educação”. O segundo movimento designado pelo autor como “otimismo pedagógico”, ocorreu nas décadas posteriores, com novo redimensionamento na organização, administração e técnicas educacionais com a introdução de novos elementos de infraestruturas, com a busca de otimização do ensino e de melhorias nos processos didáticos e pedagógicos da rede escolar.

⁹⁸ Notou-se, por meio das entrevistas, com o cruzamento das narrativas desse conjunto de indivíduos e pela análise do percurso vivencial dos mesmos, que certas mediações pontuais, conhecimentos culturais e estéticos transmitidos pelos seus antigos educadores e elementos socioculturais vivenciados no espaço escolar investigado (constitutivos nos seus processos de auto e heteroconstrução de si mesmos), demonstraram ter feito sentido ao longo de suas trajetórias de vida, no âmbito de formação geral: acadêmica, cultural e pessoal; igualmente relevantes no campo da identidade e profissionalidade educadora, posto que os cinco depoentes tenham evidenciado a construção de uma carreira docente exitosa.

vida cotidiana de pessoas simples - socando o café, casas de caboclos, velha pitando, caipira pescando, lavadeiras no rio, tocador de viola - promoveram a perenidade estética de uma realidade social e hábitos populares que foram se esvaecendo com a modernização da cidade e a aglutinação do território rural.

A atenção do professor Archimedes Dutra no sentido de preservação da história da cidade, para a criação da Pinacoteca Municipal de Piracicaba, para a fundação da Associação de Artistas Plásticos de Piracicaba e da Escola de Música de Piracicaba, também figuram como benefícios duradouros para vários âmbitos da sociedade local. A concepção da disciplina Desenho Pedagógico (por ele e seu irmão Antônio Pádua Dutra) em meados da década de 1930, estruturou uma nova abordagem voltada às especificidades do curso de formação de professores e trouxe contribuições para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas do estado de São Paulo.

A literatura do professor Thales Castanho de Andrade, circunscrita àquele período histórico, salientou a importância do homem do campo⁹⁹, vindo também este docente a desenvolver projetos que visavam maior apoio à educação campesina. Conjuntamente, acolheu uma nova concepção de infância ao promover uma modalidade de escrita voltada ao público infantil e juvenil, insipiente em sua época, evidenciando sua adesão ao ideário da criança ativa e aos preceitos da pedagogia moderna. Demonstrou ainda, uma visão à frente de seu tempo, ao produzir obras que se voltaram à conscientização da criança no cuidado com a flora e a fauna regionais e com a preservação do meio ambiente.

A *Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba* fundada na década de 1920, pelo professor Fabiano Lozano e demais membros da Escola Normal de Piracicaba, avançou até a atualidade e se estabeleceu como a segunda mais antiga instituição nacional voltada a fins culturais, legando à cidade maior organização no campo cultural-artístico¹⁰⁰.

O edifício suntuoso que se destinou a abrigar a *Escola Normal Oficial de Piracicaba*, no início do Século XX, alcançou a época atual conservando suas características

⁹⁹ Com o apelo de modernização do novo paradigma capitalista e as modificações que se operavam neste contexto, preconizando a superioridade do modo de vida urbano sobre o rural, observou-se a incidência de crescentes preconceitos e estereótipos aos habitantes da zona rural, caracterizados como indivíduos rústicos, sem instrução, ingênuos, preguiçosos, desnutridos e doentes. Na literatura, o personagem Jeca-Tatu do conto *Urupês* elaborado por Monteiro Lobato em 1918, congregou todos esses estereótipos do trabalhador rural. (MARTINS, 1975).

¹⁰⁰ Esta agremiação, na atualidade, denominada de *Associação de Cultura Artística de Piracicaba*, conta com a participação da *Orquestra Filarmônica de Piracicaba*, a qual promove eventos culturais voltados a todos os públicos, principalmente na divulgação da música erudita, além de desenvolver um projeto educacional, de cunho gratuito, para democratizar o acesso aos jovens das camadas populares no aprendizado da música instrumental. A publicação de um periódico anual, denominado *Revista da Cultura Artística*, também se propõe a abrir um espaço de debates às novas ideias e possibilidades para a área cultural, intelectual e estética da cidade.

arquitetônicas e funcionais intactas, figurando, na sua materialidade, como um importante *lugar de memória* - suporte (material) preponderante no processo de preservação dos vestígios do passado e de valorização da memória (imaterial) social e educacional piracicabana e vem se mantendo, continuamente, como *locus* público, de ativa e efetiva produção de saberes e transmissão de conhecimentos.

Nesse sentido, foi possível por meio dessa pesquisa constatar a significativa contribuição dos bens estéticos e culturais construídos pelo projeto da Escola Normal de Piracicaba, em sua trajetória histórica. A divulgação de seus ideais de valorização e fortalecimento da arte e cultura reverberam até os dias atuais como patrimônio da comunidade piracicabana. Embora tenha sido um projeto do passado, sua força criativa e originalidade geram frutos que podem ser vislumbrados no presente.

Contudo, importante que se pronuncie, afinal, com referência a má conservação das inúmeras fontes materiais históricas ainda existentes no interior desse edifício centenário, como por exemplo: livros-ponto, livros de matrícula, acervo de obras literárias, materiais didáticos, mobiliário e demais objetos antigos, os quais, por falta de acondicionamento adequado, correm sério risco de aniquilamento. Esta realidade, em curto prazo, poderá comprometer ou até inviabilizar a construção de novas investigações acerca do passado desta instituição de ensino e de seus inúmeros atores sociais e constituir uma perda irreparável para a história educacional brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M.L. de A. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Moderna. 2006.
- ADAMETES, C. M. **O olhar da inclusão: possibilidades de pesquisa de campo com catadores de lixo**. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia). FCLAR/UNESP.
- AZEVEDO, F. **A transmissão da cultura**. São Paulo: Melhoramentos-MEC. 1976.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARROS, M. de. **Memória e família**. Estudos Históricos, v.2, p. 29-43, 1989.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. vol.1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 1985.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 16ª ed. São Paulo: Cia. das Letras. 2010.
- CALVINO, I. **As seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAPRI, R. **Piracicaba - São Paulo - Brasil**. Roma: Tipi Della Tipografia Poliglotta, 1914.
- CARVALHO, M. M. C. Reformas da Instrução Pública. In. LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. F.; VEIGA, C. G. (org). **500 anos de educação no Brasil**. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAMARGO, M. G. **Coisas Velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)**. S.P.: UNESP, 2000.
- CARRADORE, H. P. **Retrato das tradições piracicabanas: história e folclore**. Piracicaba, SP: Equilíbrio, 2010.
- _____. **Thales de Andrade: uma história verdadeira**. Piracicaba: Editora Degaspari, 2004.
- CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. 3ª ed. São Paulo: Martins. 2001.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes de Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Alges-Portugal: DIFEL, 2002.
- CRUZ FILHO, R. **História das Artes em Piracicaba**. Piracicaba: Ed. Degaspari, 2007.

- DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.
- EAGLETON, T. **A ideia de Cultura**. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- ELIAS NETTO, C. **Dicionário do Dialeto Caipiracicabano**: Arco, Tarco, Verva. Piracicaba: Academia Piracicabana de Letras, 2001.
- _____. **Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba - Século XX**. Piracicaba: IHGP, 2000.
- ESCOLANO, A. A Arquitetura como programa. In: FRAGO, A.V.; ESCOLANO, A. **Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. R.J: DP&A, 1998.
- FERREIRA, J. M. **O mundo de Fabiano Lozano**. Piracicaba: Orquestra Sinfônica de Piracicaba, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GATTI JUNIOR, D. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JUNIOR, D. (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/MG: EDUFU, 2002.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª ed., 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIESBRECHT, R. M. **Sud Mennucci: memórias de Piracicaba**. Porto Ferreira. São Paulo: Imprensa Oficial: São Paulo, 1998.
- GILIOLI, R. de S. **Civilizando pela Música: a pedagogia do canto orfeônico na escola paulista da primeira república (1910-1930)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2003.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GUERRINI, L. **A semana na História**. Piracicaba/SP: Equilíbrio, 2010.
- _____. **História de Piracicaba em quadrinhos**. 1º volume. Piracicaba/SP: IHGP, 2009. a
- _____. **História de Piracicaba em quadrinhos**. 2º volume. Piracicaba/SP: IHGP. 2009. b
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.
- HILSDORF, M. L. S. Lourenço Filho em Piracicaba. In: SOUSA, C. P. de (org.). **História da Educação: processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras Editora.1998.

HUSSAR, S. C. F. de M. **Uma história musical de Piracicaba: memória e tradição.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. UNIMEP Piracicaba, 2012.

IGLÉSIAS, F. de A. **Memórias de um agrônomo: à noiva da colina - Piracicaba.** Piracicaba: Agronomia Ceres, 2003.

LARROSA, J. **Experiencia y alteridade em educación.** Rosario: Homo Sapiens Ediciones. 2009.

LOMBARDI, José C. **História e historiografia da educação no Brasil.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas. 2003. n.14.

Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis14/art4_14.pdf>. Acesso em: 22 Set. 2015.

LOPES, I. **A turma de Cornélio Pires: os pioneiros da Moda de Viola em 1929.** São Borja/SP: M&Z Composições Gráficas. 1999.

LOPES, E. M. T.; FILHO, L. M. F. ; VEIGA, C. G. (org). **500 anos de educação no Brasil.** 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOURENÇO FILHO. **Introdução ao estudo da Escola Nova.** São Paulo: Melhoramentos, 1950.

LÜDKE, M, e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARCONDES, N. **Na trilha do passado paulista: Piracicaba século XX.** Piracicaba/SP: Degaspari, 2008.

MARTINS, J. S. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil.** São Paulo: Pioneira, 1975.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral.** 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 18ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MOURA, J. C. **Alvorada de Lírios: Obra Musical de Erotídes de Campos.** Piracicaba: FEALQ, 1996.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República.** R.J.: E.P.U, 1976.

NEME, M. **Um município Agrícola: Aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba.** Piracicaba/SP: Equilíbrio, 2010.

_____. **História da Fundação de Piracicaba.** Piracicaba/SP: IHGP, 2009.

NORA, P. Traduções. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. In *Les Lieux de mémoire. I La République*, Paris: Gallimard, 1984.

NUNES, C. **História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos**. Teoria & Educação. n. 6, 1992.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 9ª reimpr. 2006.

PERECIN, M. T.G. **A síntese urbana: 1822 a 1930**. 2ª ed. Piracicaba: IHGP, 2009

_____. **A Educação Pública no Interior do Estado de São Paulo: Piracicaba como Modelo de Experiência Pedagógica na 1ª República**. Revista Anual IHGP. Ano XII. n.12. 2005.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5. n. 10, p. 200-212, 1992.

PFROMM NETTO. S. **Dicionário de Piracicabanos**. São Paulo: PNA, 2013.

PFROMM NETTO. S.; MARTINS, C. R. S. **Pena, escudo e lança: cem anos do Jornal de Piracicaba e cronologia do século XX**. 2ª ed. Piracicaba/SP:PNA, 2003.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Relatos orais: do 'indizível ao 'dizível'. In: SIMSON, O. de M. V. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

RANKE, L. **O conceito de história universal (1831)**. In: MARTINS, E.R. (org). *A história Pensada – Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, E. **História do Movimento Anarquista no Brasil**. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 12ª ed. Petrópolis/RJ:Vozes, 1990.

SAVIANI, D. **Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema do contexto brasileiro**. Revista Brasileira da Educação, v.14, n. 40, jan/abril 2009.

_____. **Política e Educação no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1988.

SCHILLER, F. **Sobre a Educação Estética do ser humano numa série de cartas e outros textos**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

SIMSON, O. de M. V. Memória, cultura e Poder na sociedade do esquecimento. In: FARIA FILHO, L.M. **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

STANISLAVSKY, C. de F. S. **A coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade (1928-1964): Reflexões sobre a Leitura Escolar no Brasil.** Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Filosofia e Ciências/Unesp/Campus Marília, 2011.

TORRES, M. C. T. M. **Piracicaba no século XIX.** Piracicaba. SP: Equilíbrio: IHGP, 2009.

TUAN, Y.F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL, 1980.

VALE, A. D. **Tales de Andrade: Representações de Brasil.** Piracicaba: Biscalchin Editor, 2009.

VELLOSO, A. C. F. **Os Artistas Dutra – oito gerações: presença de mais de dois séculos na arte do Brasil.** São Paulo: SOCIARTE, 2000.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WOLF, S. F.S. **Escolas para a República: Os primeiros passos da Arquitetura das Escolas Públicas.** São Paulo: USP, 2010.

Sites consultados

<http://academiapiracicabana.blogspot.com.br/2010/12/laudelina-cotrim-de-castro.html>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/gente-nossa/dr-honorato-faustino-de-oliveira/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/artes-e-artistas/os-dutra-herdeiros-de-miguelzinho-2/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/artes-e-artistas/archimedes-dutra/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/artes-e-artistas/antonio-de-padua-dutra/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/gente-nossa/elias-de-melo-aires/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/almanaque/em-1900-a-primeira-turma-do-sud/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/gente-nossa/erotides-de-campos/>

<http://www.aprovincia.com.br/bom-dia/florenca-atenas-e/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/especial/o-aplausos-de-mario-de-andrade-ao-orfeao-de-lozano/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/artes-e-artistas/50-anos-do-salao-de-belas-artes/>

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/artes-e-artistas/joaquim-bueno-de-mattos/>

www.crmariocovas.sp.gov.br

<http://www.piracicaba.sp.gov.br/imprimir/ex+atletas+do+basquete+do+xv+foram+homenageadas+apos+50+anos.aspx>.

<http://www.sinfonicadepiracicaba.org.br/conteudo/mostra/1/historia-da-orquestra-sinfonica-de-piracicaba>

Gazeta de Piracicaba. Edição de 07.07.1893

Jornal de Piracicaba. Edições de 21.03.1915; 25.05.1958; 11.07.1967; 19.04.1985.

Acervos consultados

Acervo da Escola Estadual Sud Mennucci

Acervo da Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba

Almanaque - Almanak de Piracicaba para o ano de 1900

Almanaque 2000

Associação dos amigos de Thales de Andrade

Biblioteca Municipal de Piracicaba “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”

Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural - CONDEPAC

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba - IHGP

Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” de Piracicaba

Série Patrimônio Cultural de Piracicaba – vol. 1. DPH IPPLAP - 2012

Sociedade da Cultura Artística de Piracicaba

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado Sr.(a),

Eu, Márcia Scarpari de Giacomo, portadora do RG nr. 16342029-4, aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da UNESP, Campus de Rio Claro/SP, orientanda da professora Dr^a. Marilena A. J. G. de Camargo, convido o Sr. (a) para participar do estudo: Escola Normal de Piracicaba: Patrimônio estético-cultural (1913-1945), que tem o objetivo de resgatar as memórias a respeito da educação estética e das práticas artísticas ambientadas na instituição de ensino que hoje é conhecida como Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba. Ressaltamos que sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir em qualquer momento, sendo que sua desistência não terá qualquer implicação ou consequência sobre você. Mediante sua concordância em participar da pesquisa, realizaremos uma entrevista, na qual eu irei fazer as perguntas e ouvirei suas respostas, sendo elas gravadas. Você tem direito a recusar a gravação, prosseguindo a entrevista que será anotada. A entrevista será previamente agendada em local e data de sua preferência; devendo ser realizada em um ambiente reservado, onde haja privacidade e quando estaremos presentes somente você e eu. A duração da entrevista deverá ser em média de uma hora. Os riscos em participar dessa pesquisa consistem em você se sentir desconfortável com alguma pergunta. Caso isso ocorra, você terá direito de não responder, solicitar esclarecimentos ou mesmo a interrupção da entrevista. Você tem o direito de desistir de participar em qualquer momento desse processo, retirando assim o seu consentimento. Caso ocorra algum desconforto em decorrência de sua participação, você deve nos comunicar, ficando livre para desistir de participar. Os dados coletados na entrevista serão utilizados como dados de pesquisa, garantindo-se o sigilo e o anonimato se assim você decidir, isto é, nenhuma identidade pessoal será usada em qualquer relato ou publicação que possam resultar do presente estudo. Informo também que não haverá nenhum custo financeiro, bem como nenhum ressarcimento pela sua participação nesta pesquisa. Os benefícios de sua participação seria a possibilidade de resgatar uma parcela da história da Escola Normal de Piracicaba, através da memória de sua história individual, enfim, desenvolver um registro de sua história particular para se somar a outras histórias individuais com intuito de obtenção de maior conhecimento a respeito de uma parte da trajetória dessa instituição escolar e de seus membros partícipes (ex-professores, ex-alunos). Caso você queira realizar algum comentário ou questionamento em relação a sua participação neste estudo, poderá fazê-lo com a pesquisadora responsável Márcia Scarpari De Giacomo ou com a prof.^a Dr.^a Marilena A. Jorge Guedes de Camargo. Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o você e outra com a pesquisadora.

(Cidade) _____/_____/_____

Assinatura do Pesquisador Responsável
pesquisa

Assinatura do participante da
e/ou representante legal

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista

1. Nome e data de nascimento
2. Formação profissional
3. Como foi a trajetória de sua vida estudantil, na Escola Normal de Piracicaba?
4. O sr (a) se lembra dos nomes de alguns professores e as disciplinas que ministravam?
5. Houve alguma experiência particular relevante, qualquer situação ou algum fato que tenha marcado sua vida e que tenha relação com esta instituição escolar?
6. Teve alguma experiência ligada à arte nessa instituição (música, desenho, teatro, literatura, trabalhos manuais etc.)? Poderia narrar como eram essas aulas e a lembrança que tem dos seus professores?